

REVISTA DA SEMANA

Nº 7

12-2-49

Cr\$ 3,00 EM TODO O BRASIL

BIBLIOTHECA NACIONAL
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL





Onde há poeira há germens... e onde há germens há sempre o perigo de graves doenças. Elimine essa ameaça constante à saúde de sua família com o moderno aspirador de pó HOOVER.

Substitua as vassouras e espanadores antiquados e anti-higiênicos por este aparelho de comprovada eficiência. Acessórios especiais para a limpeza de tapetes, paredes, tetos, cortinas, móveis, escadas, livros, etc.

GARANTIA DE UM ANO

ASSISTÊNCIA TÉCNICA PERMANENTE

ACESSÓRIOS E PEÇAS SOBRESSAIENTES EM ESTOQUE

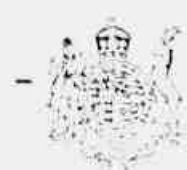
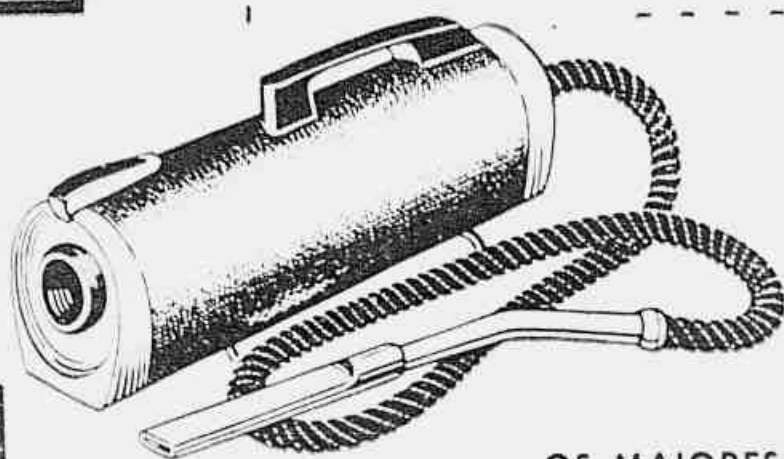


ERWIN-WASEY

DISTRIBUIDORES:

S. A. PHILIPS do BRASIL

RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - RECIFE - PORTO ALEGRE - BELO HORIZONTE - CURITIBA



BY APPOINTMENT
EXCLUSIVE VACUUM CLEANER
SUPPLIERS TO
H.M. QUEEN MARY



BY APPOINTMENT
EXCLUSIVE VACUUM CLEANER
SUPPLIERS TO
H.M. KING OF THE NETHERLANDS



BY APPOINTMENT
EXCLUSIVE VACUUM CLEANER
SUPPLIERS TO
H.M. KING OF THE BELGIANS

HOOVER

OS MAIORES FABRICANTES DE ASPIRADORES DO MUNDO

O Universo

A O século XX cabe, por sem dúvida, a honra de ter provado, experimentalmente, o que há milhares de anos pressentiam os filósofos e imaginavam os físicos: a unidade universal da Matéria. O que Lucrécio anteviu, com a claridade prodigiosa de seu gênio, sabem-no, agora, os cientistas da era atômica, que manejam os mais poderosos instrumentos que ainda viram os olhos humanos.

O Instituto Smithsonian, dos Estados Unidos, anuncia, com efeito, a nova estupenda: graças à possibilidade de se modificar a estrutura atômica dos corpos, "pode-se converter areia em azeite, gordura e borracha". Em verdade, a partir da segunda metade desta centúria, não haverá problemas econômicos, nem lutas de classes, porque tudo se pode transformar em tudo... O dono de um árido deserto pode vê-lo mudado, rapidamente, em magnífico, virente olival. À beira-mar o pescador infeliz tem, a seu dispor, riquezas tão numerosas quanto os grãos de areia que a compõem, e os desertos, pelos quais até ontem não litigavam as potências, passarão a ser reservas inesgotáveis de alimentos preciosos e prestantes...

A unidade da Matéria modifica completamente as nossas antigas idéias sobre as coisas e os seres que nos cercam. Não há distância apreciável entre a pata de um cavalo e o lábio de uma donzela, entre a pétala de uma flor e a massa de um paralelepípedo. Concretiza-se, imprevisivelmente, em realidade, a velha aspiração humana de uma "pedra filosofal" que transmute metais vis no ouro precioso e esquivo. O chumbo, o cobre, a própria acha de lenha, o mesmo granito bruto, tudo pode converter-se em pepitas de ouro — cuja exuberância terá, por isso mesmo, revolucionado o sistema monetário das nações e a base financeira da civilização.

As mais pueris pilhérias — tais como o "gosto de cabo de guarda-chuva" — encontram, na prática atômica, sua formidável realidade. Se pudemos mudar areia em presunto, e saibro em arroz doce, por que não nos ocorre fazer de um cabo velho de guarda-chuva o mais fino chá da Índia que já provou o paladar ocidental?

O máximo problema social de todos os tempos — a fome — encontra-se, desta arte, subitamente resolvido. Pode a população do mundo ascender a três ou cinco bilhões de seres. A doutrina de Malthus já não encontra guarida no cérebro assustado dos sociólogos. As fábricas atômicas, com quaisquer ferros velhos, móveis usados e papel de jornal, podem facultar-nos montanhas de vagens, batatas, feijões, senão caviar fino e outras iguarias outrora adstritas à bôca dos ricos...

O velho axioma segundo o qual "nada se cria, nada se perde na Natureza", foi, realmente, uma antecipação atrevida das realidades científicas do nosso tempo. O que existe, no panorama físico do planeta, é a mutação eterna das coisas: o que hoje é corpo humano, amanhã é rubicundo tomate, argila fria ou flor perfumosa... O que foi, um dia, Anatole France ou Baudelaire, será amanhã um punhado de barro, uma panela de alumínio ou uma enxada de ferro. As criaturas nada valem, porque, no fundo, o balanço da Matéria universal permanece o mesmo — qualquer que seja a etapa da viagem que a Terra esteja fazendo, no seu destino astral e eterno...

Nossa pobre vida humana é um sôpro que passa despercebido no tumulto das transformações orgânicas inflexíveis do planeta. Árvores, peixes, rosas, pedras, fragmentos de astros, cartas de amor, constituições de Estado, cascas de frutas — tudo é uma só coisa, ou numa só coisa vem a dar. Quando queremos corporificar nossa velha aspiração de eternidade — que fazemos? Talhamos uma estátua em granito ou bronze, e cuidamos que já ali fizemos uma ilha de imortalidade, a desafiar a força corrosiva dos séculos!... Pura ilusão! O mármore desgasta-se, o bronze acaba-se, e tudo volta a ser o que primitivamente era: a matéria-prima do mundo.

A cisão do átomo tirou-nos as últimas ilusões sobre a nobreza de certos metais, a superioridade de determinados materiais terrenos. Os **protônios** e **mesônios** são, realmente, os elementos básicos do Universo. O Sol e a Lua têm a mesma composição física, a mesma estrutura íntima. E nós, corpos organizados, aquecidos pelo sôpro breve da vida, não fazemos exceção às leis físicas que presidem a composição do Cosmos...

Se, por desgraça, filósofos perversos nos roubarem nosso formoso instinto da imortalidade, e não acharem em nós uma alma eterna, acabaremos em pó sem a esperança, sequer, de que, um dia, voltando à forma organizada e humana, possamos louvar ao Senhor — que nos tirou do barro, ou seja, da substância bíblica onde se ocultavam, durante milênios, os **protônios** e **mesônios** da nossa terrível ciência atômica...

REVISTA DA SEMANA

SEÇÕES PERMANENTES

O Universo (Berilo Neves)	3
A personagem da semana	8
A semana em revista	8
O mundo marcha	9
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	45

REPORTAGENS

O dia de uma girl	4/7
A ação do governo	12/13
Educando para o sacrifício (Giovani Sabattini)	28/33

LITERATURA

Livros novos (João Luso)	10
Vida literária	56

CARICATURA

O mundo manca e a mula murcha	14
Bom humor	11

RÁDIO

Broadcast (A. Migueis)	15
------------------------	----

CINEMA

Aventuras de D. Juan	16
Cine-revista	55

BIOGRAFIA

A vida de Einstein	18
--------------------	----

SUPLEMENTO DA MULHER

Nas bastidores femininos	19
Do Diretório ao Império	20/21
Para o seu veraneio	24
Beleza das mãos	25
Para um jantar elegante	26
Para todos os dias	35
Mães e filhos	36
Detalhes e novidades	36/37
Week-end na cozinha	37
Chapéus de Paris	38
Praia	40
Prático e econômico	43

CONTOS

Hayew (Somerset Maugham)	22
--------------------------	----

TURISMO

Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra)	46
---	----

AVIAÇÃO

Pelas estradas do céu (André Max)	47
-----------------------------------	----

NOVELA

A promessa (C. L. Jones)	48
--------------------------	----

MÚSICA

Várias (Roberto Lyra Filho)	51
-----------------------------	----

FOLHETIM

Drago	53/54
-------	-------

TEATRO

Senhora	57
As medalhas de ouro (José Fomm)	57

ARTES PLÁSTICAS

Exposição Sotero Cosme (A. Ravel)	23
-----------------------------------	----



NOSSA CAPA

Ilustra a nossa capa deste número a encantadora morena Linda Darnell, "estrela" da 20th Century-Fox. Dona de rara beleza e grande dose de talento, Linda tem-nos dado magníficas "performances" em toda a sua brilhante carreira cinematográfica.

(Foto T.C.-Fox)



Despertar! O dia já vai longe, e as obrigações cotidianas forçam-na a deixar o leito. Um prolongado bocêjo revela a vontade de dormir mais um pouco... Impossível, porém, pois é preciso comparecer ao ensaio, a fim de que tudo corra bem no "show". Esterzinha resiste à tentação do sono e caminha para a praia

O DIA DE UMA "GIRL"...

COMO SE DESENROLAM AS VINTE E QUATRO HORAS DE UMA DESSAS FIGURINHAS QUE FAZEM VIBRAR A ALMA MOÇA DAS PLATÉIAS

Reportagem de ARMANDO MIGUEIS

Fotografias de ARNALDO VIEIRA



Vinte e duas horas. Embora o "show" comece às vinte e quatro horas, ela já se encontra a postos, aguardando o momento de ser chamada à cena. Discípula ou não de Sartre, ela num traje p'rá lá de existencialista

A "girl". Discípula ou não de Sartre, ela constitui a doutrina existencialista do nosso teatro de revista, em torno do qual gravita o interesse de uma platéia moça, ávida por esse realismo de que nos fala Alfred Fouillé, quando afirma que "não é mais que a sinceridade na arte, que deve ir crescendo com o desenvolvimento científico".

Mas, embora parecendo uma carreira suave, onde tudo sorri, há muito de suor e lágrimas na vida de uma "girl". Prêsa às exigências de severos contratos, em que sobram pesadas multas pela mais insignificante falta, elas se submetem a ensaios árduos e cansativos, alimentando-se, via de regra, após o término do espetáculo que, em geral, finda aos primeiros alhores da madrugada. A todos esses sacrifícios junta-se, ainda, o martírio das luzes, a movimentação incessante no palco e muitos outros pequenos detalhes que martirizam o corpo.

No entanto, se deve grande parte do sucesso de revistas e "shows" a essa graciosa figurinha, pois contribui com o seu

encanto, personalidade e arte, para o êxito maior das realizações em que toma parte. E' a nota de poesia, o toque de beleza das criações vindas dos cérebros dos produtores de espetáculos, mas, infelizmente, constitui também a classe menos protegida do meio artístico. E explicamos: trabalha com tarefa de gigante. Especialmente em teatro — e há dias em que tem de fazer o mesmo espetáculo três vezes! — a "girl" enfrenta o trabalho duro que não deixa trair por trazer sempre um sorriso nos lábios cuidadosamente pintados.

Em média, uma "girl", nos espetáculos de revista de nossos teatros, entra em dez números. São, portanto, vinte mudanças de roupa, a curtos intervalos e, quase sempre, por um absurdo que se não compreende, que levam a "girl" a subir degraus e mais degraus para seus camarins, pois, via de regra, não ficam no palco, perto da cena, os compartimentos a ela destinados, enquanto artistas que pouco entram na revista, os têm. Isso, sem contar constantes ensaios que

Copacabana, princesinha do mar! As ondas brincando num vai-e-vem contínuo, envolvem o corpo moreno da loura "girl". Depois, um pouco de ginástica para distender os músculos e afugentar o reumatismo. Esterzinha é quase uma menina. Mas quanto de talento artístico possui essa garota insinuante, que todas as noites, ali no "grill-room" do Copacabana, distrai uma plateia moça e granfina!

fazem com que esses adoráveis palminhos de cara que vocês vêm aqui e ali, permaneçam mais tempo no teatro, do que em casa.

O OUTRO LADO DA VIDA

Estamos a referir-nos constantemente aos teatros, mas esse problema também existe em relação às "boites". Frisamos o teatro, porque está em maior número, mas há duas casas da cidade que mantêm "shows", o "Night and Day" e o Copacabana, em seu "grill room". Ali, também elas trabalham, acrescentando-se que entram em serviço cerca das vinte e duas horas, quando se mantêm "intra-bastidores" aguardando a hora do "show" que é sempre depois da meia noite, o que leva a "girl" a deixar a "boite", perto das duas horas da madrugada.

Mas, apesar dêsse trabalho todo, de obrigações diversas, nota-se em todas elas, apenas uma ambição; progredir, mas ali mesmo. Se é uma "girl" ainda novata, atingir a primeira fila, aos solos das bailarinas consagradas, ao microfone como "crooners"; nos teatros, às pontinhas de alguns papéis, ao posto de artista e um dia ao "estrelato". Sempre, enfim, visando a única recompensa que acham excelente e com a qual sempre sonharam: o aplauso do público.

Agora dirão: e a compensação material? Sim, um "girl", elemento importantíssimo em um espetáculo, no teatro ou nas "boites", deve ganhar bem. E aqui, parodiando o poeta, devemos responder: "Silêncio, musa..."

A compensação é diminuta e o ordenado é muito aquém do que se poderia imaginar, principalmente nestes tempos duros de viver...

A PROCURA DE UM MODELO

A idéia de fazermos esta reportagem, como já dissemos, surgiu, junto ao lançamento de um concurso para a escolha da "Rainha da Girl de 1949". É um pleito que culminará no sábado magro, em um grande baile realizado no Teatro Carlos Gomes e que está trazendo em grande animação, as pequenas que emprestam o brilho de sua mocidade a esses espetáculos cheios de cor, de som

e alegria que são as nossas revistas e "shows".

Queríamos entrar em contacto com essas moças. Conhecer alguma coisa mais a seu respeito que não apenas constatar a habilidade com que sabem pisar um palco. Queríamos contribuir para a valorização dessas figurinhas que são o ponto alto das realizações artísticas acima citadas, embora certos empresários não se capacitem disso, pagando ordenados ridículos, motivo que impede o crescimento do número de moças a serviço dos corpos de baile. Este o objetivo da reportagem em foco. Para realizá-la escolhemos uma deliciosa garota que enche de animação os "shows" do Copacabana. É quase uma menina. Uma lourinha graciosa que adora a arte e está sempre satisfeita com tudo. É Esterzinha. Destacamo-la em meio às suas colegas, em pleno trabalho, pela alegria que trazia em seu rosto, pelo entusiasmo com que dançava e pela mocidade que fazia luzir.

Em Esterzinha, escolhemos um modelo de "girl". Através de suas declarações, julgamos ouvir todo o numeroso conjunto de pequenas que valorizam essas festas de luz e encanto que são os quadros de fantasia que o carioca aplaude nos palcos da cidade.

Eis a "girl" que procurávamos. Pessoalmente ainda nos parece mais jovem que no palco. Sorridente, amável e atenciosa, apresenta-nos algumas colegas e põe-se inteiramente às ordens para o que desejássemos. Ester Tarcitano é seu nome completo. Ascendência italiana, meio caminho andado para o gosto pelas artes. Na conversa surge uma revelação interessantíssima: até há bem poucos anos atrás, estudava em um colégio de freiras, mas seu desejo era dançar, lia tudo quanto se relacionava a "ballet", acompanhando entusiasmada a vida sedutora das grandes bailarinas. Pavlova era seu ídolo. O resultado tinha que ser esse. Um dia deixou o colégio e procurou uma escola de dança. Mais tarde, aprendeu sapateado com o falecido Gus Brown, há pouco assassinado de maneira revoltante. Quando este professor ingressou no elenco de Walter Pinto, levou a aluna para o



O espetáculo não pode parar. A ex-aluna do colégio de freiras, uma lourinha que adora a arte está sempre satisfeita com tudo, volta ao palco para encher de alegria o toque de beleza das criações vindas dos cérebros de produtores de espetáculos





Quando os primeiros raios de sol começam a se espalgar sobre a cidade que descansa, a "girl" vai buscar no aconchêgo do leito, o repouso necessário a um novo dia de lutas. E, envolvida nos braços de Morfeu, ela sonha com um amanhecer mais risonho na carreira que abraçou. Em seu semblante estampa-se o cansaço que o trabalho do "show" provoca...

corpo de baile do Recreio, onde logo se revelou elemento destacado. Ao pisar o palco pela primeira vez, teve a impressão que se realizavam todos os seus sonhos, pois nunca deixara de pensar no dia em que tal ocorreria. Sentiu-se então, muito feliz. Era tudo quanto desejava. Ao ver o entusiasmo com que a moça falava de sua profissão, indagamos-lhe se nunca havia experimentado dissabores na mesma. E ela simplesmente responde-nos:

— Até hoje, não. Aqui, em nosso meio, logicamente, nem tudo são flores. Temos os nossos espinhos... Mas as causas de desavença não são tão graves que durem até ao fim de uma noite de trabalho...

— E qual a sua maior ambição? — perguntamos.

— Prefiro confiar ao futuro a realização de alguns desejos. Na vida artística, de que dificilmente me separarei, conto progredir muito mais. Nunca me descuido dos estudos e tenho fé que um dia terei conseguido bastante. Quanto a outros planos, creio que sou como todas as mulheres: quero um lar e muitos filhos. Só isso poderá forçar a minha retirada do palco. Mas creio que ainda é muito cedo para pensar nisso.

A loura figurante dos "shows" do Copacabana guarda, como se fôsse hoje, o dia em que experimentou a maior emoção de sua carreira artística. Fez uma "pontinha" (um pequeno papel) com Walter Dávila e Manuel Vieira, na peça "Rabo de Foguete", na mesma Companhia de

Walter Pinto, ali no velho Recreio. Não cabia em si de contente, quando lhe foi confiada a tarefa.

Quisemos saber como decorriam vinte e quatro horas na vida de uma "girl". Esterzinha não se faz de rogada. E diz-nos que de manhã, quando há sol, não deixa de ir à praia, embora a hora tardia a que sai do Copacabana. Depois estuda, lê, estuda canto. À tarde, quando não tem ensaios, descansa, ou vai a um cinema. E por falar em cinema, Esterzinha já tem aparecido em vários filmes em pequenos papéis e ainda agora tomou parte na filmagem de "Estou Ai..." Quando tem que filmar, e é constante sua atividade nos estúdios nacionais, é obrigada a transformar todos os seus

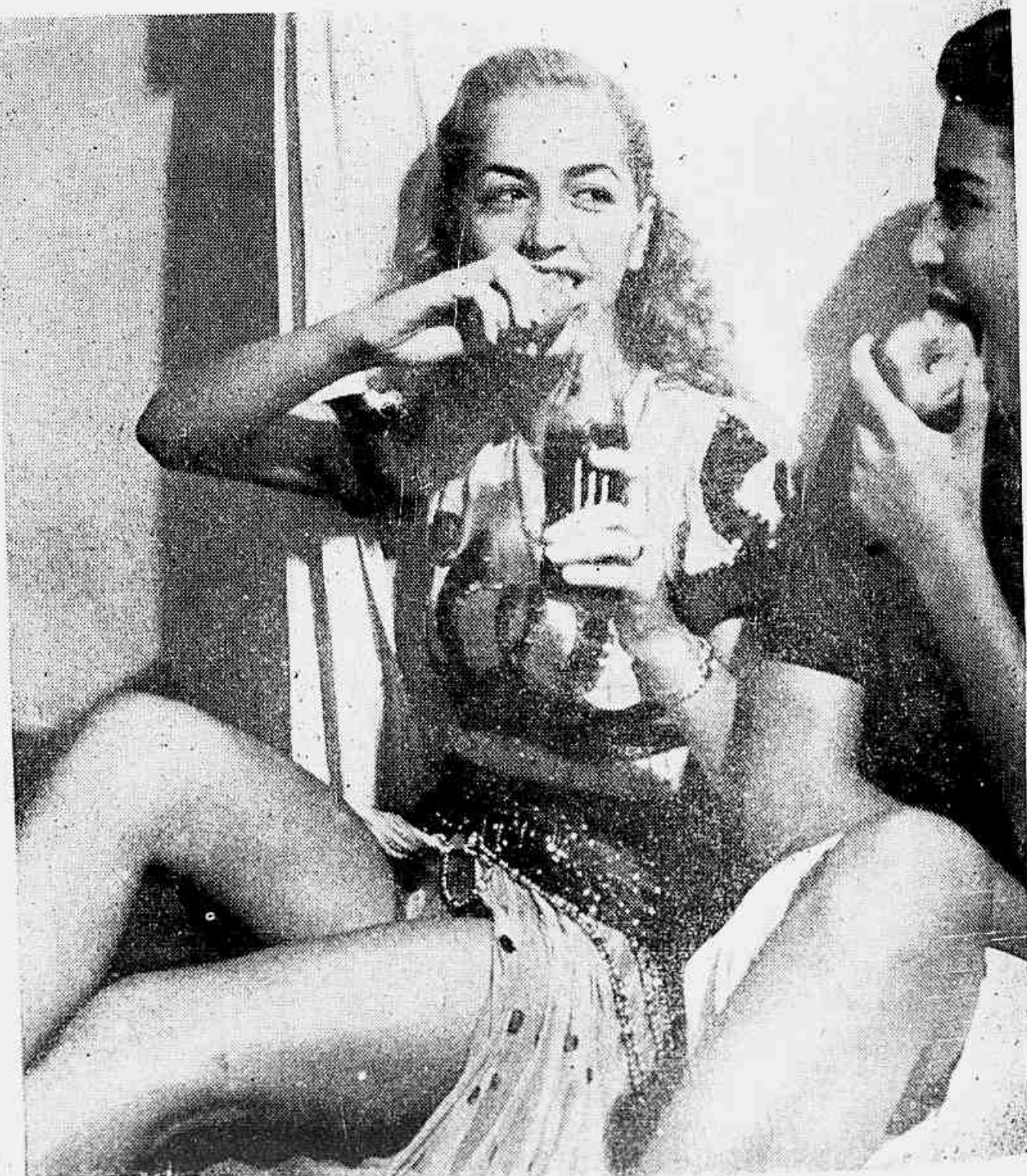
planos. E o Copacabana é notável no fornecer atrizes para o nosso cinema. Dali já saíram, rumo à grande indústria, diretamente do corpo de baile para a tela: Maria Della Costa e Olga Latour. Também Fada Santoro, que ainda hoje está nessa "boite" como verdadeiro "bibelot" do corpo de baile e "crooner" de suas orquestras, fez a sua estréia no cinema com agrado.

Mas, voltemos à Esterzinha.

À noite, vai sempre aos teatros, ver as colegas e pôr-se em dia com os repertórios. Tem paixão pela arte cênica e não despreza as estréias. Finalmente, o trabalho, para ela sagrado, do Copacabana.

Assim, vai o dia de uma "girl".

A esquerda — Um mundo de sonhos invade seu pensamento. Será ela a "Rainha das Girls de 1949"? Ninguém melhor de que seus admiradores para dar a resposta. Absorta, ela parece indiferente a tudo. À direita — A fome é negra. Esterzinha, aproveitando o intervalo do "show", engana o estômago com um "sandwich" e uma Coca, enquanto sua colega prefere apelar para a maçã. Com esse simplíssimo alimento, ambas permanecem até às três horas da madrugada, quando um novo dia começará



UM EMPREEN- DIMENTO DE ELEVADO AL- CANCE SOCIAL

INICIATIVA DAS MAIS LOUVÁVEIS
A AQUISIÇÃO DE UMA SEDE CON-
DIGNA PARA O SINDICATO DOS
TRABALHADORES NA INDÚSTRIA
DO FUMO DO RIO DE JANEIRO

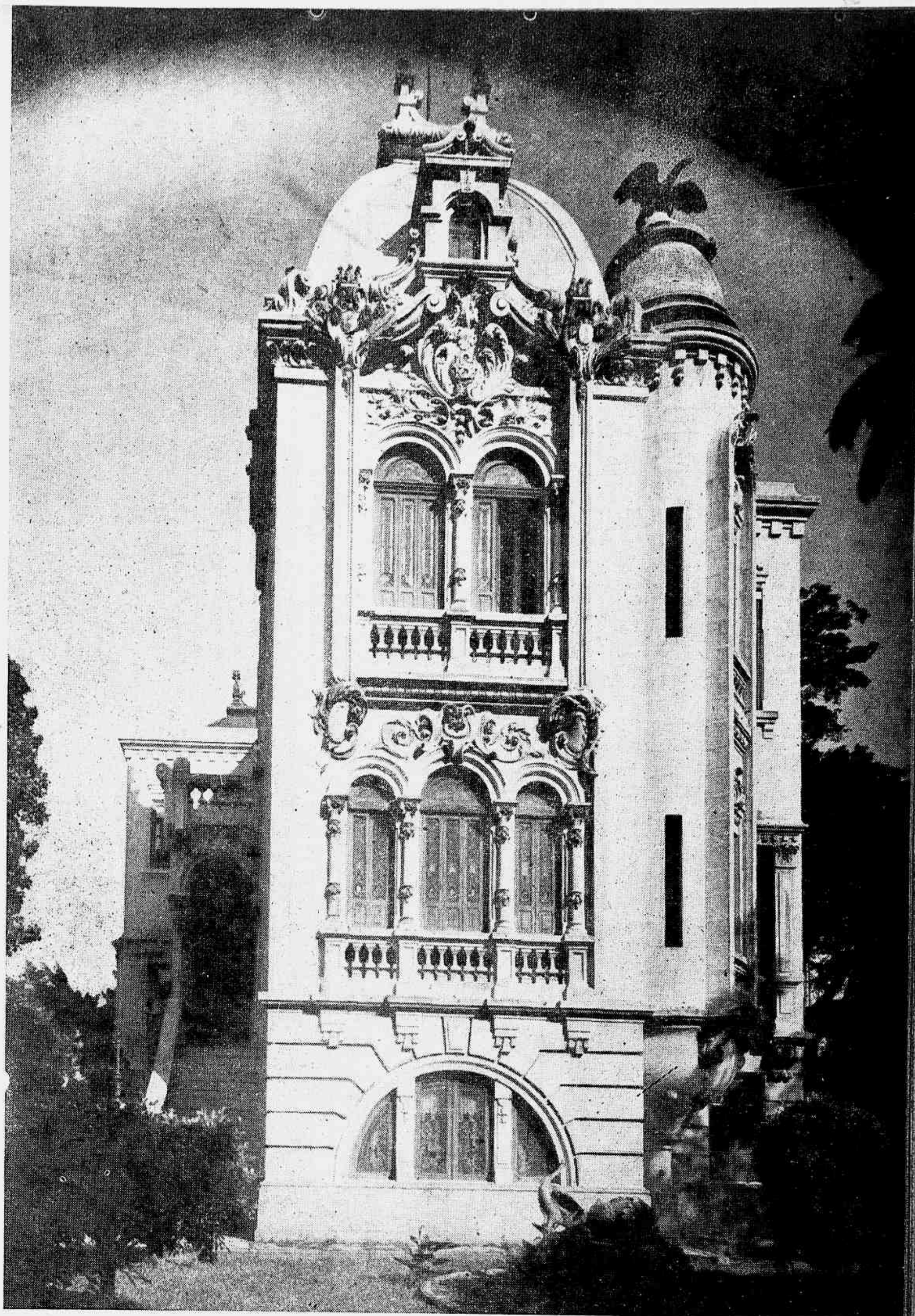
Reportagem de M. MENDES

COMEÇANDO as considerações que pretendemos desenvolver em torno de um assunto que se nos afigura digno da atenção cuidadosa não somente do Primeiro Magistrado da Nação e do esclarecido Ministro do Trabalho, mas também da grande classe patronal da Indústria do Fumo, das mais altas e destacadas figuras da administração do país, manda a justiça que se faça uma referência especial ao esforço dedicado e à tenacidade com que o Sr. José Soares Sampaio vem lutando, de ânimo forte, para a concretização da Sede Própria do Sindicato que com tanto acerto lhe confiou os seus destinos, os quais ele tem sabido conduzir com a superioridade dos homens que colocam acima de tudo o bem da coletividade.

Não foi senão um ato de inteira justiça o crédito de confiança que S. Excia. o General Eurico Gaspar Dutra abriu à atual administração do referido Sindicato quando, em audiência especial, ouviu a explanação do grandioso projeto da SEDE PRÓPRIA na presença dos Exmos. Srs. Ministro do Trabalho Indústria e Comércio, Dr. Herbert Moses, Presidente da Associação Brasileira de Imprensa e representante da classe patronal da indústria do fumo e do Sr. Presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria. Evidentemente uma classe laboriosa, tão digna como as demais de uma existência feliz, não poderia continuar desprovida dos serviços de assistência social já organizados no país inteiro em benefício da grande massa trabalhadora brasileira. Dentro deste elevado e humanitário pensamento, o Sindicato dos patrões da indústria do Fumo apoiou imediatamente a aquisição da Sede Própria, fazendo, para começar a doação de Cr\$ 200.000,00 ao Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Fumo, e o preclaro Presidente Eurico Dutra determinou que o Ministério do Trabalho fizesse, através do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, o necessário financiamento à ultimateção da compra do excelente palacete sito à Rua Haddock Lobo, 239, na Tijuca. Neste ponto



Vereador José Soares Sampaio, Presidente do Sindicato



A nova sede própria do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Fumo do Rio de Janeiro

dos nossos comentários, cabe perfeitamente um apelo que dirigimos com veemência ao Presidente Alvim Pedro, do Instituto dos Industriários, para que S.S., tão cioso que é dos seus deveres funcionais, e com o espírito público que tem demonstrado no trato dos negócios da importante autarquia que o General Dutra lhe confiou, não permita que as engrenagens da máquina burocrática do Instituto que tão sabiamente dirige, crie e oponha obstáculos, no andamento do respectivo processo, à conclusão do empréstimo que virá coroar, com a escritura definitiva, os gigantes esforços já dispendidos em favor da realização do maior e mais belo sonho dos trabalhadores na indústria do fumo no Rio de Janeiro: a SEDE PRÓPRIA. Aliás estamos seguros de que o Exmo. Sr. General Eurico Dutra não retiraria jamais o crédito de confiança que deu ao Sindicato, cujos associados, em número considerável, precisam indispensavelmente da ajuda e do apoio de S. Excia. para organizarem-se de modo a poder, unidos e com o pensamento voltado para a grandeza e soberania do Brasil, formar na linha de frente dos que combatem por todos os meios os extremismos dissolventes e as ideologias estrangeiras que não encontram clima na nossa terra para se desenvolver e firmarem.

Abordando mais objetivamente o tema desta reportagem, desejamos informar que a nova Sede do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Fumo do Rio de Ja-

neiro, é um majestoso edifício de três andares, de linhas arquitetônicas clássicas, servido por elevadores e situado numa área de 23 metros de frente por 176 de fundos.

E', como se vê, edifício em que se podem instalar com conforto todos os serviços de assistência e recreação do Sindicato, e ainda se tornar uma fonte de receita apreciável para o mesmo com o aluguel do auditório para conferências e reuniões, sessões cinematográficas, réclats teatrais, festas diversas, e da quadra de basquetebol, além da exploração do serviço de restaurante. Outras rendas poderão ser obtidas quando estiver funcionando a nova sede, como, por exemplo, o contrato remunerado para outros Sindicatos menores dos Serviços de Assistência Médica, dentária, jurídica, educacional e recreativa, tudo isto sem majoração de despesas, pôsto que os funcionários serão os mesmos, aumentando apenas a frequência de beneficiários.

Em face das considerações e dos esclarecimentos acima expostos, estamos certos de que, ao Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Fumo do Rio de Janeiro, fundado em 1935, cuja sede social ocupa ainda neste momento uma sala minúscula do velho casarão da rua Barão de S. Felix, 120 (1...), não será retirado de nenhum modo o crédito de confiança que patrioticamente, lhe concedeu o bravo General de Exército Eurico Gaspar Dutra, Presidente da República.



O Governador de Minas Gerais, Dr. Milton Campos, merece o registro desta coluna na edição presente, em face das circunstâncias que estão cercado uma gestão à frente do grande Estado montanhês.

Eleito sob os melhores auspícios pelo povo mineiro, seu primeiro cuidado se dirigiu no sentido de escolhas acertadas para formar o governo do Estado, com um secretariado capaz e conhecedor de suas funções, ajudando-o a reerguer Minas Gerais, financeira e economicamente.

Em seguida o Governador deu início a um Plano Geral de Recuperação Econômica, que, no julgar dos entendidos é o único no Brasil que satisfaz em técnica e divisão lógica e coerente para solução de todos os problemas a atacar e resolver.

Estava o Governo Mineiro a executar o Plano de Recuperação, tudo dentro da maior ordem e respeito às leis, começando pela assistência permanente aos rurais em todos os quadrantes do Estado, quando sobreveio a calamidade pluvial de 15 de dezembro do ano passado, destruindo cidades e vilas, fazendas e povoados, estradas e pontes, matando mais de quinhentas pessoas, centenas de cabeças de gado de várias espécies, desabrigoando milhares de habitantes, trazendo a desolação em vastíssima zona de densa e laboriosa população.

Justamente a zona da Mata, aquela que estava merecendo os primeiros auxílios rurais, foi a vítima dos elementos desencadeados de chuvas torrenciais e catástrofes.

Toda a atenção da administração pública se voltou para os serviços de socorros aos flagelados, tendo o Governo de vencer as maiores dificuldades, em virtude



Um flagrante do Dr. Milton Campos ao tomar posse do Governo do seu Estado.

da falta de meios de transporte até a área assolada pelos dilúvios. Sem estradas de espécie alguma, tiveram que ser retardados esses auxílios, organizando o Governo comissões de socorros e distribuindo funções para imediatas providências.

Quando já a zona da Mata parecia retomar seu ritmo normal, as tempestades de chuva desabam sobre várias outras zonas do Estado numa área imensa, atingindo Caratinga, ponta dos trilhos da Leopoldina na Zona da Mata, o Centro do Estado na bacia do S. Francisco, o Triângulo Mineiro, etc.

Já não se tratava de uma determinada parte do Estado, e sim considerável extensão de seu território. E as mesmas cenas de desespero e aflição foram vistas à margem do rio das Velhas e do S. Francisco, como sucedera em Pirapetinga e Volta Grande. O Estado está sitiado pelos efeitos de chuvas nunca vistas pela sua intensidade e duração. Sem comunicação ferroviária com o Rio e com Vitória; sem os trens de interior e outros meios de comunicação, Minas Gerais se vê a braços com uma situação aflitiva e cruel. Seu Governador sente toda a extensão da calamidade pública e procura, dentro de seus recursos normais, diminuir essas angústias e trabalha incansavelmente como um administrador consciente de seus deveres.

Fazendo votos para que Minas Gerais consiga vencer todas estas amarguras e retome o ritmo de sua restauração econômica e financeira, aqui prestamos ao seu Governador uma homenagem das mais justas e merecidas, nesta hora de atribulações.

a SEMANA

EM REVISTA

O PREÇO DE UM SUSTO

Os Estados Unidos são a terra das originalidades. De qualquer episódio aparentemente sem importância para qualquer outro povo, os norte-americanos tiram conclusões e resultados inesperados. Locos uns, sérios outros, o fato é que eles lá se divertem e dão muito movimento à vida em geral. Há, porém, um conceito muito sério no espírito do povo quanto aos seus direitos individuais e à existência física e moral dos habitantes. Ninguém julga que abuse, com facilidade latina, da paciência ou dos direitos do vizinho, impunemente. E tudo tem que ser decidido nos tribunais sempre muito cheios de casos pitorescos, curiosos, trágicos ou de pura comédia. Um esposo que pede divórcio porque a mulher fala sozinho; uma senhora que se separa do marido porque este lê jornais com os pés à borda mesa; um fazendeiro que deseja processar um porco do vizinho pelo fato de andar roncando perto de sua casa; e assim por diante, vêm à tona os casos mais disparatados e cômicos deste mundo. E' muito conhecido aquele episódio de uma rica aristocrata haver realizado um seguro de galinha pelo fato de ter perdido um brilhante e suspeitar que uma de suas "penosas" o engolira tomando-o por um carvão de milho do outro mundo. Mas o caso atual é bastante divertido. Um cidadão de nome Anthony Camponigro, alfaiate na cidade de Los Angeles, com 50 anos de idade, estando calmamente a apreciar uma fita num dos cinemas dali, em dado momento sentiu uma comichão estranha a subir-lhe pelas pernas. Gritou, erguendo-se, e desmaiou. Aceitas as luzes, corre daqui, corre dali, socorram-no com água de flor de laranjeira e ele voltou a si. Um rato lhe pregara esse susto. Pequeno e inocente camundongo. Pensam que ficou nisso? Nada! O velhote acionou o dono do cinema e exigiu 2.500 dólares de indenização pelo susto. Se a moda pega, rato neste Rio vai dar dinheiro...

O RAPTO DO PREFEITO

O mundo anda mesmo de miolo mole. Narra-nos a História que já tem havido através dos séculos raptos espetaculares de cidadãos enamorados de belas senhoras; de povos que assaltam cidades e levam suas damas, e outros episódios curiosos, poéticos e pitorescos. Mas ainda não tínhamos visto um caso como este verificado recentemente na cidade de Bari, na Itália. Foram suspensas as obras públicas naquela comuna, naturalmente por dificuldades orçamentárias. Isso resultou em ficarem desempregadas centenas de pessoas de ambos os sexos. Não conformadas com o ato do prefeito, sr. Vitantonio Dicagno (pronuncia-se Dicanho), uma multidão de cerca de quinhentas pessoas, na sua maioria mulheres, invadiu a Prefeitura e raptou o prefeito! O pobre homem estava na Sala do Conselho, quando foi surpreendido pela avalanche que vinha da praça da cidade de Trabalho, ululante e pedindo providências ao governo da cidade. Logo que aquele exército de vociferadores chegou à frente da Municipalidade, invadiu-lhe as portas e arrancou o prefeito, prendendo-o sem mais contemplações e conduzindo-o, debaixo de vaia, até a sede dos trabalhadores. E foi um custo para conseguir-lhe a liberdade. Houve quem temesse pela vida e integridade física do sr. Vitantonio que deve ter passado maus quartos de hora. As mulheres eram as mais exaltadas e exigentes, parecendo que se tratava de uma reencarnação das sabinas que agora voltavam à Itália para se vingarem do famoso episódio histórico de seu rapto há tantos séculos passados! Não sabemos se a Prefeitura de Bari recuou na sua alteração de planos de trabalhos, reiniciando as obras públicas; mas o exemplo deve ter deixado este exemplo: ninguém, para ser eleito, prometa mais do que os cofres públicos podem realizar.

BIRIBA OU VENENO

E' tão grande a influência do "foot-ball" entre as populações brasileiras de norte a sul e do Atlântico aos confins de Mato Grosso, que já estamos enveredando pelos escabrosos caminhos do crime em matéria esportiva. Quando o Botafogo esteve a excursionar fora do Rio, antes de medir forças com um clube de cidade visitada, se viu com toda a sua delegação intoxicada. Os jogadores se sentiram mal, não podendo entrar em campo naquele estado de depressão física. Salvou os jogadores o médico Newton Pais Barreto, que lhes subministrou a medicação aconselhada, colocando os jogadores fora de perigo. Qual a origem desse acidente? Segundo opinião mais generalizada, o caso se revestiu de características de um meio voluntário de que lançaram mão os fãs de clubes locais para perturbar a saúde dos cariocas e, desta forma, perderem estes a partida. O princípio tóxico estava contido no leite que os rapazes bebiam. E todos eles foram atacados por mal súbito... Entretanto o recurso de que já estão se servindo os torcedores para facilitar a vitória para seus clubes ainda produziu resultados parciais. Os extremos não puderam entrar em ação, e o centro-médio, depois de começar o jogo em seu posto, teve que abandonar o campo antes de terminar o tempo regulamentar. Vendo que o processo de dar leite estragado aos jogadores não surtira efeitos completos em face da intervenção médica, usaram os inimigos do Botafogo de outra burla: telegrafaram ao jogador Santos comunicando que um seu tio estava gravemente enfermo; mas a guerra de nervos não deu o resultado esperado porque esse "crack" não tem tio nenhum vivo... Resta aconselhar aos fãs que adquiram um "Biriba" que os proteja em campo, pois essa história de tóxicos ou telegramas falsos pode dar em cadeia...

O ANJO DAS CRIANÇAS

De Roma no Rio, num aviãozinho fragil, monomotor, chegaram ao Rio dois aviadores italianos pilotando o "Anjo das Crianças". Trazem a missão de angariar recursos para minorar a vida de meninos italianos mutilados pela guerra. E' comvente o sacrifício desses moços. Afrontando uma travessia tão perigosa que a Base de Dakar não quis permitir o salto sobre o Atlântico sul, da África à costa nordestina do Brasil, Leonardo Bongli e Manori Luaidi arriscaram a vida para amenizar os sofrimentos de tantas vidas infantis de sua pátria. Aqui no Rio estiveram eles por vários dias, seguindo depois para São Paulo, no seu aviãozinho de turismo precatório. De lá irão à Argentina, que, pelo que parece, será o final de sua excursão generosa. Não sabemos quais os resultados práticos de sua estada entre nós, mas, pelo que conhecemos da generosidade do nosso povo e da boa vontade do governo, o "Anjo das Crianças" não deve ter saído decepcionado. Uma circunstância, porém, nos deixou algo desconcertados. Foi aquela entrevista que o padre que os precedeu na vinda ao Brasil deu à imprensa carioca, declarando que a Itália já estava completamente restaurada, com sua indústria normalizada, sua produção em franco progresso, o trabalho em dia em todos os setores. Com muita oportunidade e graça, um dos nossos cronistas achou que devíamos também mandar aquele país algum avião com a incumbência de conseguir donativos para minorar a situação de miséria de crianças brasileiras por esses sertões a dentro e mesmo nas favelas e mocambos de nossas mais belas capitais. Seja como for, porém, a missão que trouxe ao Brasil os aviadores em aparelhagem de nome tão belo e finalidades tão humanas, deve alcançar aqui todo o êxito e chegar à terra de Garibaldi com toda a safra de nossa solidariedade.

O PROCESSO DE JESUS

Dizem os exegetas das Escrituras Sagradas da Era cristã que se o povo de Israel chegar a constituir-se em Estado independente, com sua bandeira, seu território, sua representação diplomática, seu exército, marinha, aviação, leis, etc., etc., como sucede com todos os Estados soberanos, o mundo estará com os seus dias contados. O fundo de tal novidade é, todo ele, baseado em interpretações esotéricas e cabalísticas de profecias e mistérios cujas origens têm raízes em milênios. Ora, é fora de dúvida que os judeus já conquistaram sua grande aspiração: o Estado de Israel, lá na Terra Santa. A própria Inglaterra, que, por isso ou por aquilo, sempre se opôs à criação do sionismo na Palestina, acaba de reconhecer o Estado Judaico, e em Londres foi hasteada a bandeira dos triângulos cruzados. Até aqui não há nenhum sinal nos céus que pronuncie o fim deste mundo ainda na flor da idade. Entretanto nos vem da Holanda uma notícia que vai dar o que fazer ao Estado Judaico: o sr. H. A. Robe Groskamp, residente em Saint Poort, naquele país, elaborou curiosa e sensacional petição judicial e a encaminhou ao Supremo Tribunal de Justiça de Israel, pedindo a revisão do processo que condenou Jesus à morte na cruz. A petição contém quinze páginas e está datada de 15 de dezembro último e assinada assim: "H-187". Justificando a razão de ser de seu requerimento, diz ele que a atual Corte de Justiça do novo Estado Judaico é a sucessora da Alta Corte Judaica que proferiu a iníqua sentença contra o Nazareno. Ali está um começo de fim de mundo. Se os juizes israelitas acharem que o processo merece revisão e a pena anistizada, estão contra sua lei que é a de Moisés; se não, o mundo cristão não os perdoará. O melhor é dizer que o processo se extraviou...

31 DE JANEIRO

No Parque Florestal da Tijuca comemorou-se com um banquete a passagem do terceiro aniversário do Governo Dutra. A festa compareceram os ministros, auxiliares e colaboradores mais imediatos da administração federal. Ambiente poético e tranquilo, clima propício à meditação, homenageadores e homenageados tiveram oportunidade de falar sobre o que se fez nesse triênio em favor da população brasileira. Deixando de lado esses balanços, uma vez que não nos é possível em tão exigidos espaços de página fazer estudos complexos como esses que a crítica exige, uma particularidade, porém, devemos apreciar: aquele trecho do discurso do sr. presidente da República em que alude ao tempo que lhe falta para terminar seu mandato. Referiu-se, s. excia, ao biênio, que, segundo o imperativo constitucional, será o término de sua gestão à vanguarda da direção nacional, passando o bastão de comando àquele que sair vitorioso nas urnas. Essa referência do presidente da República vem mostrar que s. excia. não está de acordo com os políticos que têm em de instaurar uma prorrogação de seu mandato, sob alegações inaceitáveis e inconstitucionais. Não satisfeito em frisar bem que o seu exercício terminaria com o escorço do biênio que faltava ainda vencer, o general Dutra, ao perorar, repetiu a afirmativa dizendo: "Aproveito o ensejo desta íntima comemoração para vos convidar a ainda mais perseverar no trabalho, durante os dois anos vindouros, que, espero em Deus, também não de ser fecundos". Desta forma fica perfeitamente esclarecido: o presidente da República não pretende alongar por mais um ano o seu mandato, que é de cinco anos. Na verdade, o que interessa não é propriamente um ano a mais ou um ano a menos no período presidencial, e sim o que está inserido em nossa Constituição e que deve ser respeitado, máxime quando vemos a instabilidade de governos na América do Sul, e desejamos que o Brasil cada vez mais se firme constitucionalmente.

ANO XLVIII

REVISTA DA SEMANA

N.º 7 — 12-2-1949

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples	— Um ano	 Cr\$ 140,00	Seis meses	 Cr\$ 70,00
Registrada	— Um ano	 Cr\$ 170,00	Seis meses	 Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada	— Um ano	 Cr\$ 270,00	Seis meses	 Cr\$ 140,00
------------	----------	-------------------	------------	-------------------

O número avulso custa Cr\$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Visconde de Maranguape, 15 ★ Endereço telegráfico "REVISTA" - Rio de Janeiro

Tels. - Gerência: 22-2550; Secretaria 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corresp.: - Na Bahia: J. Machado Cunha, Av. Sete de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. Em São Paulo: Vendas na

Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 - Tel.: 4-1569 ★ Publicidade a cargo de Jarbas Galvão,

à rua Brigadeiro Tobias, 615-2.º andar, sala 217 - Tel.: 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes: - Nos Estados Unidos da América do Norte: Agular Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na

África Oriental Portuguesa: D. Spanos - Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes

Pereira de Melo, 34, dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. - Constituyentes 1746, Montevideu. Na Argentina: "Inter-

prensa" - Florida, 299 - Tel.: 32, Av. 9109, Buenos Aires

O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação

Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados

OS TRABALHOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

★ ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS



Volta a Rússia a atacar a Inglaterra e os Estados Unidos criticando o Pacto do Atlântico e o de Bruxelas. Baixaram os preços nos Estados Unidos e aumentou sensivelmente o número de desempregados. Pediu o governo russo que a Noruega esclarecesse sua adesão ao Pacto do Atlântico Norte. Bevin, ministro do Exterior da Grã-Bretanha, determinou a elaboração de planos para o desenvolvimento econômico do Oriente Médio e do Extremo Oriente. Os governos da Inglaterra, Bélgica, Holanda e Luxemburgo reconheceram, de fato, o novo Estado de Israel. A cidade de Strasburgo foi escolhida como sede do Conselho da Europa, sendo considerado esse fato o mais importante do mundo de após-guerra. Os revolucionários da China impuseram novas exigências aos nacionalistas. Assola o território dos Estados Unidos a mais intensa onda de frio de todos os tempos, tendo a neve causado elevadíssimos prejuízos na região do oeste. Continua o general Norton de Matos, candidato da oposição ao governo da República portuguesa, a acusar os processos políticos de Salazar. Rejeitou a URSS um pedido das três potências ocidentais sobre o número de prisioneiros de guerra. Os guerrilheiros gregos apresentaram uma proposta de paz ao governo, que a considerou inaceitável. Crescem assustadoramente as águas do rio S. Francisco, inundando completamente várias cidades do norte de Minas. Depois de bater numa pedra, afundou, próximo a Paquetá, uma lancha da Cantareira, resultando cinco mortos e dez pessoas desaparecidas. Com a presença do sr. presidente da República, inaugura-se a ponte que liga a ilha do Governador ao Continente. Stalin declara que está disposto a se avistar com o presidente Truman, a fim de concertar um entendimento proibindo a guerra entre os Estados Unidos e a Rússia. Rejeitam os nacionalistas chineses as exigências dos comunistas. Um holandês declarou ser o autor da petição dirigida à Corte Suprema do novo Estado de Israel pedindo a revisão do processo que condenou Jesus Cristo à morte na cruz. Salazar, em carta dirigida ao general Norton de Matos, assegura liberdade no próximo pleito. Deposto, sem um tiro, o presidente do Paraguai. Cerca de 100.000 toneladas de açúcar do Brasil serão vendidas ao Paquistão, até junho vindouro. O presidente Truman concedeu o reconhecimento "de jure" aos governos de Israel e da Transjordânia. Mensagem presidencial acompanhando um anteprojeto à Câmara dos Deputados, sugerindo profundas modificações no sistema arrecadador da União. Rejeitado, pela primeira vez, na atual legislatura, um veto do presidente Dutra. Considerada, nos Estados Unidos, como manobra tática soviética as recentes declarações de Stalin.

Pedido ao general Perón que faça de Santa Fé, capital provinciana argentina, porto livre para a Bolívia. O Banco de Sangue do Exército encerrou mais um ano de suas atividades. Eleito o ministro Laudo Camargo como novo presidente do Supremo Tribunal Federal. Fixado em 33 horas semanais de serviço o período de trabalho nas repartições públicas e autarquias federais, sendo vedado expressamente o afastamento para almoço. Chegou a S. Paulo o "Anjo das Crianças". Instruções baixadas pela Prefeitura sobre licenciamento de ambulantes para o período carnavalesco. Séria crise comercial e financeira na Argentina, tendo sido suspensas pelo governo todas as transferências de dinheiro para o exterior, bem como a importação de produtos estrangeiros. Transforma-se a Hungria numa República Popular. Restrições do governo de Bogotá para proteger a indústria colombiana. O governo de Oslo, respondendo a uma nota russa, diz que ficará com as potências ocidentais. Perón não poderá ser reeleito, foi o que resolveu o partido situacionista argentino ao deliberar manter em vigor um artigo da Constituição de 1853, que dispõe sobre a sucessão presidencial. Preparativos da Santa Sé para o ano santo de 1950, quando serão elevadas ao estado de santidade várias personalidades reverenciadas pela história da Igreja Católica. Projeto apresentado à Câmara dos Deputados sugerindo o cancelamento dos débitos dos criadores nacionais até duzentos mil cruzeiros. Um porta-voz do governo argentino declarou que as discussões para um novo acordo comercial com a União Soviética talvez sejam iniciadas em breve. Aprovado o tratado de extradição celebrado entre o Brasil e Uruguai. Truman reduziu o orçamento das forças armadas dos Estados Unidos. Proposta a inclusão de todas as nações árabes nas conversações de paz. Surto de tuberculose epidêmica estaria grassando na Polónia e Iugoslávia. Diminui a pressão comunista sobre o Yangtsé, retirando-se para o norte as forças vermelhas que ameaçavam Nanquim. Bernard Shaw considera Stalin maior que Lenin. Concorde a Inglaterra com a decisão de Truman acerca do convite de Stalin para uma conferência "atrás da cortina de ferro". Admite o cardeal Mindszenty sua culpabilidade nas acusações gerais de traição, espionagem e mercado negro. Churchill defende a criação de uma Corte Suprema Europeia. Um porta-voz do governo de Londres declarou que a Grã-Bretanha não está disposta a apoiar a admissão da Espanha na O.N.U. Reconhece o Brasil o novo governo do Paraguai. Reafirma o prefeito do Distrito Federal que está resolvido em definitivo o aumento de 10 centavos nas passagens dos bondes desta capital. Naufragou nas docas do Lóide, aqui no Rio, um rebocador, tendo morrido dois tripulantes. Desarticulada pela polícia carioca uma quadrilha de falsários.

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando peso e dor de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

* * *

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa

Ventre-Livre

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

- 1 — Só serão aceitos contos escritos em torno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — Os contos devem ter no mínimo seis folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: **Conto para a REVISTA DA SEMANA.**
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

MAURÍCIO DE NAS- SAU CONTRA A IN- TEGRIDADE DO BRASIL

Estudo histórico de
AMÉRICO MENDES DE
OLIVEIRA CASTRO

Editora "A Noite"
Rio de Janeiro
1948

Todos nós temos notado, em livros, revistas ou jornais, indícios dessa corrente de patriotismo dis-
cutidor que parece ter mais de convencional ou,
como agora se diz, de espetacular, que de outra
coisa. E' em obediência a tal programa que se
organizam panegíricos mais ou menos fantasistas
de Maurício de Nassau, realçando-lhe a índole fi-
dalga e magnânima, o sentimento refinado das
letras e das artes, o alto e amplo tino administra-
tivo, todas as virtudes, todos os superiores predi-
cados que lhe tornariam a individualidade perfeita
e sagrada. Assim se atribuem à sua orientação
sempre impecável, à sua ação invariavelmente in-
spirada realizações a que os historiadores de antes
e depois daquelas teorias restabeleceram a verda-
deira autoria e a legítima glória. Assim se aven-
tou a idéia da mudança dos nomes do Recife e
Pernambuco para "Maurícia" ou "Mauricéia". E
outras tentativas se empregaram para elevar o
prestígio do domínio holandês, mais ou menos em
detrimento da nomeada dos descobridores e dos
primeiros colonizadores.

O sr. Américo Mendes de Oliveira Castro não
deu ao seu trabalho apenas a feição de pesquisa
minuciosa, escrupulosa e, tanto quanto possível, de-
finitiva. Fez também obra de controvérsia, de polê-
mica. Sobre a base dos fatos averiguados organi-
zou um sistema de argumentação que deverá surtir
o efeito mais convincente. De capítulo em capítulo
o seu processo demonstrativo se acentua e ao nosso
espírito se impõe como vitorioso em toda a linha.
Aliado ao historiador, o advogado que completa esta
forte individualidade se vai tornando cada vez mais
vitorioso para terminar como irretorquível. E o
ardoroso arrazoado que se desenvolve por duzentas e
sessenta páginas de amplo formato, assim conclui:
"Times Danaos et dona ferentes", dizia Leconte
diante do cavalo de Tróia. Acautelai-vos com a
sombra de Nassau, porque quem age nas sombras
é perigoso. "Habent fata libelli!"

A SERVIÇO DO ITAMARATI

Discursos de JOAO
NEVES DA FONTOURA

Ministério das Relações
Exteriores
Rio de Janeiro
1948

flamada para louvar como para apostrofar e cujo
prestígio se faz seguir, terminada cada oração, pelos
brados e o arremesso das multidões glorificadoras.
Nós o temos ouvido de longe e de perto, pelo mi-
lagre do Rádio ou em presença da sua voz, mais
ou menos arrebatadora, sempre, de algum modo al-
tissonante. Não é este João Neves. E tampouco
é aquele que, na Academia Brasileira de Letras,
desenvolve as altas teorias de arte, compondo o
panegírico do seu antecessor; comemorando a vida
e as obras de outros que por ali passaram; tomando
parte nas celebrações coletivas como num desfile
de inteligência e de cultura em honra do gênio.

Agora nos aparece o diplomata, o embaixador
João Neves da Fontoura, ex-ministro das Relações
Exteriores, representante efetivo e permanente da
eloquência dos congressos e das chancelarias. Já
como estadista, governando os destinos internacio-
nais do Brasil, já como seu enviado às assembléias
em que alguma coisa se decidirá do futuro do mun-
do, o sr. João Neves da Fontoura não faz esquecer
nem deixa na sombra o João Neves do estrado dos
comícios nem o das noites do Salão Azul, sob os
grandes lustres de cristal puro e resplandecente,
feitos para alumiar a fraterna harmonia dos Imor-
tais. A sua pessoa literária assume as atitudes e
o acionado que devem corresponder a cada lugar
e a cada momento. A voz se mantém vibrante, in-
sinuante, dominadora, a linguagem fluente, clara e
bela. O estilo, obedecendo embora à tirania inili-
dível do Protocolo, não cede uma linha da sua digni-

"A razão de ser deste
estudo — dizem as pri-
meiras linhas da "Intro-
dução" — é fazer des-
pertar a atenção dos
meus compatriotas para
a fermentação dissolven-
te que visa desassociar
a integridade nacional,
opondo um pretenso Bra-
sil holandês ao Brasil
puro e simples, elevando
aquêles e deprimindo
este."

dade individual. Assim o sr. João Neves da Fon-
toura rememora e reverencia no Itamarati, a figura
do Barão do Rio Branco, no centenário do seu nas-
cimento: agradece ao Governo Português, na pessoa
do seu representante no Rio de Janeiro, as insígnias
da Grã-Cruz de S. Tiago; assume o cargo de mi-
nistro das Relações Exteriores; dá posse ao ministro
da Colonização; saúda estadistas, diploma-
tas, homens de ciência, homens de letras, nas re-
cepções do palácio da antiga rua Larga; toma parte
na Conferência da Paz, em Paris, em 1946; e, nova-
mente embaixador, serve em congressos ou os pre-
sida, até à reunião da IX Conferência Internacional
Americana e após o dia patético de Bogotá, em
março do ano passado.

Este último discurso, depois de invocar, como
exemplo e guia, a memória do grande Bolívar,
assim termina:

"Está claro que o pensamento de Bolívar não
fugiu nem poderia fugir à influência transforma-
dora das novas condições do mundo, da criação de
outros institutos políticos, de outros rumos abertos
pela investigação do espírito humano no campo da
ciência e em todas as esferas das realizações de
cada época; mas o bronze em que se fundiu a dou-
trina ostenta ainda a imprudência do seu gênio.
E' sob esta alta e pura inspiração que vamos tra-
balhar pela unidade, a paz, o bem-estar e o pro-
gresso das nossas Repúblicas, nesta Conferência
que o futuro designará, sem favor, como a Assem-
bléia Constituinte Internacional das Américas."

CANTA, MEU CORACÃO

Versos de
LAURA MARGARIDA
DE QUEIROZ

Livros de Portugal, Ltda.
Rio de Janeiro
1948

trunfo não perdurasse além da sua aspiração,
da sua esperança. Entendeu de certo que tanto
mais gratos se tornariam uns e outros do seu espí-
rito e ao seu coração quanto mais se fossem afas-
tando do primitivo efeito sensacional e do tumulto
da publicidade. Assim "Canta, meu coração" fica-
ria sendo, não somente, como "les Trophées", de
Heredia, o único livro da autora mas também um
livro de uma única edição.

Talvez também no caso influísse alguma razão
sentimental. No dizer da rimadora excelente, fal-
tava aos seus versos:

O que falta ao fulgor do próprio sonho:
O personificarem-se em alguém.

Ora, o alguém apareceu. Não podia deixar de
aparecer. A sra. Laura Margarida de Queiroz sen-
tiu que aos seus poemas nada agora faltaria. E,
paradoxal mas bem compreensivelmente, resolveu
não fazer mais nenhum "daqueles". Passaria a ler
e reler o que Deus, poeta e artista supremo, lhe
enviaria para completar o encanto do lar aben-
çoado. Sua filha se tornou a sua segunda obra e,
para ela, sem dúvida, a melhor.

Agora, porém, não quis a criatura continuar, so-
zinha, a constituir a glória de criadora. Decidiu
fazer voltar a outra, que a antecederia e à qual,
portanto, cabiam direitos pelo menos iguais aos
seus... Note-se: não nos vem o menor escrúpulo
da revelação deste "segrêdo" de família; e nem
sequer nos parece que cometamos uma indiscrição
censurável. Foi graças à intervenção filial que,
numa festa de ternura doméstica, "Canta, meu
coração" reapareceu.

A sra. Laura Margarida de Queiroz tinha afir-
mado neste livro dons de idealista e recursos de
esteta inquestionavelmente superiores. Todas estas
páginas: sonetos altamente meditados, nobremente
trabalhados; redondilhas de esbelta espontaneidade;
certos momentos de sinceridade sofridora e que
precisa de se expandir; outros de claro júbilo pe-
rante as belezas e favores da vida — tudo se assi-
nalara e tudo impressionara como resultante da
aliança ditosa de uma inteligência e uma sensibi-
lidade peregrinas. Por isso foi grande o êxito do
livro. Uma das composições que mais o notabili-
zaram foi justamente a que lhe dera o título. Mais
tarde a declamadora Margarida Lopes de Almeida
e ainda depois, mandando-a traduzir, a sra. Berta
Singerman a incluíram nos programas dos seus
recitais. Não nos sendo possível, por extensa, trans-
crevê-la integralmente, aqui lhe damos os últimos
versos.

Canta, endoidece e vibra
Com a tua própria voz!
Que a alegria que te arde em cada fibra,
Que te lateja em cada pulsação,
Seja quase feroz,
De tanta ardência em sua vibração!
Canta, meu coração!
Seja o teu canto como a água funda e forte,
Que na represa enorme
Por longo tempo dorme
O seu sono de morte,
Mas, quando, um dia, abrem-se os diques de repente
E a água extravasa,
Não há barreira que sustente
Essa força brutal!
Eu quero que o teu canto seja igual
À torrente que tudo envolve e arrasa,
Impetuosa como o tufão
Na alegria de destruir!
Canta, meu coração!
Canta tão alto, com tanta força, tal fragor,
Que nem eu mesma possa ouvir
O pranto deste amor...

DELÍRIOS

Páginas de poesia de
PEDRO LUIZ MASI

Rio de Janeiro
1948

ta sem princípio algum de estética, lei alguma de
harmonia, querendo impor como versos linhas que
absolutamente o não são...

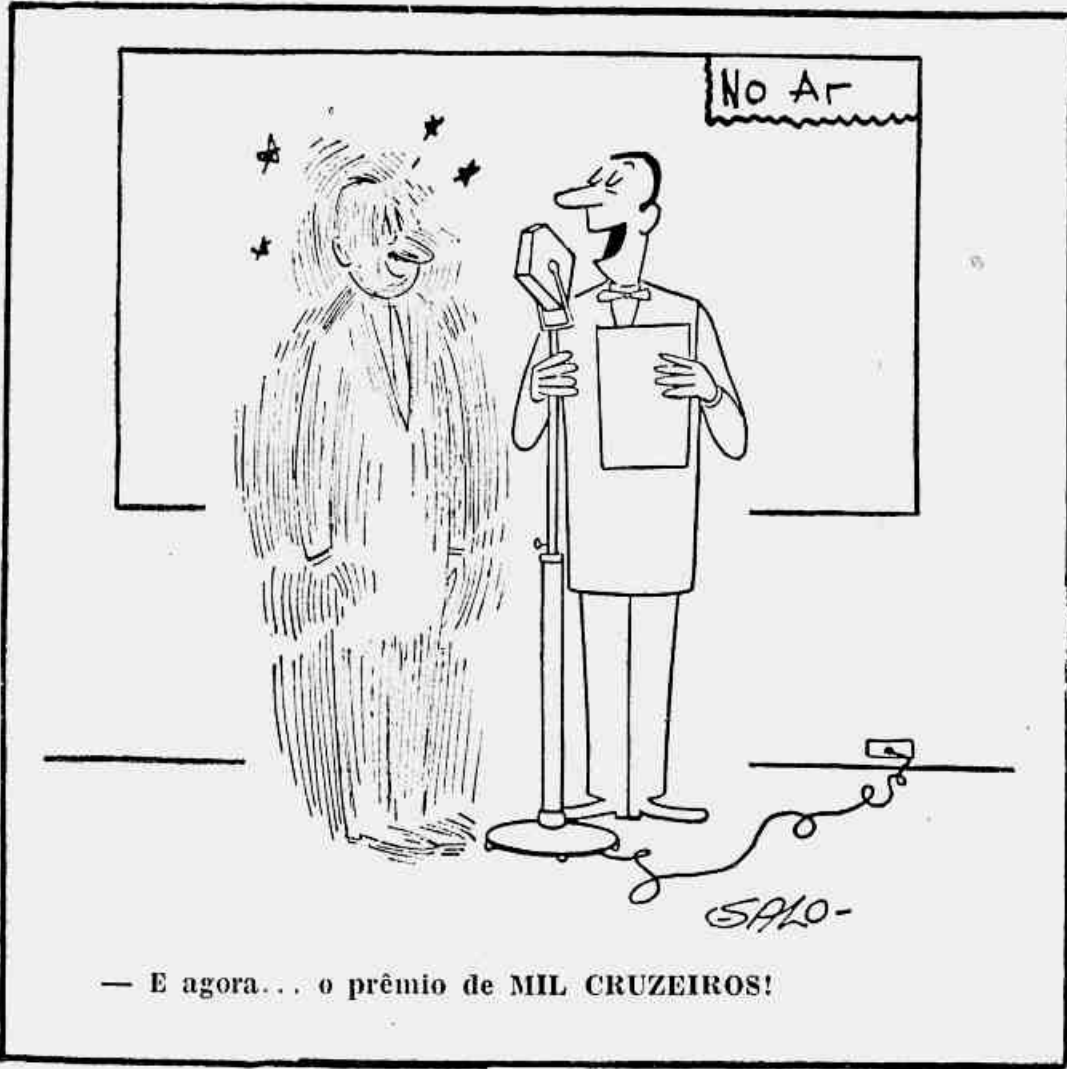
Nesse caso, o sr. Pedro Luiz Masi e sua filha que
tenham paciência. Se atentam ostensiva, agressi-
vamente, contra os preceitos há tantos séculos ob-
servados por poetas que assim se immortalizaram,
como hão de os admiradores convictos, os devotos
daquelles gênios respeitar as obras que, uma vez
consagradas e dominantes, tudo o mais atirariam
por terra, sob os apupos dos pretensos representan-
tes de uma geração? No nosso modesto entender
nos parece que, se o poeta por si mesmo qualificado
de modernista despreza aqueles a quem qualifica
de antiquados porque professam ou cultuam a Poe-
sia eterna, devia, coerentemente, não fazer caso
do conceito em que eles o tivessem, da maneira
como julgassem a sua obra — ou deixassem de a
julgar. Assim, a pretensa poesia nova lembra o
tipo, também moderno, da moça que desdenhosamente
vai de encontro aos costumes sociais, às tra-
dições familiares, e ao mesmo tempo se zanga por-
que a sociedade e a família dignas desses nomes a
não admiram e respeitam, a ela. Que os futuris-
tas considerem detestáveis ou nulos os passadistas,
vá lá, admitamos que estejam no seu direito; mas
que lhes solicitem ou reclamem a consideração e
os louvores, não é lógico e nem é exequível.

Não pretendemos dar às considerações que aí
ficam nenhuma espécie de novidade. Nós mesmos,
em termos mais ou menos diferentes, temos glosado
esse mote literário. E, como das outras vezes, não
nutrimos a pretensão de influir no espírito do jo-
vem autor induzindo-o a mudar de orientação...
Em geral as composições do seu livro acusam inte-
ligência vivaz, aguda sensibilidade; e algumas nos
fazem lamentar a circunstância de não estarem
dispostas na página como interessante prosa que
são. Com o talento que se lhe não pode negar, o
sr. Pedro Luiz Masi, também de certo por ser
muito moço, se preocupa com o efeito sensacional
das suas obras, o espetáculo da sua individualidade...
Entre outras composições, assim o deixa depreen-
der a que se intitula "Passeio no luar":

Só quando o luar é grande
E muito imenso
Que eu saio a viajar de canoa pelo espaço.
Levando apenas como companheira
A alma da mulher por mim amada...
Vou pescar no céu,
Pescar todas as estrélas
Para deixá-las brilhando no fundo de meu barco.
E, cabelos soltos, eu vou remando os ventos
Enquanto furiosas movimentam-se as nuvens
Como ondas em borrasca.
E eu feliz, bem feliz,
Posso ainda zombar dalgum aviador
Que passa repleto de realidades
Dentro do pesado avião,
Olhando-me espantado



— Bom dia, Dona Maricota, como vai?



— E agora... o prêmio de MIL CRUZEIROS!

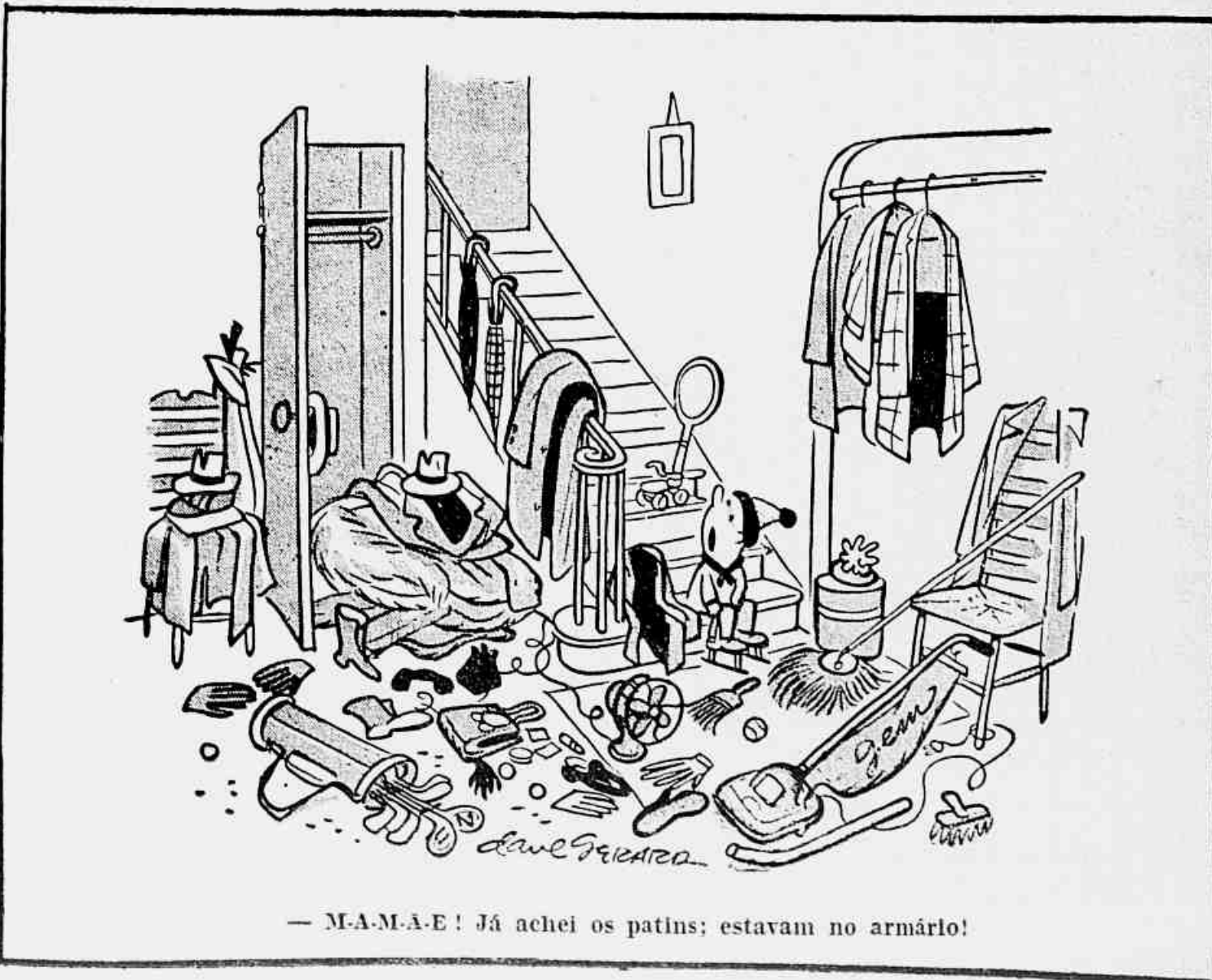
BOM
H
U
M
O
R



— Já vai se deitar, querido?



— Que tal o novo tórno de minha mulher?



— M-A-M-Ã-E! Já achei os patins; estavam no armário!



Fachada principal do majestoso Edifício do Hospital do I.A.P.E.T.C.

A AÇÃO DO GOVÊRNO EM PROL DA ASSISTÊNCIA SOCIAL

UMA ORGANIZAÇÃO MODELAR: O HOSPITAL DO I.A.P.E.T.C.

Ao ensejo da passagem do 3.º aniversário da administração do Presidente Eurico Gaspar Dutra, em 31 de janeiro último, o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas fez inaugurar a última ala do seu Hospital, numa cerimônia que se revestiu de alta significação social.

As primeiras horas da manhã daquele dia, era já enorme o número de pessoas e veículos que estacionavam nas imediações do Hospital, situado à Avenida Brasil, esquina da Avenida Londres, que apresentava aspecto festivo.

Sob calorosa e entusiástica manifestação de apreço e simpatia, deu entrada no Hospital, às 9 horas, o Presidente da República que, a convite do Instituto e dos Sindicatos a ele vinculados, presidiu ao ato de inauguração da nova ala do grande e moderno noscômio.

À cerimônia estiveram presentes, além do Presidente Hilton Santos, os Srs. Dr. Nereu Ramos, Vice-Presidente da República; Dr. Daniel de Carvalho, Ministro da Agricul-

tura; Dr. Ivo de Aquino, Senador Federal; Dr. Benjamim Galotti, Procurador Geral da República; Professor Cândido da Mota Filho, Chefe do Gabinete do Ministério do Trabalho, e altas autoridades, parlamentares e jornalistas.

Após receber os cumprimentos dos presentes, o Presidente Eurico Dutra visitou todas as dependências da ala inaugurada, inclusive salas de operações, berçários e enfermarias, demonstrando grande interesse por tudo quanto via e pedindo a cada passo esclarecimentos ao Sr. Hilton Santos sobre a marcha do serviço, número de beneficiados, etc.

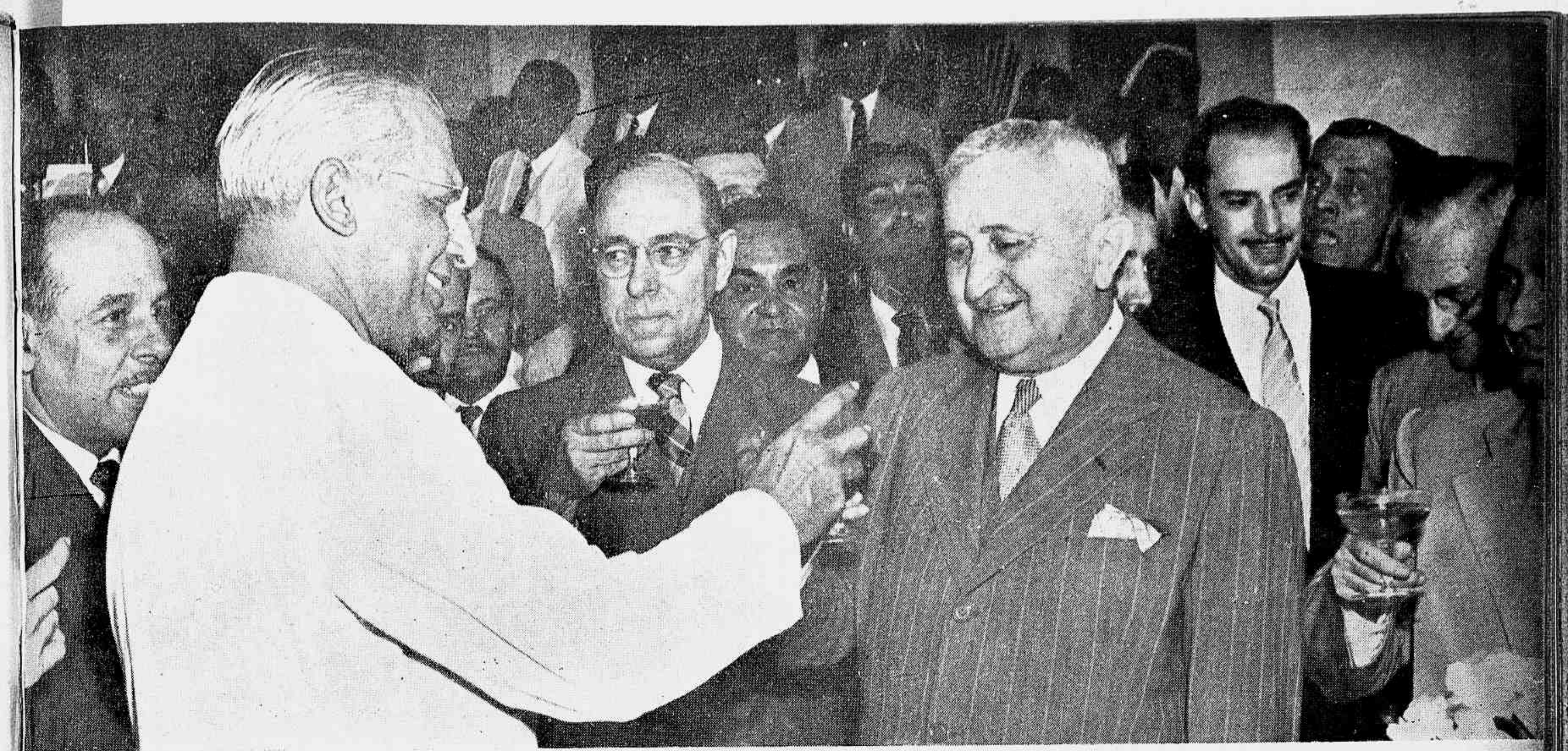
S. Excia. e as demais autoridades encaminharam-se para o pátio do Hospital e, aí, ao "champagne", foi saudado pelo Sr. Geraldo de Freitas Frasso, Presidente do Sindicato dos Conferentes e Consertadores de Cargas e Descargas no Porto do Rio de Janeiro, cujo discurso foi uma brilhante síntese retrospectiva da ação que vem

desenvolvendo o I.A.P.E.T.C. em prol da considerável massa de trabalhadores dos Sindicatos que lhes são filiados, da qual resulta um número altamente expressivo de magníficas realizações, através do que vem o Governo da República cumprindo fielmente as promessas que fez ao trabalhador brasileiro. Ao terminar o seu notável discurso, fez o orador vivamente cumprimentado, fazendo então uso da palavra o deputado Epilogo de Campos.

O Presidente Eurico Gaspar Dutra recebeu também dedicada homenagem de escolares que formaram alas à sua passagem e o saudaram com bandeirinhas nacionais, tendo ao finalizar, o Sr. Hilton Santos, na ocasião em que se despedia do Chefe da Nação, recebido deste felicitações pela obra grandiosa que sua administração vem realizando em favor da classe dos trabalhadores em transportes e cargas, integrado como está no pensamento que norteia a execução do plano de ação do Governo no terreno da assistência social.



A esquerda — O Presidente Eurico Dutra examinando a "maquete" da Capela a ser construída no Hospital. A direita — Um aspecto da visita presidencial à nova sala de Cirurgia



Nesta página estampamos expressivos aspectos das cerimônias inaugurais da última ala do Hospital do I.A.P.E.T.C., destacando-se ao alto a saudação trocada entre o presiden-



EM GEOMETRIA DESCRITIVA, ISSO É UM "PLANO VERTICAL"



CONSELHOS DE UM PAI INCOGNITO MEU GRANDE "PLANO"

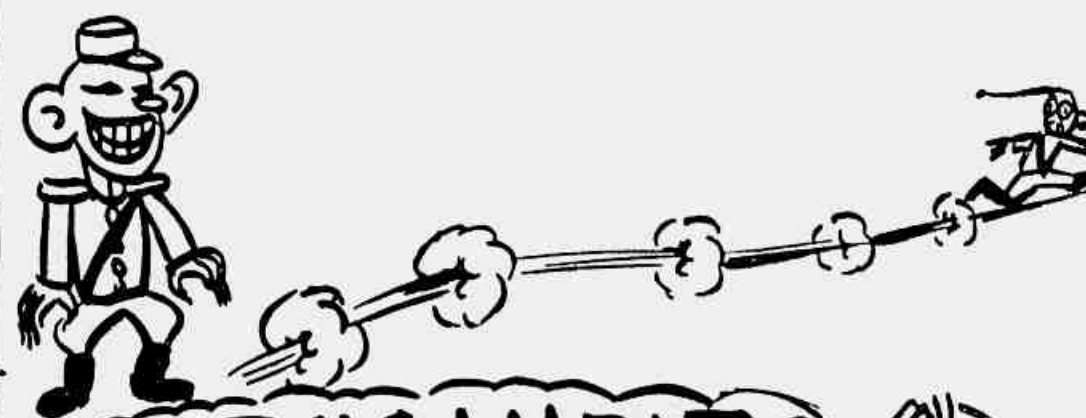
O Governo da República está em dificuldades para executar o seu Plano Salte, com o qual julga consertar as paredes rachadas do edifício nacional. Sei, de frente erguida, que os seus esforços resultarão inúteis. Salta aos olhos. Foi meditando nessa situação embaraçosa para a vida nacional que passei a noite em claro num dos bancos do jardim da Glória, meditando no melhor meio de conseguir dinheiro para emendar os erros do passado. E achei. É um plano. O Plano GOLPE, iniciais das palavras *Gaita, Orgia, Lerolero, Pelta, Etc.* No auge de minhas perquirições pelo infinito, recebi as influências patrióticas de uma falange de ancestrais de minha ilustre e imortal família e vi com estes olhos que a terra há de respeitar, uma visão mostrando-me um objeto dos Salamaleques, dizendo: «In Hoc Signo Vinces». Era uma gazua. Ergui-me emocionado. Pedi emprestado um lápis ao gari que procurava pontas de cigarro e escrevi o Plano: 1º — Proclamaremos um Governo sem vergonha de ser pobre. Toda a gaita economizada com a supressão de autos e gasolina, me será religiosamente entregue. 2º — A Orgia é a base da música do morro. A ela nos filiaremos para evitar filas pelas calçadas. Estando todo mundo ale-

gre e a dançar, ninguém sentirá miséria. 3º — Criarei o Departamento Central do Lerolero, monopólio do Estado. Nosso povo é dócil e se emociona diante da papolina com o selo oficial. 4º — A Pelta terá seu Ministério. Toda pessoa que desejar um favor, mesmo contra a Constituição, é só peitar-me. Nado de cerimônias. Quanto mais peita mais dinheiro para movimentar meu plano. 5º — Etc. Para que explicar o significado de ETC? E nesse último item que está toda a grandeza do meu Plano GOLPE. É segredo de Estado de Misérias e não serei eu, egrégio e meritíssimo juiz dessa grande causa pública e particular, quem vá trair os mais sagrados compromissos jurados sob coação dos mais musculosos e revelar o segredo que encerra a última letra do meu Plano.

Agora, filhos meus, dois conselhos. 1º — Vão no meu GOLPE, que vão bem; 2º — Quando um amigo lhes pedir cem cruzeiros emprestados, nunca digam: «Não temos». E sim: aqui não temos, mas vá mais tarde ao nosso escritório. E corram para apanhar o bonde, antes que ele pergunte onde fica.



(Telegramas pelo Cabo Tino) — O general Sen-Pao esmagou o general Chu-Chu na grande batalha de Ping-Pong, junto ao rio Atchin, defendido ferozmente pelo general Ka-Peng (Pelo Cabo Lôzo) — O general Hui-Hui correu do general Mao ao aproximar-se o general Fei-Ho. (E quem não correria com uma assombração dessas?)



PENSAMENTO

Aquêle banqueiro cobra juros tão elevados que os seus clientes passam a usar o sobrenome *Furtado*.

QUERIA FAZER UMA CONSULTA, DOUTOR.

MUITO BEM! DISPA-SE.



CONSULTÓRIO de GRAÇA para POBRES de "ESPÍRITO"

Felícia — Seu nome vem do latim *Felix*, gato, onça, tigre. Se a senhora julga que se origina de *Felicidade*, consulte, primeiramente, seu marido.

Camila (Rio Branco) — Seu nome é diminutivo de *cama*. Também pode ser diminutivo de *camela*. A vontade. Mas é bom consultar um marceneiro.

Dengosa (Bangu) — O código penal nos proíbe de dar receitas. Aconselhamo-la a ir a um veterinário.

Mariano Almeida (Niterói) — Não se sabe, ao certo, quem foi o autor da «Arte de Furtar». Mas a esta altura a prolissão se espalhou pelo mundo com tanta rapidez que há catedráticos por todo este planeta dispensando novas edições.

Mário (Ramos) — *Safar* é verbo deleituoso, indiscreto. Só se deve usá-lo tranquilamente no infinito *safar*. No particípio passado se aplica a agiotas que se atolam na lama com seus carros. Depois que conseguem sair, eles mesmos se julgam safados. E é uma verdade.

Barão do Buteco.

SUCIAIS



Noivado — O nosso prestimoso amigo Alfredo Gerim de Andrade pediu a mão da senhora Maria Gonçalves de Lima. Fazemos votos secretos pela felicidade do futuro casal Gerim-Gonça.

Nascimento — Conforme telefonema recebido do guarda Zé Pucca, do nosso Zoo, foi a jaula do casal *Cercopithecus Griseoviridis* enriquecida com mimoso rebento, reinando alegria entre a macacada. Nosso presente vai ser uma banana.



Batizado — Está em festas o doce lar do fabricante de goiabada Manoelino Duchá e de sua esposa Deolinda Mego da Silva, pelo batizado do seu filhinho da mamãe Filinho. Parabéns à família Duchá-Mego.

Casamento — Forçado pela vizinhança, que já estava falando de mais, nosso prezado amigo José Tadinho já se casou com a senhora Maria Span Menezes. Felicidades para o novo casal Span-Tadinho.





A. MIGUEIS



LENDAS E TRADIÇÕES

Quando se anuncia que a Mayrink Veiga está às portas da decadência, ante a retirada em massa de seus artistas, é grato falar-se de um programa que, mesmo não contando com a presença dos "medalhões", nem por isso perde em agrado. É que a gente que se deixa ficar nas hostes mayrinquianas à espera de melhores dias, quer mostrar do quanto é capaz, conduzindo a capricho as realizações produzidas por Mário Faccini, Mário Lago, Hélio Tys, Borelli Filho, Jaime Faria Rocha e Lourival Marques. Dêste último, aliás, foi que ouvimos "Lendas e Tradições", em que Maria Helena e Sousa Filho figuram como narradores, cabendo ao "Quarteto de Bronze" e ao cantor Nelson de Jesus a interpretação dos números musicais, além da colaboração eficiente do seu elenco de rádio-teatro.

Explorando assunto de agrado, Lourival Marques vai buscar nas páginas de nosso folclore, os motivos essenciais ao desenvolvimento de "Lendas e Tradições", adaptando-lhes a roupagem exigida pelo microfone e condizentes com o sentido educativo-cultural do "broadcasting" carioca.

De cartazes como esse, em que muito se aprende, necessitam as nossas emissoras. Ele não somente valoriza quem o escreve, como também coloca em situação apreciável o prefixo que o apresenta, dada a sua elevação. Por sinal, que a Mayrink Veiga de há muito está ligada ao aprimoramento do nível cultural de nossas programações, através de "broadcasts", que se firmaram no conceito público pelo muito que representam em matéria de cultura.

Da PRA-9, conforme devem estar lembrados os que nos lêem, partiu o grito de trabalhar pela cultura dos que vivem em nossa terra. Portanto, nesta hora difícil, quando se vê abandonada por algumas de suas mais expressivas figuras, ela encontra forças para manter o mesmo nível elevado de suas programações, através de cartazes como esse "Lendas e Tradições", em que Lourival Marques, coadjuvado pelo "cast" mayrinquiano, reafirma o desejo de fazer rádio para o grande público.

A. MIGUEIS.

RÁDIO-FLASHES

O QUE VAI PELO AR

Após prolongado período de afastamento das lides radiofônicas, a cantora Norma Cardoso vem de assinar contrato com a PRA-3, a fim de participar de seus programas de estúdio. ★ Ivonete Miranda, conhecida interprete de foxes e canções, acaba de trocar o "broadcasting" carioca pelo pernambucano. No momento, a egressa do "cast" mayrinquiano participa das apresentações da Rádio Jornal do Comércio de Recife. ★ Lourinha Biten-court também está de volta ao microfone, contratada que foi pela Nacional. Essa atividade não a impedirá de participar dos espetáculos da empresa Walter Pinto. ★ Não chegaram a bom termo as negociações entre Aerton Perlingeiro e a Tamolo, motivo do animador de "Fim de Semana" ter renovado contrato com a Rádio Club do Brasil, por mais dois anos. ★ Ida Gomes está de volta de sua viagem aos Estados Unidos, onde foi observar e estudar o panorama radiofônico. A conhecida rádio atriz já voltou a participar dos espetáculos da Globo. ★ Vicente Cunha assinou compromisso com a Rádio Nacional, devendo participar dos "broadcasts" irradiados por esse prefixo. Também a cantora Bidú Reis, ex-integrante do trio vocal "As três Marias", retornou ao microfone PRE-8, depois de regular peregrinação pelos diversos prefixos da cidade. ★ Continua em suspenso a ida de Oduvaldo Cozzi para a Tupi. Ao que se anuncia, o conhecido locutor esportivo permanecerá frente ao Departamento Esportivo da PRA-9. ★ Los Huastecos, famoso trio mexicano, é a nova atração musical da Rádio Globo. Conhecidos em todo o continente americano, esses artistas, quando de sua primeira apresentação ao público carioca, o fizeram através da emissora com que vêm de assumir compromisso. ★ Poesia Moderna será um dos próximos lançamentos da Rádio Roquete Pinte, através do qual serão focalizados os poetas modernistas. ★



TRIO DE OURO

Este ano, para contrariar, tivemos dois concursos para a escolha da "Rainha do Rádio". O primeiro, a cargo da Associação Brasileira de Rádio, cabendo a um vespertino, o segundo. ★ Décio Mayer, locutor da PRD-5, entrou em entendimentos com a Continental. ★ A PRD-8 está apresentando completo boletim informativo em inglês, destinado à colônia britânica no Brasil. Trata-se de iniciativa louvável da emissora que tem em Gagliano Neto, seu dirigente. ★ Silvio Caldas continua indiferente às atividades radiofônicas, embora permaneça no Rio. ★ Genolino Amado, cuja participação no "broadcasting" carioca e das mais eficientes, vem de ser premiado como o melhor autor teatral do ano, conquistando, assim, a medalha de ouro da Associação de Críticos Teatrais. ★ Herivelto Martins está em franca ofensiva carnavalesca, tendo lançado, entre outras, "Cabrocha", "Seu Coração é Seu Mestre" e "Cabelos Brancos". Esses três números fazem parte do repertório do "Tric de Ouro".

SABIA QUE...

... Wahita Brasil, artista exclusiva da Tupi, considera sua interpretação na novela "Valsa da Saudade", de Sílvia Autuori, como o primeiro trabalho marcante que fez no rádio?

★

... Gerdal dos Santos, rádio ator da Globo, participou da filmagem de "Sob a luz do meu bairro", aparecendo ao lado de Catalano, César Ladeira e outros cartazes de nosso meio artístico?

★

... no dia primeiro de fevereiro, na cidade do Salvador, nasceu Antonieta Lopes, cantora exclusiva da Guanabara e professora do Instituto 15 de Novembro?

★

... a professora Magdala da Gama Oliveira, ora à testa da Rádio Roquete Pinto, escreveu e publicou, no decorrer de 1933, um volume de crônicas intitulado "Rabiscos"?

★

... Grande Othello, popular astro "colored" do nosso "broadcasting", é autor do samba "Praça Onze", que tanto sucesso alcançou quando do seu lançamento?

FIGURAS DO PASSADO

O rádio, que para muitos se mostra uma criança, não é tão jovem assim. Ele já entrou na maioridade, atingindo o ar de superioridade por muitos reclamado. Por isso, nada mais natural do que lembrarmos os que nele militaram em seus primeiros passos. Stela Maris, por exemplo, foi uma das atrações de 1940. Interprete de foxes e canções, integrou com destaque o elenco da Mayrink Veiga,

ai vindo a conhecer Dorival Caymi, de quem se tornou esposa. Hoje, ela cuida do lar, desiludida com as possibilidades do rádio, do qual seu marido é um ex-poente.

Janir Martins, é outra personagem de relevo do "broadcasting" carioca de ontem. Iniciando-se ao microfone da Educadora, conseguiu fazer carreira, a ponto de estrear o elenco da PRE-8. Porém, surgindo-lhe o príncipe encantado, Janir preferiu o sossego do lar à luta do microfone.

A CUSTA DE UMA CHOPADA

A carreira artística de Mário Brazini deve-se, em grande parte a uma formidável chopada... Incrível como pareça, o caso prende-se à valente bebedeira tomada por esse talento Milton Carneiro, durante uma festinha familiar. E Brazini que assistirá a cena, resolveu imitá-lo, sem entrar no chopp, é claro. Fê-lo com tamanha perfeição, que o próprio Milton necessitando de uma pessoa para interpretar um bebado, não teve dúvida em recorrer ao atual autor de "Manecão, o marujo". Este, gostando do palco se deixou ficar no mesmo até se lhe abrirem as portas do cinema e do rádio onde, presentemente, defende o pão de cada dia. Não há muito, Brazini meteu-se numa aventura terrível, organizando uma companhia que excursionou pelo Brasil. Agora, porém, suas atuações voltaram-se para o microfone PRE-8, para o qual escreve novelas e programas.



WAHITA BRASIL

Músicas para o Carnaval

OS BÓCA NEGRA

Marcha de Ernani Silva e Dorvasal Monteiro Pires. — Gravação de Trige-meos Vocalistas

Eu vou viver
Nas selvas do Guaporé
Com os Bôca Negra
Rodeados de mulheres
Pois é
Eu vou levar
A vida lá do sertão
Não quero uma índia
Pois eu quero
Uma porção.

E quando o chefe da tribo
Começar a zangar
Vou ensinar a moçada sambar
E prá mostrar
Que também eu sou o tal
Pois lá nas selvas
Eu vou fazer um carnaval.

Que carnaval
Eu vou fazer.

SERENATA CHINESA

Marcha de João de Barro. — Gravação de Nuno Roland

O chinês Patichuli
Toca flauta de bambu
Quando acaba de tocar
Guarda a flauta no baú.

Certa noite em Pequim
Eu peguei meu violão
E fiz uma serenata
Pan panrão Pan pan panrão
Mas a linda chinesinha
A sorrir me disse assim
Gosto bem mais do flautim
Do meu chim
Que faz pim pim rim pimpim.

ESPAÑHOLA DIFERENTE

Marcha de Peterpan e Nassara. — Gravação de Ruy Rey

Encontrei uma espanhola diferente
Diferente das demais
Ela é boa e não é nada exigente
Se sou franco ou não sou franco
Tanto faz...

Ela é filha de Sevilha
Uma maravilha
Nem no céu tem coisa assim.
Mas Manolo
Que era um tolo
Bobeou
E a espanhola foi por mim...

QUEM MANDA NO BONDE?

Marcha de Domingos de Oliveira e Nicomedes de Oliveira. — Criação de José Tostes.

I

O bonde corre o condutor cobra o [dinheiro]
Quem manda no bonde é o motor- [neiro]
O bonde está repleto de carna- [lescos]
Cantando sambas pitorescos.

II

O bonde para, pula o fiscal
Que com atenção vai contando o [pessoal]
Surge a madrugada e o motoneiro
Da gaita só toma o cheiro.



Viveca Lindfors e Errol Flynn, formam o par amoroso de "Aventuras de Don Juan" produção da Warner Brothers

PARA satisfazer à curiosidade existente em torno de sua legendaria figura, diremos apenas que D. Juan era tão somente — a despeito de toda sua fanfaronice — um "pobre diabo", jovem romântico e... irresistível. Sim; pois sua reputação era de que nenhuma mulher podia jamais resistir-lhe à lábia. O murmúrio que se ouvia a respeito de suas conquistas amorosas — que fazia com que as mulheres o tornassem objeto de seus sonhos ardentes — eram fabulosos. Nenhum desses rumores eram, contudo, inteiramente verdadeiros ou inteiramente fantásticos. Ele, na verdade, buscava o amor em toda parte, com toda força de seu coração apaixonado, e o fazia, absolutamente, sem discrição alguma. Era, também, um espadachim invencível e sua lâmina raramente deixava incólume os adversários. Um aventureiro destemido cujas aventuras eram tão perigosas quanto perigoso era seu amor. Esta era a razão pela qual, ele e seu leal escudeiro — Leporello — açoitavam seus cavalos furiosamente nesta noite, através das estradas escuras em uma região ao sul da Inglaterra. Acabavam de escapar das mãos dos arqueiros de um marido irritado e... quase ultrajado. Naquela mesma tarde — D. Juan, lépido, havia galgado o muro de um castelo nos arredores de Londres, tomando em seus braços a arrebatadora figura de uma linda mulher que já o esperava, e lhe dizia, murmurando ao seu ouvido:

— Catarina, minha idolatrada! apaixonei-me por você desde que o Tempo é tempo!

— Mas... você apenas me conheceu ontem... — lembra-lhe ela.

— Pois foi justamente quando o Tempo começou a ser tempo... — dizia-lhe D. Juan, já agora no interior do castelo, beijando-lhe cavalheirescamente a mão.

Foi este o momento escolhido para que o marido retornasse, inexplicavelmente, abrindo violentamente a porta do aposento, dardejando sobre D. Juan um olhar feroz e ameaçador, e de espada em punho:

— Em guarda! — grita-lhe.

Aventuras de Don Juan

— Meu caro senhor — ia começando a dizer D. Juan — se me permite explicar.

— A única coisa que permitirei que façais é defender-se — e nada mais! Ides desambainhar vossa espada, ou prefere que eu vos transpasse sem ela?

A cena que se seguiu nem sequer pode ser descrita como um duelo. D. Juan, num golpe magistral, demonstrando sua enorme superioridade sobre o adversário, desarma-o facilmente. Pouco depois, deixa o aposento, salta o muro e desaparece.

— Guardas! Guardas! Aos cavalos! — clama colérico o marido. Tragam-me este homem, vivo ou morto!

Sob as árvores que rodeavam o castelo, o fiel Leporello, segurava as rédeas de um fogoso alazão, descansando o péso de seu enorme corpo sobre um outra alimaria, numa atitude de quem se entendia com a espera — espera que constituía para Leporello uma rotina, em aventuras da espécie dessas em que D. Juan estava metido.

Tão pronto D. Juan se aproxima e monta, ele esporeia rapidamente o animal e galopa ao seu lado, numa desabalada carreira, com os guardas ao seu encalço. Afinal, ao dobrar a curva de uma estrada situada fora das propriedades do castelo, Leporello olha em torno e respira aliviado. Mas D. Juan ficara para traz, na estrada principal, cercado por um grupo de cavaleiros, cujas armaduras reluziam ameaçadoramente.

— Alto, em nome de Sua Majestade a Rainha Elizabeth! E' proibido calvar por aqui. Pertencemos à escolta de recepção do Duque de Córdoba, que aí vem com sua comitiva, com destino a Londres.

Sem se perturbar, D. Juan, dirigindo-se a Leporello, que ali acabava de chegar, conduzido por dois guardas, com fingida surpresa:

— Uma escolta? — e como que censurando: — Você sabe muito bem o que penso a respeito de escoltas...

Leporello, compreendendo num relance a situação, responde:

— Sim, Señor! — e em seguida, com a sua habitual falta de tato: — Não é do protocolo viajar para Londres sem a devida escolta, Señor!

Porém, o capitão dos cavaleiros que os rodeavam compreendeu justamente o que D. Juan queria que entendesse, e seus modos de tratar mudaram de peremp-

tórios que eram para um constrangimento, muito natural em tais circunstâncias.

— Perdoe-me, Señor. As ordens que recebemos era de que o Duque viria com toda sua comitiva.

Apenas o lábio inferior de D. Juan tremeu ligeiramente, quando respondeu, indicando um ponto distante perdido entre as colinas:

— Minha comitiva — disse ofendido — ficou para trás. E o oficial, respeitosamente:

— Nós o levaremos a Londres, imediatamente, e o conduziremos à sua noiva.

— Minha noiva? — admirou-se D. Juan.

Sei quão impaciente deveis estar, Señor.

O capitão sorri, discretamente, e virando-se para seus homens:

— Para Londres, a todo galope! — comanda.

Apesar de não aprovar totalmente aquela inesperada excursão, D. Juan juntou-se à cavalgada, e galopava com tal graça e elegância como jamais um verdadeiro Duque, talvez, o tivesse feito até então.

Através de sua face impenetrável, porém, profundos pensamentos o preocupavam. Ele e Leporello haviam momentaneamente escapado. Mas, até que pudessem se desvencilhar daquela gente, em Londres, antes que a comitiva do Duque de Córdoba chegasse, as consequências de mais essa mistificação eram muito mais sérias do que todas as de que ele tinha memória. Além disso, quando assumiu a identidade do Duque de Córdoba, jamais supunha que uma noiva pudesse estar envolvida nisso.

★

Em Londres, enquanto D. Juan se aproximava, a noiva do Duque de Córdoba discutia acaloradamente, numa explosão violenta de seu temperamento rebelde, com seu próprio pai. Seu desabafo era sincero e sua vontade obstinada, quando explodiu:

— Recuso-me terminantemente a me casar com um homem a quem nunca vi em minha vida!

Lord Chalmers, seu pai, demonstrava claramente sua agitação:

— Mas... Diana... Isso já foi decidido há tanto tempo! Sua Majestade a Rainha Elizabeth, virá ela mesma, em pessoa, assistir ao enlace...

ELENCO

D. Juan	Errol Flynn
Rainha Margarida	Viveca Lindfors
Duque de Lorka	Robert Douglas
Leporello	Alan Hale
Rei Felipe II	Rommey Brent
Donna Elena	Ann Rutherford
Don Sebastian	Jerry Austin
Don Rodrigo	Douglas Kennedy
Lady Diana	Helen Westcott

Filme da WARNER BROTHERS ★ Dirigido por VINCENT SHERMAN

E torcendo nervosamente as mãos:

— Diana, minha filha, como você está mudada, desde que voltou de Paris. Não vê que essa união pode significar a paz permanente entre a Inglaterra e Espanha?

E assim que percebeu o ruído do tropel, que denunciava a chegada da comitiva do Duque, implorou-lhe, quase chorando:

— Diana, minha querida filha, pelo bem da Inglaterra!

— Se esse Duque for o que estou pensando, sem dúvida, ainda haverá uma guerra com a Espanha!

Com as sobrancelhas franzidas, demonstrando seu aborrecimento por tudo aquilo, Diana se dirigiu a passos largos para a janela e espiou a rua. Então, repentinamente, uma expressão de incredulidade perpassou-lhe pelo semblante.

Lá em baixo, D. Juan acabava de chegar. Desmontara e estava olhando aquela multidão que ali permanecia para lhe dar boas vindas, com absoluta indiferença, relanceando um olhar de investigação para a mansão de Lord Chalmers, informa: "O muro deve medir uns seis metros de altura. E' bom escolher uma árvore copada, quando tiver de sair..."

Lord Chalmers, que como sua filha ainda não conhecia o Duque de Córdoba, já se vinha encaminhando para o futuro genro.

— Señor. A noiva espera-vos ansiosa.

Com uma expressão que denotava viva impaciência, D. Juan seguiu o nobre anfitrião, imaginando que a noiva do Duque poderia ser tudo, menos uma mulher atraente.

A expressão de seu rosto, quando Lord Chalmers o apresentou a Diana, era de infinita satisfação e profundo alívio.

— Surpreendentemente bela! — começou a dizer D. Juan, exibindo um de seus melhores sorrisos.

Lord Chalmers, nesse instante, como que satisfeito pelo inesperado sucesso, retirou-se, deixando-os a sós.

Diana, enlevada, apesar do brilho de seu olhar, interrogou-lhe com voz suave.

— Então, Señor? Vai passando bem?...

— Surpreendentemente bem agora, que a conheci. — e por um breve momento pareceu-lhe familiar aquela voz e aquele rosto de feições admiráveis que tinha diante de si; contudo, o seu irrefreável hábito da lisonja às mulheres lindas, fê-lo acrescentar: — "Uma beleza igual à sua é sempre um prazer e um encantamento para qualquer mortal".

Diana, que no primeiro momento parecia indecisa, estava agora absolutamente certa de saber com quem estava falando.

— Você voltou e me encontrou, afinal! Cumpru o juramento feito naquela noite estrelada, quando adorei em seus braços.

— "Aquele noite estrelada?"

— Sim, naturalmente; jamais poderia olvidar... — A voz de D. Juan nem de leve denotava a surpresa daquela revelação. — "Veneza... você e eu em uma gôndola prateada, sob a luz do luar..."

— Foi em Paris, querido — interrompeu Diana, e seus olhos brilhavam de contentamento e cupidez.

Atirou-se nos braços de D. Juan, encostando a cabeça em seu peito e suas delicadas mãos acariciavam-lhe a face.

— Você jurou — lembra-se? — que iria se recordar de meus beijos até o final dos séculos.

Diana encaminha-se para a porta, corre o trinco, e volta para D. Juan, abraçando-o com enlevo:

— Desta vez, não o deixarei esquecer-se de mim...

Neste instante, a voz colérica de Lord Chalmers, fê-lo voltar à realidade, e as suas batidas na porta do aposento diziam muito de sua fúria.

— Diana! Abra essa porta! Esse homem é um impostor! O Duque de Córdoba está aqui — ao meu lado!

Para D. Juan, a coisa aconteceu muito cedo.

Lord Chalmers espumava: "Pagará por isto com sua própria cabeça!"

Tudo aquilo bem que poderia se tornar realidade dentro em pouco. Com um rápido olhar D. Juan examinou o aposento. Correu para o terraço e espiou lá embaixo. Leporello já se encontrava cercado pelos guardas, e um outro grupo, ali em cima, por trás de um porta lateral envidraçada, brandiam as armas ameaçadoramente. Vendo tudo aquilo mal parado, Diana corre para junto de seu bem amado e o abraça.

Apoplético, Lord Chalmers, que já havia aberto a porta, estava gritando: "Tire as mãos de minha filha"; e apontando para um tipo baixinho de meia idade, todo paramentado, ao seu lado, dirigiu-se a Diana: "Este é que é o Duque".

Diana permaneceu atônita. D. Juan, a uma pergunta do Duque, que todo formalizado lhe exigira a identidade, sorri polidamente:

— Sou apenas um velho amiguinho da noiva, e meu único objetivo é felicitá-la pelo seu próximo enlace... Sou D. Juan!

Os olhos do Duque de Córdoba esbugalharam-se.

— Agora é que estamos arruinados — choramingava — este homem é a desgraça da Espanha!

Os guardas já tinham cercado D. Juan e o estavam conduzindo para fora, quando Lord Chalmers exclamou, desolado: "Sua Majestade, a Rainha Elizabete, possivelmente tomará conhecimento desse escândalo".

Dentro de poucos minutos, D. Juan e Leporello eram algemados e trancafiados no fundo de uma cela. Sua estada naquele inóspito lugar era uma questão de dias, apenas. Dias esses, durante os quais D. Juan a

despeito da situação nada promissora de ambos, insistia em deplorar a sua falta de memória por não haver reconhecido Diana. "Como posso eu ter esquecido tão adorável criatura — conjecturava — isso é o que me preocupa seriamente".

— Isso é que o preocupa? — explodiu Leporello. — Muito bonito! Nós aqui encurralados, esperando a todo momento o carrasco, que nos levará diretamente ao patíbulo, e você a se preocupar com sua memória!

D. Juan nem sequer lhe deu atenção. "Sómente quatro meses, e eu já me esqueci" — E'; tenho necessidade de manter um Diário. Mas, não devo escrever a primeira página aqui, pois é muito provável que não chegue a começar a segunda..."

Leporello, nesse instante, presentindo os passos dos guardas que se aproximavam no corredor lá fora, agita-se, e num sussurro nervoso:

— São eles! São eles que nos vêm buscar!

O oficial que entrou na cela, perfilou-se e comunicou solenemente:

— "Vocês deverão ser conduzidos para a Embaixada da Espanha, onde ficarão em custódia".

D. Juan dirigiu-lhe um olhar de agradecimento. O Conde de Polan — o embaixador espanhol — era um homem magnífico, justo e bondoso, tinha sido amigo de infância de seu pai. A liberdade parecia assegurada.

Seu otimismo, contudo, iria durar muito pouco, pois, ao chegarem ao gabinete do Embaixador — homem de maneiras delicadas e porte aristocrático — este lhes comunica gravemente:

— A minha posição como estadista acreditado junto a uma nação amiga me permitiu, com facilidade, tirá-los de uma prisão inglesa; contudo, fuge de minha alçada livrá-los de uma cadeia espanhola! O Duque de Córdoba já regressou a Madrid. Seu compromisso com a filha de Lord Chalmers foi cancelado. Foi um golpe cruel para ele, encontrar sua futura esposa em seus braços, D. Juan... A minha função aqui em Londres é encontrar um caminho que me conduza a estabelecer uma paz duradoura entre a Espanha e a Inglaterra. Esse casamento significava um grande passo para coroamento de minha árdua missão. A própria Rainha Elizabete estava interessada nesse enlace. Julgam, porventura, os senhores que me ajudaram muito, contribuindo para que esse compromisso fôsse anulado? — e ainda por cima, por um espanhol?

Todavia, para D. Juan, toda aquela tragédia de tão desagradáveis consequências, não passava de um episódio a mais, em uma de suas incorrigíveis aventuras, sem maior importância.

E foi pressuroso, que se ofereceu:

— Se ao menos pudesse falar com a Rainha...

Sua brilhante carreira, bem o qualifica como um diplomata — interrompe-lhe o Conde de Polan — "Foi forçado a deixar Amsterdam, Viena, Paris, Roma e agora... Londres! Para você, D. Juan, o mundo vai encolhendo cada vez mais".

O Embaixador calou-se por um instante, do qual se aproveitou D. Juan para perguntar:

— Conde de Polan, que me aconselha a fazer?

O Embaixador estudou por um longo minuto aquela cara simpática que tinha diante de si, e apenas aquela resposta lhe ocorreu:

— Você vai voltar imediatamente para a Espanha! — e prosseguindo: — Há muita gente por aqui, e há, principalmente, interessada em que haja guerra. Para desassossego nosso essa gente é muito poderosa. Aqui na Corte, apenas a Rainha Elizabete trabalha para a paz.

O Conde de Polan falava como que escolhendo cuidadosamente cada palavra que dizia: — "Você, D. Juan, é um cavalheiro arguto, inteligente e sobretudo... audacioso. Talvez pudesse usar seus atributos em favor de nossa causa..."

D. Juan interrompeu-lhe, apreensivo:

— Mas... eu iria cair no desagrado desses poderosos, e evidentemente receberia o devido castigo por isso...

— A sua sina não parece ser outra... — retorquiu-lhe o Embaixador, e um largo sorriso iluminou-lhe a fisionomia grave — eu, pessoalmente, acredito em que você nos poderia ser bastante útil.

Dirigiu-se à secretária, retirou da gaveta um documento, dobrou-o e continuou: "Escreverei à Rainha Margarida, contando tudo a seu respeito, e rogando-lhe que seja complacente para com você — e dizendo-lhe também — e que os Deuses me perdoem por isso — da minha inabalável fé em vê-lo, doravante, regenerado".

D. Juan, de pé, fitou-o com curiosidade, ficou por longo tempo pensativo e em seguida prometeu: "Hei de me regenerar; ainda que seja apenas para conservar a inabalável fé de que me falou".

O Conde de Polan exibiu-lhe, então, um lindo anel, tendo num engaste de pedras preciosas uma magnífica Cruz de Malta, com as insignias de Espanha. — "Sua Majestade, me fez presente dessa joia como sinal de sua perene amizade. Ela necessitava de verdadeiros amigos. Seja leal para com ela".

Levantou-se e apertou com firmeza a mão de D. Juan:

— Até a vista! — e... lembre-se de sua promessa!...

D. Juan voltou-se, à saída, para exclamar, num gesto de arrebuo:

— "Serei um exemplo para toda Espanha!"

— A face de D. Juan iluminou-se. A sensação de uma aventura próxima empolgava-lhe. E uma aventura para D. Juan sempre significava também romance. Mas, desta vez havia necessidade de muita cautela — e ele bem sabia disso...



Duque de Lorka (Robert Douglas) e a Rainha Margarida (Viveca Lindfors)



Lady Diana (Helen Westcott) e Don Juan (Errol Flynn)



Donna Elena (Ann Rutherford) e Don Juan (Errol Flynn)



Rainha Margarida (Viveca Lindfors) e Don Juan (Errol Flynn)

(Continua na pág. 50)

(ALBERT EINSTEIN — 1879)

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Pôrto Alegre)

E assim terminou os estudos e recebeu o certificado de professor. Mas não conseguiu nomeação. Era judeu. Sempre que ia solicitar um posto de professor, recebia a mesma resposta evasiva: "Pessoalmente, eu não me oponho; mas há outras pessoas, o senhor compreende...".



III

O tempo, como o espaço, é questão de movimento relativo. Se um homem pudesse deslocar-se com uma velocidade superior à da luz — o que, por certo, é humanamente impossível — alcançaria o seu passado e teria a data do seu nascimento relegada para o futuro. Veria os efeitos antes das causas, e presenciaria os acontecimentos antes que eles sucedessem realmente. O tempo é apenas um relógio planetário que mede o movimento. Cada planeta possui o seu sistema (Continua na pág. 47)

NOS BASTIDORES FEMININOS



OS DEZ PONTOS CAPITAIS

NÃO se trata dos dez mandamentos inscritos nas tábuas de Moisés, mas dos dez mandamentos da moda atual, criados e postos em prática pelos costureiros franceses chefiados, como não poderia deixar de ser, pelo revolucionário Dior. Tais inovações foram criadas para os modelos de outono e inverno, mas algumas podem e já estão sendo aproveitadas neste verão, o que nos leva a apresentá-las aqui.

1 — **Cintura mais alta** — A cintura sobe, situando-se muitas vezes sob o busto — reminiscência Diretório e Império — ou então se define, sem artifícios, na linha "Princesa", muito justa, desde cima, sem marcar a cintura. Esse "movimento" para cima se obtém muitas vezes por alguns "trues", como corpetes incrustados, efeitos de cintura dupla, ou ainda por meio de um cinturão muito largo. Tal moda é, no entanto, um pouco perigosa. Convém estudá-la muito antes de adotá-la.

2 — **Saias mais curtas** — O comprimento da saia varia segundo a hora e a ocasião. Durante o dia vai de 26 a 35 cm. do chão. Depois das cinco, desce a 25, de acordo com o tipo do traje. Para a noite, chegam, na frente, até o tornozelo, prolongando-se atrás numa ligeira cauda.

3 — **Saias mais estreitas** — Ainda algumas são "entravadas". Caem retas e às vezes tão estreitas que necessitam de uma fenda para facilitar o andar.

4 — **Amplitude estudada** — A saia já não cai à vontade. Gira, reta, ao redor da silhueta e se projeta sempre de

Para a noite, mais uma elegante e original sugestão inspirada nos trajes egípcios, que Paris nos envia. Jersey branco, bordados em ouro

um determinado ponto. Outras vezes é presa até os joelhos, abrindo-se em seguida em babados. Outras vezes, ainda, só tem amplitude atrás. Também se recolhe, assimetricamente, de um lado só, ou se enrola em túnica irregular ou babados em espiral. Dior criou uma saia "ciclone", formada de grandes pétalas...

5 — **A "basque"** se modifica — Já não existem as "basques" curtas e "godets" que tanto se banalizaram. Para a manhã as jaquetas são clássicas, modelando os quadris. Alguns modelos para ocasiões mais importantes, apresentam "movimentos" para trás.

6 — **A importância da gola** — Nelas se encontra a influência Diretório. Sobem, são ponteadas e arrematadas por uma gravata "à la Muscadin", ou avançam até quase os olhos, dando um ar de "conspirador". Outras se abrem na frente e nas costas, outras descobrem, atrevidamente, um ombro.

7 — **Decotes pródigos para o dia** — São vistos abertos em coração para os vestidos esportivos, ou então quadrados, bem marcados para os mesmos tipos de vestidos. Numerosos são os efeitos assimétricos, tirados em ponta de um lado, sobre os ombros ou nas costas.

8 — **"Écharpes"** — São a grande sensação. Uma se enrola sobre os ombros e busto, outras cobrem um ombro só. Não aparecem somente nos trajes de noite, mas também nos modelos para o dia. Algumas se disfarçam em largas gravatas usadas sob uma gola alta. Capas e pelerines cobrem também os ombros. O chale em ponta, à espanhola, é usado nos vestidos para a manhã.

9 — **As mangas** — São compridas (naturalmente para o outono e inverno) e com punhos que abotoam. Quando chegam somente até os cotovelos, terminam num reverso pontagudo. Muitas mangas "kimono" e muitas mangas "pagoda" para os casacos. Os vestidos para jantar ou para "cocktail" ostentam mangas curtas.

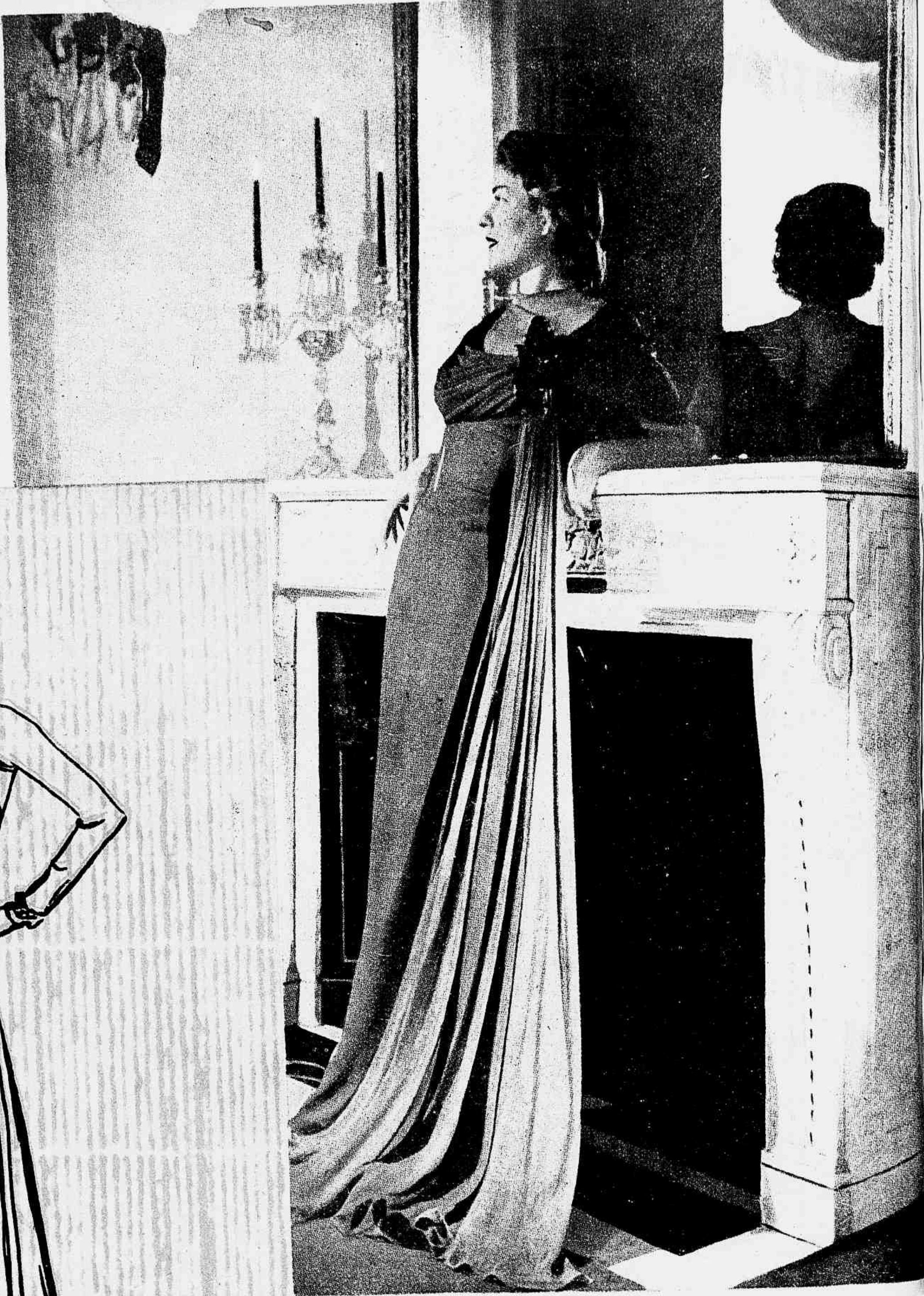
10 — **Os botões** — Servem, frequentemente, como adorno, seja modelando a linha dos ombros, seja fixando um drapado que se prende no alto da saia a um corpinho curto.

E aí estão os dez pontos principais da nova moda. Antes, porém, de adotar qualquer um deles, será conveniente que cada uma faça um estudo sincero da sua própria figura e do seu tipo a fim de que uma escolha apressada não vá levá-las ao ridículo. — O. B.

A' direita: — De Jeanne Lafaurie.
Modelo em mousseline. Branda dra-
peada sobre os ombros, fazendo a
volta pelas costas e terminando na
frente em ampla echarpe



Elegante este modelo: — De Jeanne
Lanvin, para a noite em jersey bran-
co, drapeados sobre o busto, decote
bem amplo, alças douradas



DO DIRETÓRIO AO

Imperial

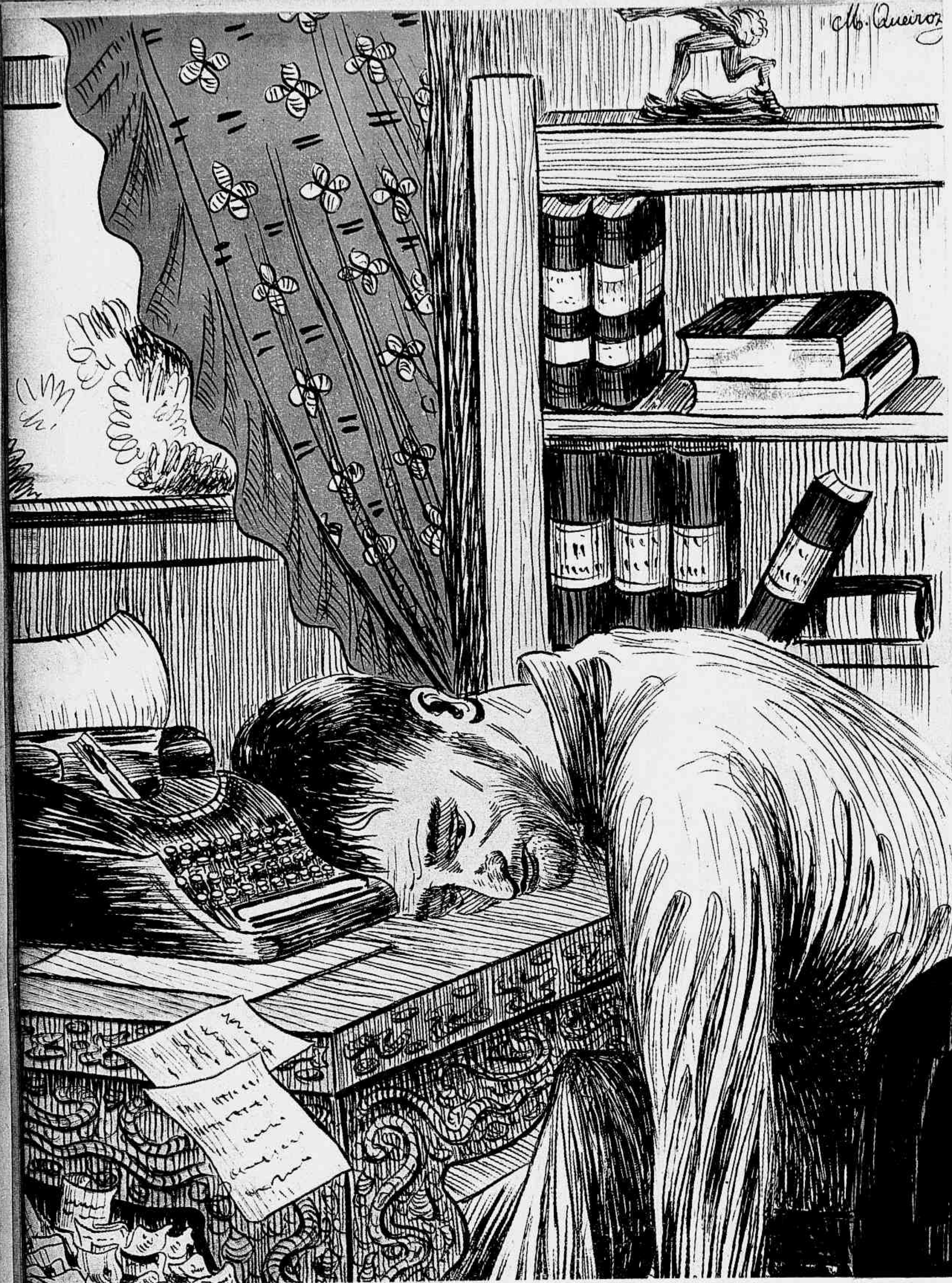
A' esquerda: — Novamente um modelo para a noite, em tons contrastantes. Ramos de rosas brancas sobre o busto e caindo um pouco mais abaixo. O modelo é em pesada sêda cinza com grande echarpe do mesmo tecido em tom verde esmeralda

No canto da página a esquerda: — Modelo em tafetá azul pálido, bordado a ouro na barra da saia, acompanhado de peles

De Balenciaga, saia preta em plissé "soleil"; blusa de mousseline branca. Grupo de margaridas sobre o busto, completa a elegância deste originalíssimo figurino

ESSA época influi seriamente na moda atual. Quer nos vestidos para a noite ou nos modelos para o dia e para a tarde, ela se impõe rigorosamente. No entanto, é uma moda um tanto perigosa; recomendamos a quem pretender adotá-la que estude antes a sua própria figura.

Tradução de
JORGE A. FORTES



MAYHEW

QUASE todos os homens têm sua vida determinada pelas circunstâncias. Aceitam não somente resignados mas até de boa vontade as condições que lhes são impostas pelo destino. São como bondes que seguem contentes nos seus trilhos e desdenham do fordeco traquinas que entra e sai do tráfego para acabar se lançando, livre de preocupações, ao campo aberto. Respeito-os: são bons cidadãos, bons maridos e pais, sem falar em que é preciso haver quem pague os impostos; mas não os acho interessantes. Fascinam-me, estes sim, os homens — bem poucos, é verdade — que tomam a vida nas próprias mãos e parecem moldá-la ao próprio gosto. E' possível que não tenhamos tal coisa como livre arbítrio, mas de qualquer modo temos-lhe a ilusão. Numa encruzilhada parece-nos que podemos seguir tanto à direita como à esquerda, e uma vez feita a escolha é bem difícil perceber que foi a longa história do mundo que nos levou a tomar aquela direção.

Nunca vi homem tão interessante quanto Mayhew. Era advogado em Detroit, competente e bem sucedido. Aos trinta e cinco anos dispunha de vasta e rendosa clientela, profunda cultura jurídica e parecia a um passo de brilhante renome. Corretíssimo, era dono de atraente personalidade e grande inteligência. Não havia razão possível para que se não tornasse, financeira ou politicamente, verdadeira potência. Certa noite estava no clube, num grupo de amigos, todos já talvez um copinho ou dois além do máximo. Um deles chegara havia pouco da Itália e discorria sobre uma casa que vira em Capri, a cavaleiro da baía de Nápoles, em meio de amplo e frondoso jardim. Descreveu-lhes depois a beleza da mais bela ilha do Mediterrâneo.

— Parece ótima — comentou Mayhew.
— E está à venda, essa casa?
— Na Itália de hoje tudo está à venda.
— Telegrafemos então, fazendo uma oferta.

— Mas, Céus! Que pretende você com uma casa em Capri?

— Habitá-la — retrucou Mayhew.

Pediu uma fórmula telegráfica, que encheu e despachou. Horas depois veio a resposta. Sua oferta fora aceita.

Mayhew não era nenhum hipócrita; por isso não procurou ocultar o fato de que nunca teria feito coisa tão louca se estivesse em estado normal. Mas de volta ao dito estado, não se arrependeu. Não era homem emotivo, que se deixasse levar por impulsos; apenas honesto e sinceríssimo. Nunca teria, apenas por bravata, prosseguido em rumo que já tivesse percebido estar errado. Decidiu-se a fazer exatamente o que dissera. Fortuna era coisa que o não interessava; dinheiro, tinha-o suficiente para se manter na Itália. Achara que poderia aproveitar melhor a vida do que desperdiçá-la tratando de triviais desavenças entre gente sem importância. Não tinha, no entanto, qualquer plano estabelecido. Queria simplesmente escapar

de uma vida que já lhe dera tudo o que tinha a oferecer. Creio que os amigos julgaram-no louco; alguns mesmo devem ter feito tudo por dissuadi-lo. Mayhew liquidou os negócios, arrumou as malas e partiu.

Capri é um rochedo esguio, de linhas ásperas, mergulhado em profundo mar azul; seus vinhedos, porém, verdes e vivos, dão-lhe encanto simples e suave. E' amável, remota e elegante. Achei esquisito que Mayhew escolhesse ilha tão bela para morar, pois nunca vi homem menos sensível à beleza. Não sei até hoje o que lá foi procurar: se felicidade, liberdade ou simplesmente sossego; mas sei o que encontrou. Em lugar que tão singularmente invoca aos sentidos, viveu ele apenas do espírito. A ilha é rica de recordações históricas; sobre ela paira eternamente a enigmática lembrança de Tibério imperador. De suas janelas que descortinavam a baía de Nápoles, a silhueta nobre do Vesúvio ao longe, mudando de colorido à mudança da luz, Mayhew via centenas de sítios recordativos de gregos e romanos. O passado pôs-se a persegui-lo. Tudo aquilo que via pela primeira vez, já que nunca saíra de sua terra, excitava-lhe a fantasia; e na alma despertou-lhe o desejo de criar. Homem de energia, em pouco resolveu-se a escrever um livro. Por algum tempo procurou assunto, decidindo-se afinal pela segunda centúria do Império Romano, pouco conhecida, que lhe pareceu oferecer problemas análogos aos da sua própria época.

Começou a coligir obras e em pouco possuía imensa biblioteca. A prática legal ensinara-lhe a ler com rapidez. Lançou-se ao trabalho. Habitado já a passar as noites em companhia de pintores, escritores e outros que tais, reunidos sempre na pequena taverna perto da praça, foi aos poucos deixando de aparecer, à medida que os estudos mais e mais o absorviam. Acostumado também a banhar-se naquele mar ameno, a dar longos passeios por entre as vinhas frescas, pouco a pouco, para ganhar tempo, deixou de fazê-lo. Trabalhava então como nunca em Detroit. Começava depois do almoço e varava a noite, até que o apito do vaporzinho que vai toda manhã de Capri a Nápoles lhe anunciasse as cinco horas, tempo de ir para a cama. O tema alargava-se sempre mais diante dele, cada vez mais vasto e significativo, levando-o a imaginar uma obra que o fixasse definitivamente entre os grandes historiadores do passado. Com o correr dos anos, cada vez menos se o encontraria no convívio dos homens. Tentações que o tirassem de casa só uma partidinha de xadrez ou a possibilidade de uma boa discussão. Adorava lançar o próprio cérebro contra o de outrem. Era então homem dos mais lidos, não somente em história mas em filosofia e ciência, e hábil argumentador: rápido, lógico, incisivo. Mas mesmo assim restava-lhe bondade, bom humor: se bem que sentisse prazer muito humano no triunfo, incapaz de com a exultação magoar o antagonista.

Mayhew chegara à ilha corpulento e rijo, de barba e cabelos negros, fortes, físico poderosíssimo. Gradualmente perdeu o viço, ficou magro e débil, a face pálida, cerúlea. Estranha contradição naquele que fora o mais lógico dos homens... que embora materialista certo e impetuoso, agora tanto desprezasse o corpo: encarava-o apenas como vil instrumento sujeito às ordens do espírito. Nem doença nem preguiça o impediam mais de prosseguir na obra. Quatorze anos assim lidou, incansavelmente. Fez milhares e milhares de antecôes. Releu-as todas; classificou-as. Tinha o assunto todo nas mãos; estava pronto para começar. Sentou-se para escrever. Morreu.

Era a vingança do corpo que ele, o materialista, com tanto desdém tratara.

Aquêle vasto acúmulo de conhecimentos está perdido para sempre. Vã fora a ambição — não ignóbil, certamente — de colocar o próprio nome ao lado dos de Gibbon e Mommsen. Sua memória resta entesourada nos corações de uns poucos amigos... menos, aí de mim! — à medida que os anos passam. Para o mundo, é tão desconhecido na morte como o foi em vida.

Para mim, no entanto, sua vida foi um sucesso. Modelo bem completo. Fez o que quis e morreu quando tinha a vista o objetivo, sem conhecer a amargura de um ideal realizado.



O pintor brasileiro em companhia das atrizes francesas Blanchette Brunoy e Maria Mauban



Sotero Cosme em companhia do famoso escritor Jean Paul Sartre, criador do Existencialismo



Sotero Cosme, o ator Henri Cremlieux e as atrizes Blanchette Brunoy e Maria Mauban



A atriz Odette Joyeux e os atores Pierre Blanchard e Fernand Ledoux

A esquerda — "Secagem de café", obra expressiva, que mereceu elogios da crítica parisiense. A direita — "Perfil", atualmente em exposição na "Galerie Bernheim Jeune"

ARTES PLÁSTICAS Por ANGELUS RAVEL

SEGUNDO informam notícias procedentes de Paris, vem obtendo sucesso a exposição de quadros do pintor brasileiro Sotero Cosme, que ali se encontra em viagem de estudos.

As obras que o gaúcho Sotero Cosme está exibindo na Galeria Bernheim, no Faubourg Saint-Honoré, estão sendo muito bem recebidas pela crítica parisiense, e apreciadas pelo público em geral.

A exposição do pintor patricio vem constituindo, assim, um grande êxito artístico e social, atraindo grande público, além de numerosas personalidades parisienses e brasileiros ilustres, que lá estão, muitos artistas, atrizes, intelectuais e amadores de pintura de toda Paris.

Os jornais parisienses vêm dando grande destaque ao acontecimento e fazendo referências elogiosas às obras de Sotero Cosme.

Eis a opinião de alguns críticos a respeito:

Charles Kunstler, em "Opera":

"De sua arte, que se compraz nas estilizações, na pureza dos contornos, nas colorações discretas, pode dizer-se que é de um realismo clássico; mas certas deformações, certos detalhes com que esse artista enriquece as suas composições, permitem também classificá-lo como suprealista. O sr. Sotero Cosme se nos revela como um animalista de grande classe".

Andre Warnod, no "Figaro":

"Sotero Cosme evoca o seu país com uma pre-

cisão notável, rica de qualidades. Com igual êxito executa vários gêneros".

Jean Bouret, em "Artes":

"A atração da América do Sul reside tanto nas suas paisagens quanto na sua gente, jovem e apaixonada pela descoberta de uma arte nova, uma arte autóctone, que não esteja a reboque da Europa. Temos hoje aqui Sotero Cosme, enamorado de verdade e de luz, a pôr em imagens regiões maravilhosas. Sua arte escapa às nossas classificações. Nêle, há também um pouco de afresquista, hábil em simplificar desenhos e volumes".

O Crítico Maximilien Gauthier diz:

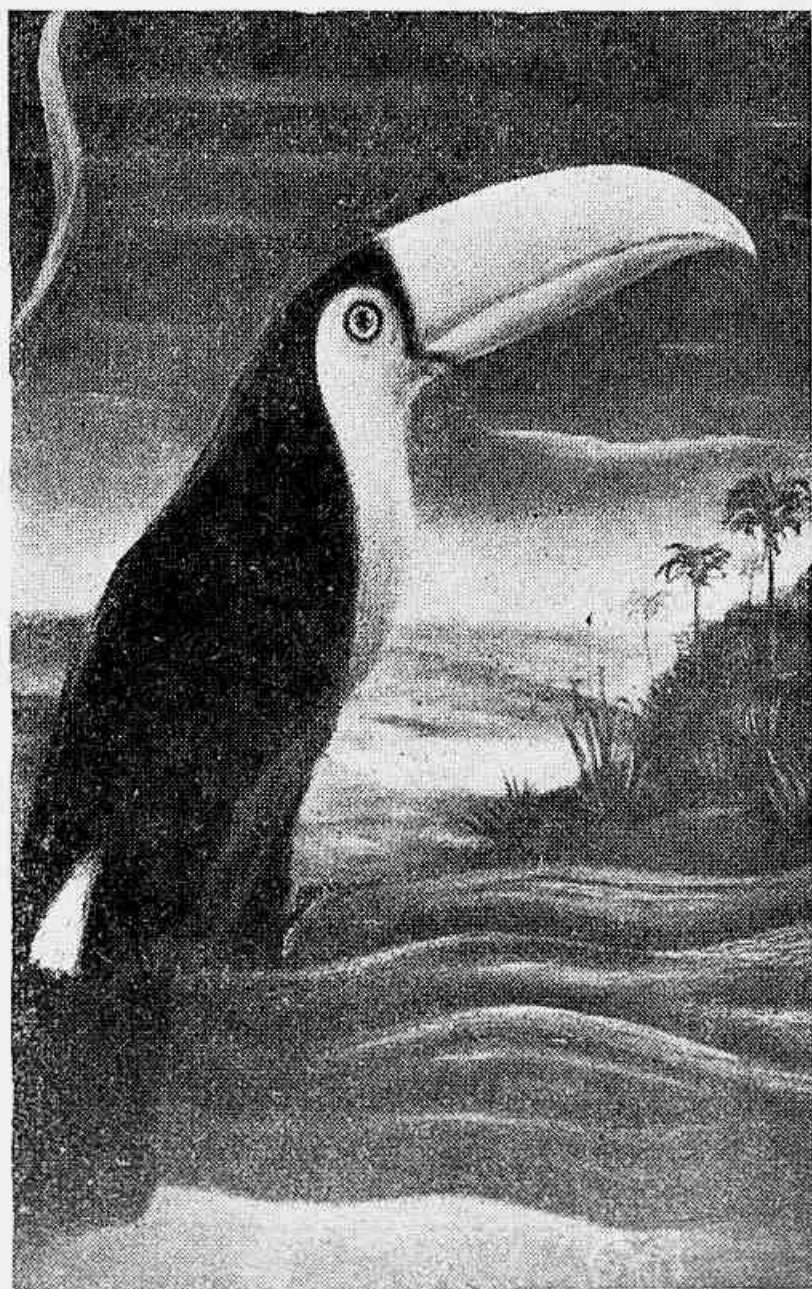
"O pintor Sotero Cosme, já admirado no Salão de Outono, expõe paisagens e retratos maravilhosamente executados assim como animais exóticos curiosamente representados".

★

Eis alguns nomes de personalidades que compareceram ao "vernissage": — Escritor e filósofo Jean Paul Sartre, criador do Existencialismo; escritor Jean Cocteau e Henri Mondor, da Academie Française; pintores Van Dongen, Francis Picabia, Gino Severini e Christian Berard; atores Pierre Blanchard, Fernand Ledoux, Jean Marais e atrizes Gabrielle Dorziat, Simone Renant, Renée Saint-Cyr, Odette Joyeux e Blanchette Brunoy.

Compareceram também, o embaixador Luis Sousa Dantas, embaixador e embaixatriz Carlos Martins e o ministro Labienno Salgado dos Santos.

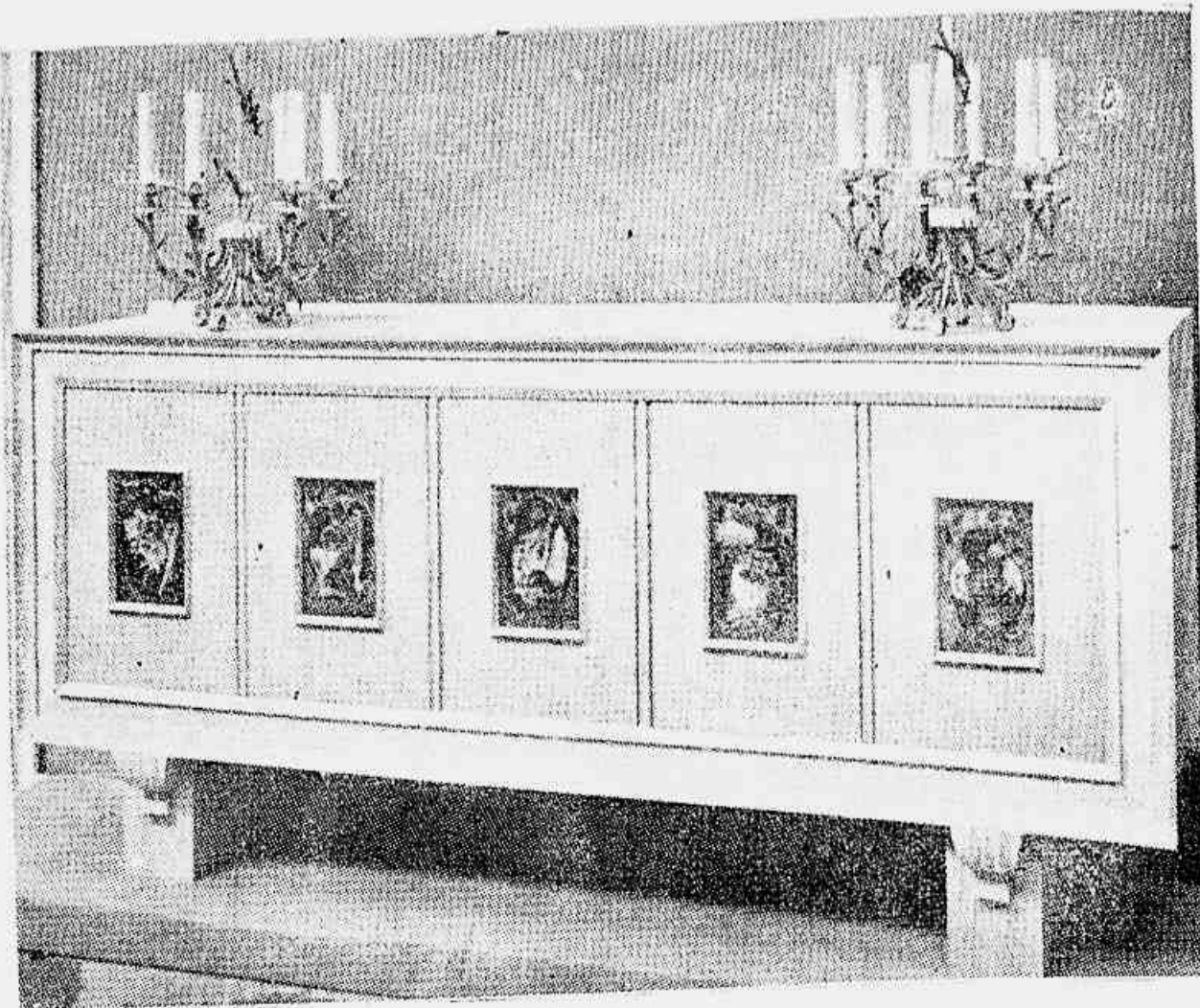
A esquerda — "Tucano", um dos quadros de Sotero Cosme. A direita — "Cavalo" — alguns críticos franceses dizem que certas deformações de sua arte, permite m, também, classificá-lo como suprealista



PARA O SEU VERANEIO



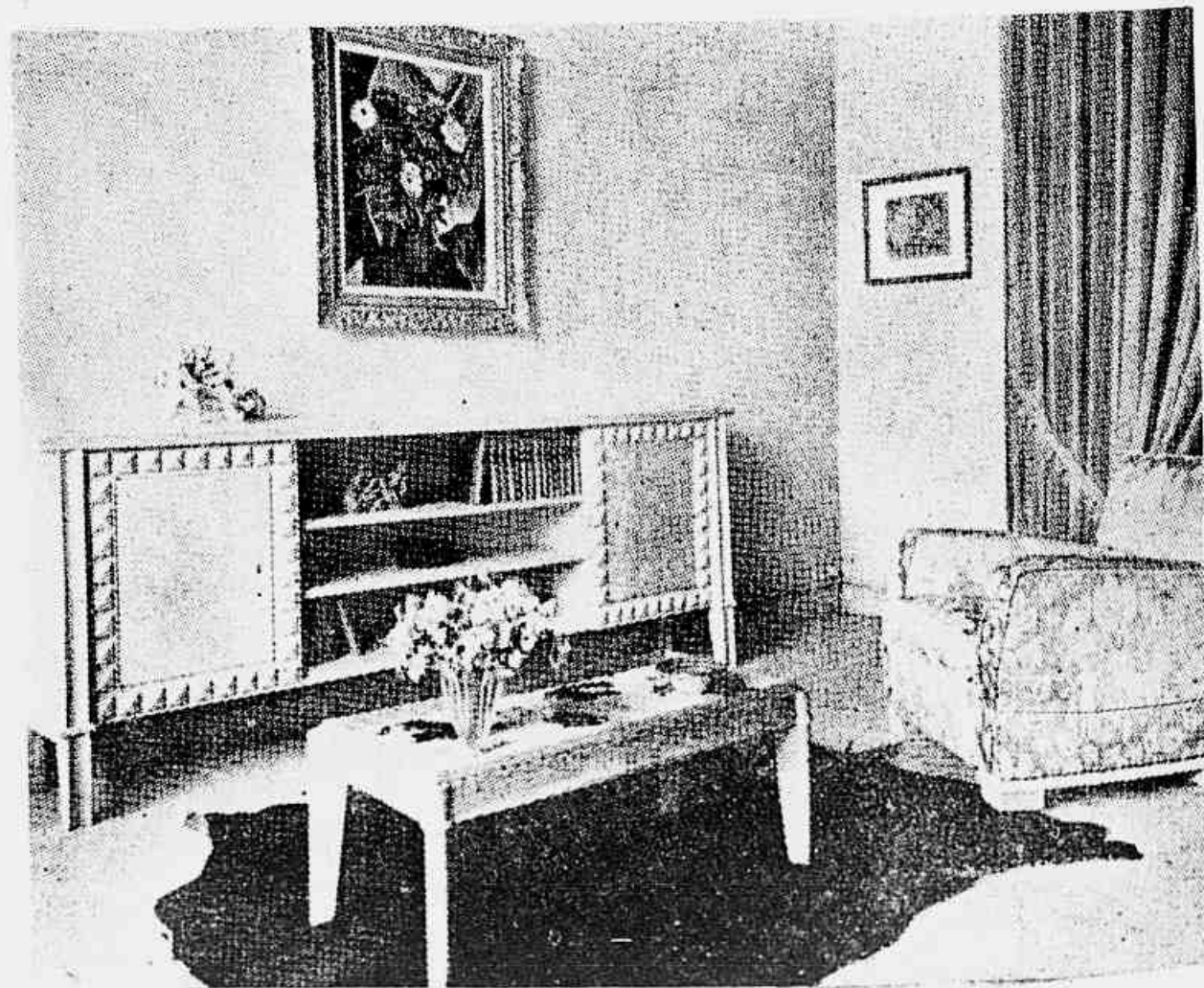
VOCÊ, que vai para fora, precisará, sem dúvida, de muitas blusas e de algumas mais quentes, para as manhãs ou para as tardes frias. As que hoje aqui sugerimos se prestam a esse fim. Podem ser feitas em seda, em taletá ou em lã.



INTERIORES Há uma grande tendência, por parte dos decoradores franceses para as linhas modernas; não tão duras como muitos têm apresentado, mas um pouco mais rebuscadas, como por exemplo, no "buffet" com quadros em cerâmica, na gravura ao alto: A seguir, um "living" cuja nota original é dada pelos planos da sala. Uma escala lateral dá acesso ao plano superior. Um

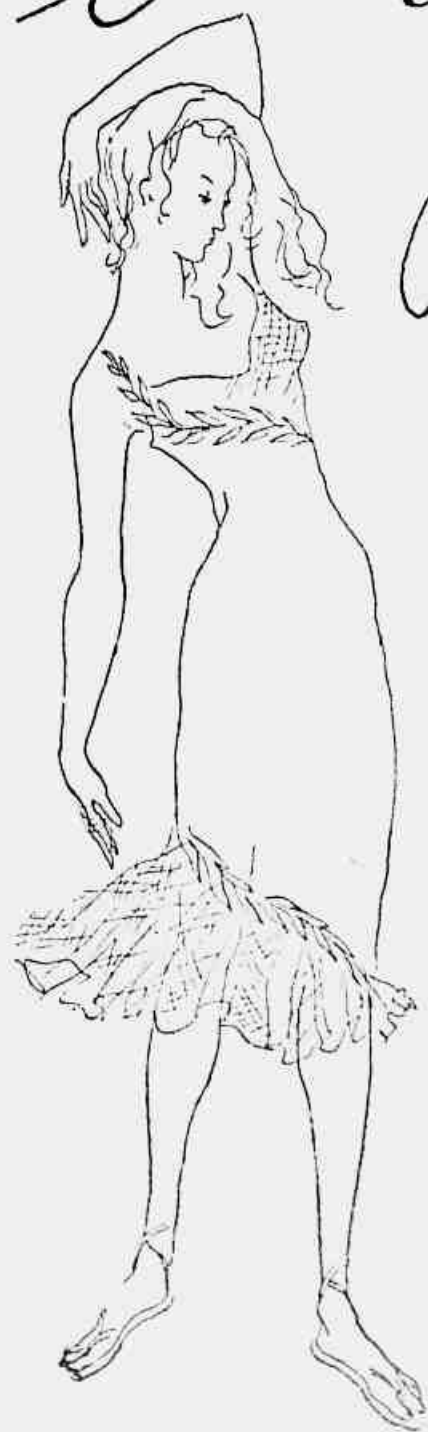


grande "sommier" é colocado contra a parede do segundo plano. Finalmente na estante-armário trabalhada em cubos, de linhas simples mas bastante originais. Inegavelmente, tais ambientes se tornam muito mais alegres e agradáveis do que os que oferecem os pesados móveis de estilo.

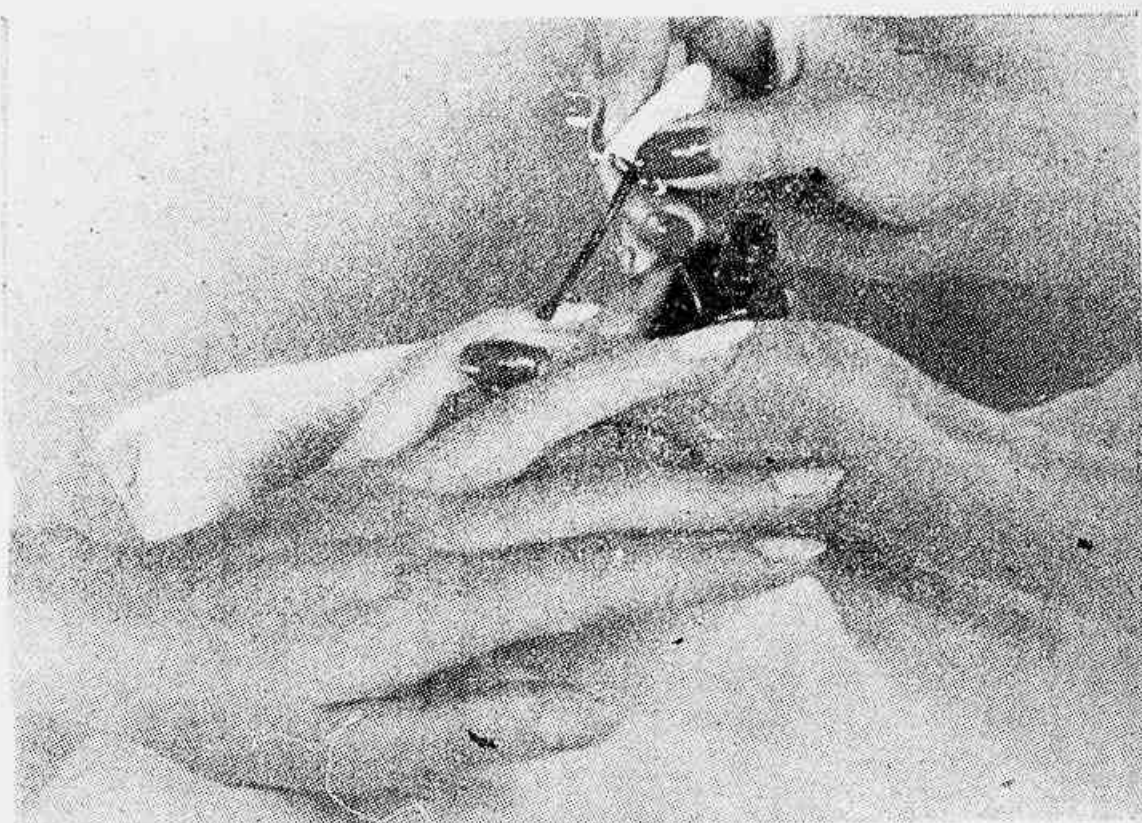




lingerie

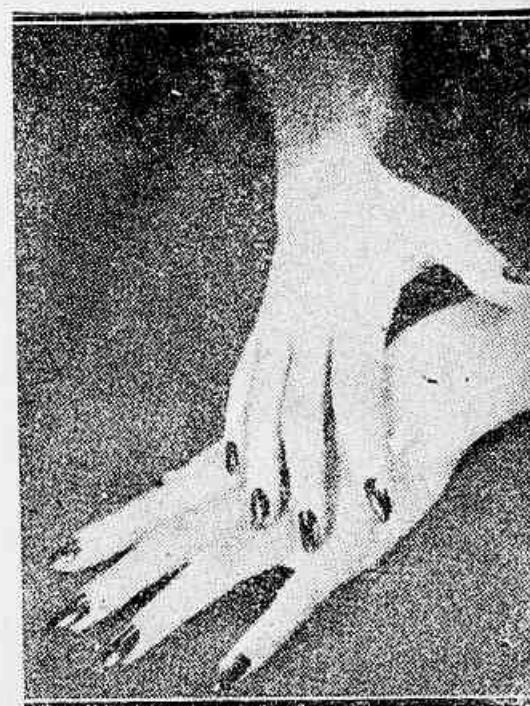


UM assunto sempre interessante para a mulher, é o que diz respeito à lingerie. Essas peças delicadas bordadas ou com incrustações de rendas, traduzem todo o bom gosto e a feminilidade de sua dona. Aqui algumas sugestões nesse sentido.



PARA A BELEZA DAS MÃOS

AS mãos revelam a idade da mulher, ainda que ela esteja muito bem penteada, muito bem vestida e muito bem maquiada. No entanto, é muito comum vermos mulheres que negligenciam nesse particular, não dando às mãos a importância que elas merecem. São unhas mal tratadas, vernizes descascados, mãos secas e enrugadas, com veias salientes, denunciando a



sem perda de tempo. Duas vezes por semana, faça uma forte massagem com um bom creme e em seguida calce luvas que deverão permanecer durante toda a noite. A massagem começará primeiro da mão para a ponta dos dedos e depois em sentido inverso. Exis-

passagem dos anos. Algumas alegam que trabalham e que, por essa razão, não podem ter mãos impecáveis. A estas lembramos o uso das luvas, tão bom para proteger as mãos contra a poeira e contra o trabalho em geral.

Um bom tratamento para as mãos pode ser executado facilmente, sem grandes despesas ou



tem também loções especiais para as mãos que deverão ser usadas todas as vezes em que as mãos forem lavadas. Depois de enxugá-las bem, faça-se uma fricção com a loção. Naturalmente não poderíamos terminar sem mencionar as unhas, as quais nunca deverão ser longas demais e que deverão estar sempre com o verniz perfeito.

LANVIN — Modelo originalíssimo, para jantar, em seda branca, gola bem alta com bordados em "pailletés" dourados, com grande traspasse.

BALMAIN — Notável modelo composto de saia justa em tafetá negro, corpo com drapeado em tafetá pérola. Bolero bordado em cores vivas.



Jantar

PARA UM

ELEGANTE

SUGESTIVOS e elegantes são os modelos, dos mais variados estilos, que apresentamos para as suas noites de grande elegância. Criação dos mais afamados nomes da costura francesa, como Lanvin, Pierre Balmain, Jacques Griffe, Bruyère, Marcel Rochas, etc., todos eles são, sem dúvida, modelos que agradam não só pela sua elegância como também pela originalidade das suas linhas.

BALMAIN — De grande efeito é este elegante modelo em setim branco todo drapeado. Bordados nas mangas e na frente em ouro e pedras multicores.

BRUYERE — Outro lindo modelo deste grande criador francês. Desta vez em seda preta. Saia formada por três largos babados, mangas japonesas.

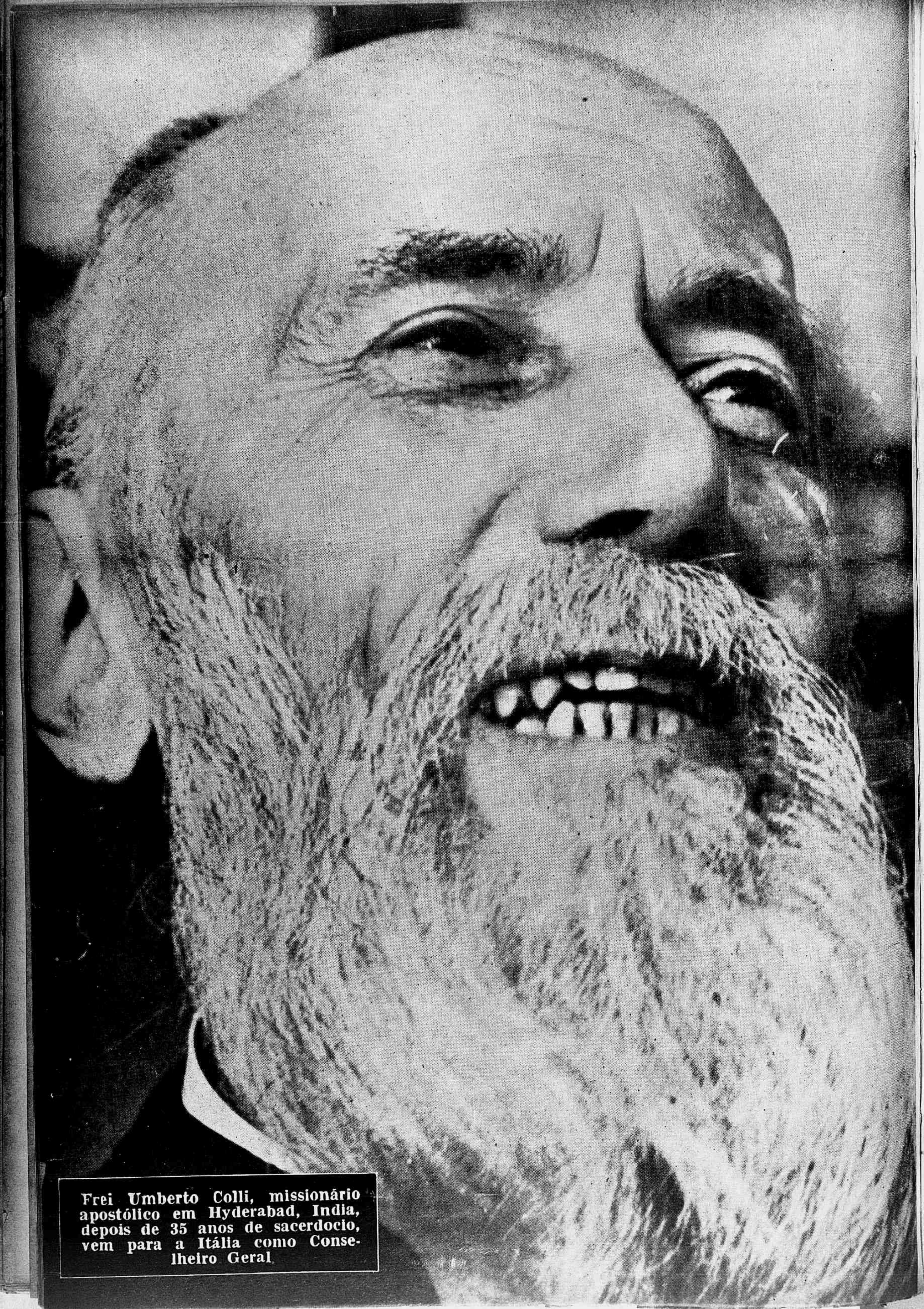
ROCHAS — Em musseline preta, com plissados na frente, linha dos quadris muito acentuada. Saia bem ampla. Folhagens de ciré sobre o busto. Fôro bem justo em tafetá negro.

ROCHAS — Outra elegantíssima criação de Marcel Rochas. Saia justa com ligeiro drapeado sobre os quadris em tafetá cinza. Bolero bordado em veludo cereja.



JACQUES GRIFFE — Para as mais jovens esta sugestão em tafetá listrado em preto e branco. Saia bem ampla, com grande apanhado terminando com um laço.





Frei Umberto Colli, missionário apostólico em Hyderabad, Índia, depois de 35 anos de sacerdócio, vem para a Itália como Conselheiro Geral.

EDUCANDO PARA O SACRIFÍCIO

Texto de GIOVANI SABATTINI ★

Fotos de KEYSTONE

HA em Milão uma Escola de que poucos têm notícia. A Escola para Missionários. Para o comum dos mortais, quando um homem abraça a estame-nha e se recolhe a um claustro, foge da vida mundana e se concilia com Deus. Orar, dar suas esmolas, administrar o convento, praticar os demais deveres sacerdotais, e eis tudo.

E' engano. Além desses serviços divinos em função da humanidade, há outros que só se executam mediante um curso completo e perfeito em estabelecimento destinado exclusivamente para formar apóstolos: é a Escola para Missionários.

O missionário recebe uma delegação de natureza divina. Ele desempenha o seu ofício tendo na alma aquele princípio de verdade evangélica dos começos do cristianismo: "Os apóstolos receberam do seu Mestre a missão de evangelizar o mundo". Daí veio a palavra "missionário".

Sua finalidade essencial é a de converter os pagãos e gentios ao seio do cristianismo. Essa grandiosa obra dos missionários de Cristo se divide em dois períodos: o que precedeu o século XVI e o que se lhe seguiu, até esta data.

As primeiras missões antes do século XVI tiveram como iniciadores os apóstolos, que, cronológica e historicamente, foram os primeiros missionários surgidos neste mundo.

São Pedro levou a fé cristã a Antioquia e a Roma; São Mateus a disseminou por toda a Judéia; São João a implantou em Éfeso, e os outros apóstolos a espalharam no Oriente. São Paulo, sobretudo, funda

e organiza numerosas igrejas na Ásia Menor, na Macedônia e na Grécia.

A exemplo dos apóstolos, seus discípulos foram-se espalhando por todos os recantos do mundo romano de então e conduzindo a palavra do Mestre às mais distantes populações.

São Marcos foi o apóstolo do Egito; São Clemente enviou numerosos missionários à Gália (França) e à Espanha. Tão porfiado foi o trabalho de evangelização do mundo que, no segundo século depois de Cristo, foi a África convertida ao cristianismo.

O maior obstáculo às missões evangelizadoras era o domínio do Império Romano, onde não era admitida a nova doutrina social e religiosa. A perseguição contra os primeiros adeptos do cristianismo e os seus apóstolos criava insuperáveis empecilhos à divulgação da nova lei espiritual.

Somente mais tarde, com a conversão de Constantino, puderam os missionários trabalhar tranquilamente e levaram a cruz aos povos da Pérsia e da Arábia. Com a invasão dos bárbaros, têm os apóstolos um campo novo. No século VII já estavam convertidas as nações germânicas. Alguns desses povos, como os Godos da Itália, os Visigodos da Espanha, os Burgondos da Gália, chegaram à crença cristã, em marcha mais lenta do que os Francos, que abraçaram o novo credo com a mais surpreendente facilidade.

Santo Agostinho, no século VI, converteu os anglo-saxões; São Bonifácio, duzentos anos mais tarde, estabeleceu definitivamente a fé sobre a margem direita

do Reno. As conquistas de Carlos Magno a impuseram aos saxões e dali se expande o cristianismo nascente até à Suécia e à Boêmia no século IX. No século seguinte o trabalho de evangelização do norte da Europa implanta a fé cristã na Dinamarca. Nesse mesmo período se tornam cristãs a Rússia, a Prússia, a Hungria.

As cruzadas, seguidas da fundação de grandes ordens religiosos e militares do século XII, permitem à Igreja organizar sua ação no Oriente.

Dentre os elementos missionários, foram os Dominicanos aqueles que mais se aprofundaram em incursões religiosas entre os povos bárbaros, indo à Tartária, ao Tibet e à China.

Já o mundo parecia pequeno para a invasão do cristianismo. No século XV, com as grandes aventuras marítimas, descoberto o caminho das índias, dobrado o Cabo da Boa Esperança, e, em seguida, descoberta a América, tiveram os missionários de Cristo novos continentes para evangelizar.

Inicia-se então a segunda e última fase desses apóstolos. A partir da Reforma Luterana, começa a haver no mundo dos gentios duas espécies de missões religiosas: — a católica e a protestante.

Como este artigo se refere ao Colégio de Missionários de Milão, trataremos do desenvolvimento das missões católicas.

As missões da Igreja de S. Pedro trouxeram novos elementos à instituição da ordem dos jesuítas. São Francisco Xavier fez, no Japão, inumeráveis conversões. No século XVII os jesuítas introdu-

ziram o cristianismo na China e fundaram na América do Sul as famosas "reduções" do Paraguai. Esses religiosos foram a esse país por designação de Felipe III que, em 1608, os encarrega de estabelecer pacificamente sua autoridade de soberano sobre a colônia, então convulsionada por batalhas sangrentas entre os índios e os exploradores que invadiam o país.

Logo que chegaram àquela parte da América do Sul, os jesuítas organizaram um governo de severa disciplina e orientaram a evangelização dos selvícolas e os conduziram ao trabalho agrícola e à paz. Esse sistema de colonização recebeu o nome de "redução".

Foi por esse tempo que o Papa Gregório XV instituiu a Congregação Romana da Propaganda, em 1597, e o Papa Urbano VIII a organizou, em 1622, e fundou o Colégio do mesmo nome destinado a formar missionários, em 1627.

Essa Congregação teve como base a propagação da fé através da palavra de seus missionários, tendo como dia de celebração e festa a data da Epifânia. Vinte e nove cardeais a compunham, sob a direção de um deles com o nome de Prefeito, e outro com a denominação de Prefeito de Economia. Cumpria a essa organização o envio de missionários, a nomeação de bispos nos países infiéis e dos vigários apostólicos.

Desde o primeiro dia de sua existência, a Congregação cuidou de um dos esteios do êxito de seus missionários em terras estranhas, ou seja, o conhecimento de línguas estrangeiras, e fundaram uma



A saúde do corpo precisa ser tão forte como a do espírito no trabalho de catequese dos missionários. E o futebol ajuda



Ao alto, à esquerda — Na Escola de Missionários da Itália, todos os seus membros devem ser músicos, pois a música é "linguagem universal" antes de receberem ordens para seguir por este mundo. Em baixo, à esquerda — Este jovem missionário da Escola de Milão vai fazer sucesso no solene do recebimento do Crucifixo por um novo missionário, ao terminar seu curso no Instituto



Imprensa poliglota em cujas oficinas tipográficas eram impressos os livros sagrados e litúrgicos, fazendo os missionários um curso no Colégio que os preparava para esses árduos e perigosos trabalhos em países onde a religião católica não era a dominante.

Fundou-se também em Paris um seminário de Missões estrangeiras, o qual se tornou uma colméia de apóstolos. Graças a ele o cristianismo não tarda a ser ensinado entre povos que ainda o ignoravam, como a Indochina, populações da Oceania, África Meridional, América do Norte.

As perseguições que, desde a origem, haviam acompanhado os progressos dos missionários, levando-os ao martírio, voltaram novamente a entrar seus trabalhos no Extremo Oriente.

Porém, no século XVIII e no XIX a fundação de um grande número de congregações novas de homens e de mulheres e o estabelecimento da liberdade religiosa na República dos Estados Unidos, bem como a conquista de nações européias no Extremo Oriente e na África Central; a instituição de obras da Propagação da Fé, do Menino Jesus e de escolas do Oriente, exerceram sobre a expansão das missões católicas a mais fecunda das influências.

Os missionários se espalharam por todo o orbe terrestre, destacando-se dentre estes os das congregações seguintes: os Agostinhos, que se fixaram nas Filipinas e na Turquia; os Basilianos da Baviera, no Zanguebar; os Beneditinos na América do Norte e nas possessões britânicas; os Carmelitas em Bagdad; os Dominicanos na

Mesopotâmia, Ásia Menor, Tonquim e Filipinas; a do Espírito Santo, nas colônias francesas; a congregação das Irmãs Menores, na China, Egito e Síria; os Capuchinhos, na Ásia Menor e na Austrália; os Missionários da Algéria ou Pais Brancos, em toda a África; os Jesuítas, na China, Índia, Ásia Menor e no Egito; os Lazaristas, na Abissínia, Pérsia, China e possessões turcas; os maristas, na Oceania; os Missionários de Leão, na África Central e na Meridional; missões estrangeiras, no Japão, Coréia, China, Sião, Birmânia e Austrália; etc.

Vários países forneceram dessas missões evangelizadoras e colonizadoras, destacando-se a Itália, com as missões de Roma e de Milão; os Oratorianos da Inglaterra, as missões holandesas e as da França, que, por si só, forneceu o maior número de missões católicas espalhadas por todos os cantos do mundo.

Coube à "Société Seminaire et Eglise des Missions Etrangères", fundada em Paris em 1651, essa disseminação religiosa e catequística.

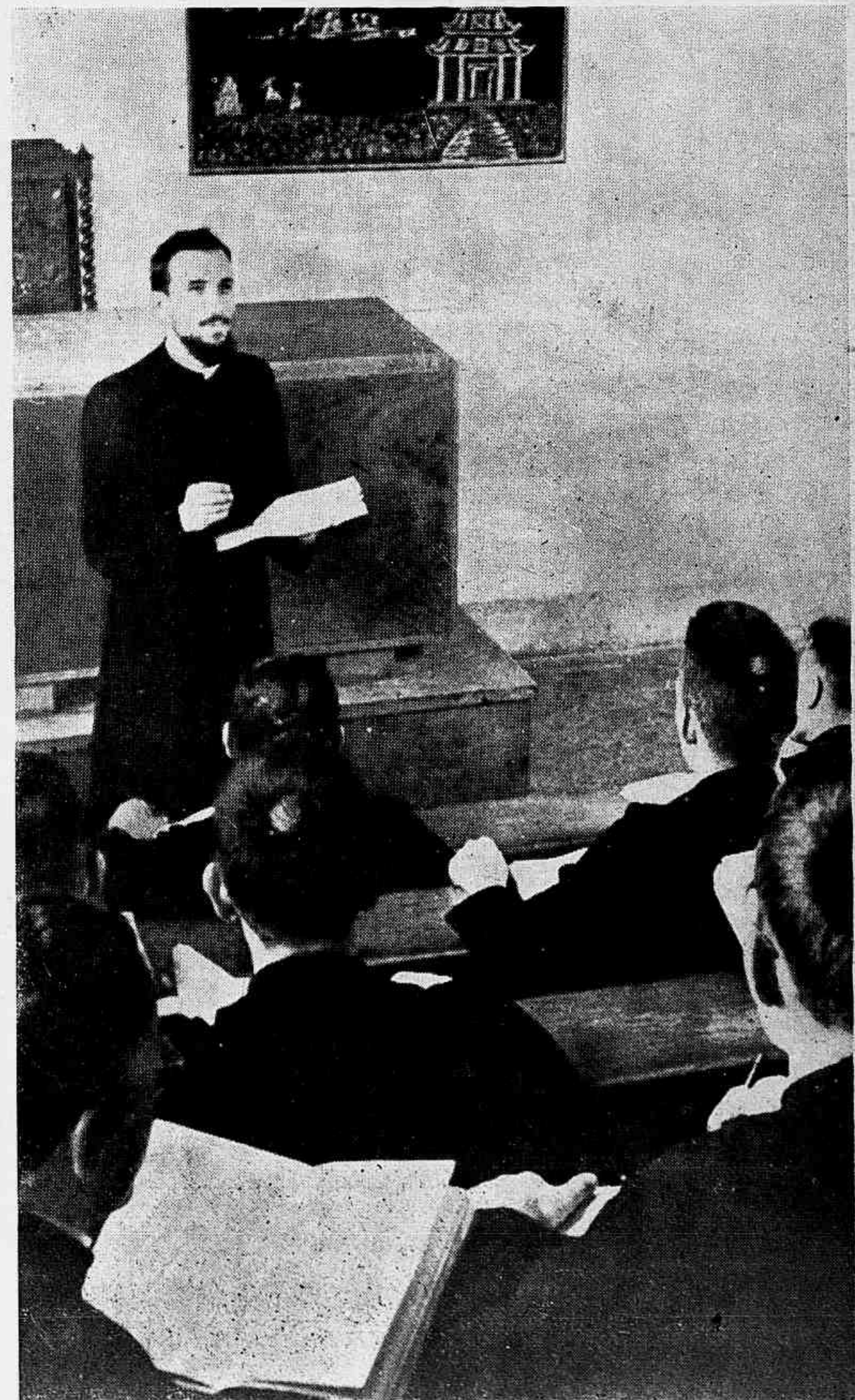
Os religiosos que se filiavam à mesma se integravam completamente ao serviço dessas missões, preparando-se altruisticamente para os sacrifícios desse elevado ministério. Assim teve origem essa congregação.

A sede do Seminário foi estabelecida definitivamente em 1663 no subúrbio de São Germano, graças à liberalidade do bispo Bernardo de Santa Tereza.

Os padres que a compunham faziam votos de serviço das missões sob a autoridade dos bispos e da direção superior da Congregação Romana da Propaganda. A

*

Um missionário da Escola de Milão subministrando ensinamentos úteis a estudantes católicos para a luta em países distantes



A direita — Todos os missionários devem conhecer a arte da mecânica nas selvas do mundo pagão com seu acordeon afinado. A direita — Ato no Instituto Pontifical de Milão



A missão do apóstolo é árdua e exige conhecimentos gerais. Aqui vemos um missionário no Museu de Etnologia estudando povos do Oriente

sociedade era governada por um Conselho Diretor composto de treze membros, com sede em Paris.

Sua autorização de funcionamento foi concedida por cartas patentes de Luís XIV, em 1663, e de Luís XVI, em 1775. Em 1791, porém, foi a Sociedade dissolvida e restabelecida em 1805. Sofrendo nova supressão em 1809, foi restaurada definitivamente em 1815.

As tradições desse Seminário são de fama mundial. Foi ali que o grande Fenelon pronunciou diante dos embaixadores de Sião o célebre sermão sobre o dia da Epifânia. Há em suas paredes seculares, quadros que representam imortais obras-primas da pintura, destacando-se, dentre outras, "A Adoração dos Magos", de Carlos Van Loo.

Quando era ainda o mundo composto de uma humanidade sem as vastas concepções utilitaristas como sucede hoje em dia, essas congregações tinham maiores facilidades para expansões. Mas, a despeito dessas evoluções, e quando a maioria dos homens se inclina muito mais para outros ramos da atividade na sociedade humana, continua a haver, felizmente, centenas de pessoas que desejam servir nessas missões com o maior ardor e zelo.

O prazer da aventura por esses recantos de globo, visitando países exóticos e regiões onde o marco da civilização cristã ainda não se firmou de todo, continua a existir no espírito de muitos homens que escolhem o burel de um religioso como o

melhor e mais cristão dos meios para fazer o bem e salvar as almas.

Uma das maiores e mais eficientes Organizações de Missionários atualmente existentes no mundo é a da Itália, com a sua modelar Escola de Missionários, considerada hoje a mais bem organizada.

O Instituto Pontifical foi fundado em Milão em 1850, e em 1906, de cinco membros com que começou, chegou ao elevado número de duzentos.

Mantém ele agora onze missões na Índia, China e África, tendo alcançado converter mais de onze mil almas à doutrina do cristianismo.

Em sua história através de tempo e de espaço, conta grande número de mártires, dentre estes os seguintes: padre Giovanni Mazzucconi, morto por uma tribo de nativos em Woodlark, na Oceania, no ano de 1855; padre Cesare Mencattini, assassinado a tiros por chineses quando ia de bicicleta de sua missão a Weihweifu; os padres Zanardi, Barosi, Zanella e Lazzaroni, estrangulados em 1941, por bandidos chineses em Ting-Suen; o padre Teruzzi, assassinado a tiro na China em 1942; a irmã Ester Ornaghi, queimada viva em 1942, e outros mártires que se sacrificaram pela fé.

Há entre os estudantes do Instituto Pontifical de Milão muitos leigos, padres e monges procedentes de várias ordens, mas se notam especialmente os capuchinhos ramo novo dos franciscanos.

A origem dessa irmandade começou quan-

do, há mais de quatro séculos, um franciscano chamado Matteo di Bassi se sentiu possuído da idéia de que ele e seus irmãos fossem usar hábitos diferentes daquele de S. Francisco, passando a ser batina marron e capuz, a que deram o nome de **capuche**. Matteo fez o indumento como ideara, deixou a barba crescer e se foi descalço: — era o primeiro Capuchinho da nova ordem monástica de missionários.

Mas, é evidente, a técnica e a cultura de um missionário do velho tempo das cruzadas ou da fundação da "Societá" de 1651 não podem mais ser as mesmas exigidas hoje.

O novo missionário educado na Escola da Itália tem que reunir qualidades mais vastas, desde a vocação sacerdotal até a fortaleza física para suportar os maiores obstáculos no campo de suas atividades evangelizadoras.

Para robustecer o físico dos futuros missionários, praticam eles os esportes, dentre eles o "foot-ball", na pátio do Instituto de Milão, não faltando as indispensáveis chuteiras.

Quando sabem para que zona têm de ir, passam dias e mais dias, senão meses, a estudar na riquíssima biblioteca do educandário tudo o que diz respeito à região de seu destino missionário, estudando raças, costumes, grau de civilização, crenças, história, enfim tudo o que interessa ao seu sacerdócio.

O missionário não é um invasor. Sua missão é mais espiritual do que profana

e material. Dedicar-se-á ao ministério divino de salvar as almas de um caminho errado, abrindo-lhes novos horizontes. Se não estiver bem preparado sobre todos os aspectos sociais e morais da região a que vai servir, o fracasso será fatal e irremediável. Por isso o Instituto de Milão para a formação de evangelizadores possui uma biblioteca das mais completas de quantas existem na Igreja Católica.

Mas o missionário deve saber também muitos dos ofícios do homem profano. O Instituto Pontifical de Milão mantém cursos de mecânica destinados a subministrar ao aluno conhecimentos gerais a respeito de máquinas, motores, ferramentas indispensáveis à construção de casas, etc.

O missionário tem que, muitas vezes, resolver problemas por si mesmo. Não pode ser pegado de surpresa e esperar por auxílio numa terra desconhecida, cercado de inimigos potenciais, de ciladas de toda ordem.

Ao lado do preparo espiritual, o da mecânica. Eis a razão por que muitos se admiram da universalidade de conhecimentos desses homens soturnos metidos em suas estambas cor-de-macaco, que espantam os mais desprevenidos pelos conhecimentos que exibem nas ocasiões difíceis e culminantes. E que não aprendem apenas a rezar e a ouvir em confissão os pecadores nos últimos instantes de vida. Também são mecânicos, padeiros, barqueiros, pilotos motoristas — até juizes de "foot-ball".



Um dos alunos depois de terminar seu curso recebeu ordem de embarcar para Burma; mas, antes disso, foi à biblioteca ilustrar-se



Ao alto à esquerda: — Modelo estampado, de Carven. Corpo justo e longo; saia formada por dois babados. "Ruches" na gola e na saia. Ao alto à direita: — Original modelo de Germaine Leconte, executado em linho bege com aplicações de linho em havona. Em baixo, à esquerda, elegante modelo em linho azul, saia ampla, bem rodada, três babados curtos sobre as cadeiras, cintura justa, decote amplo. Na página ao lado, ao alto: — Linho havona; bolero amarelo. O bolero de linhas originais, é um pouco mais comprido do que o bolero comum, compõe este lindo modelo. Em baixo: — Gracioso modelo em linho de listras "bordeaux" e branco. Colete e barra em linho azul marinho.

PARA TODOS OS DIAS

H À uma variedade infinita nesses modelos simples e graciosos para o uso diário; modelos que sem grandes rebuscados revelam, no entanto, o bom gosto dos seus criadores. E são justamente êsses modelos que devem existir em maior quantidade no guarda-roupa da mulher que trabalha ou que estuda.



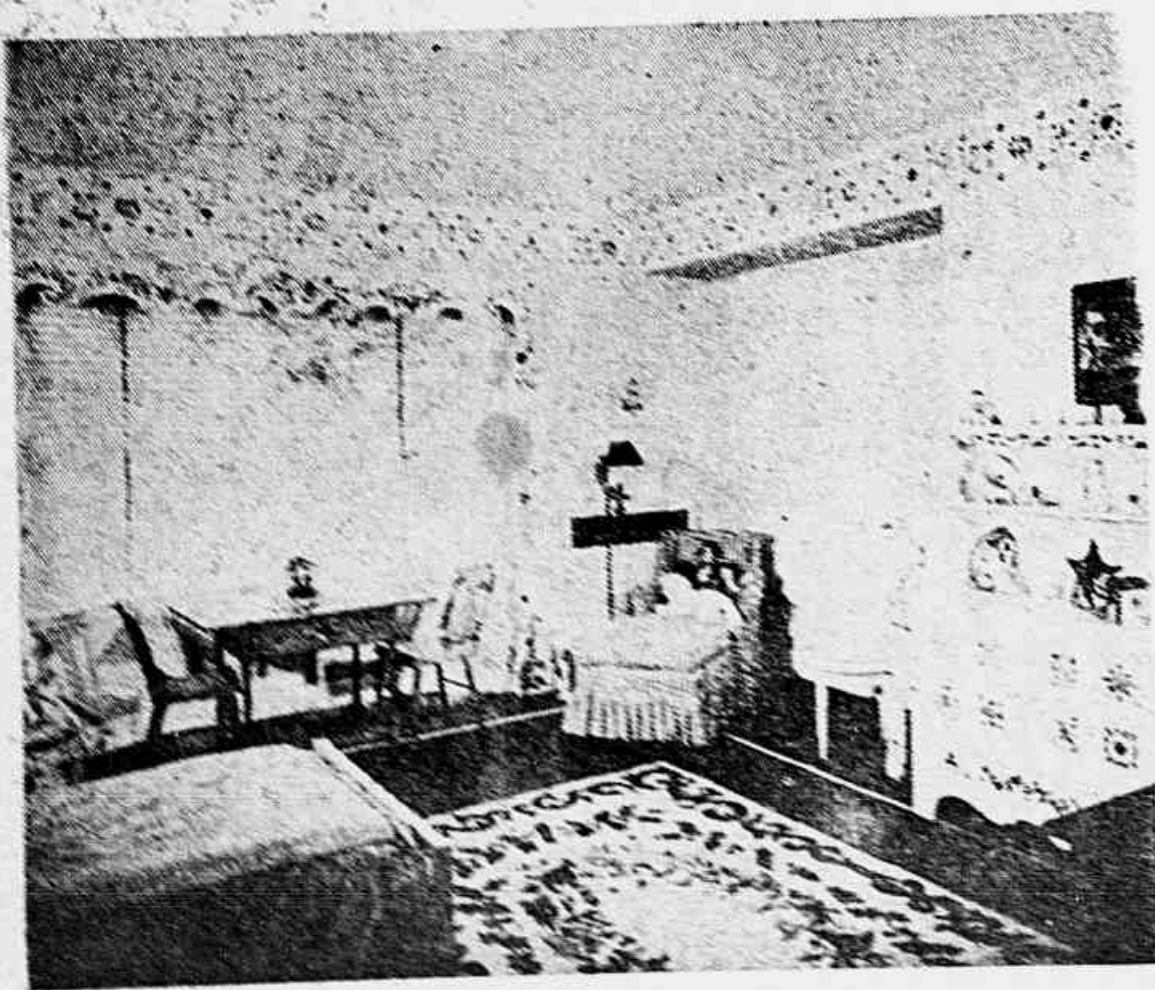
ANAMARIA CÉLIA

DÊEM A MÃO À PALMATÓRIA



Dois interessantes modelinhos, um para menina de 10 anos, em tecido branco; outro para meninas de 3 a 5 anos, em tecido escocês

S E chegar, por acaso, o dia em que os pais percebam a existência de uma barreira entre eles e os filhos, não deverão pensar logo em medidas corretivas ou — quem sabe? — pedir o auxílio de um psiquiatra. São os próprios pais, e não os filhos, que precisam ser analisados, pois é muito provável que o erro tenha partido do seu lado. Certamente muitos pais dirão: "Mas meu filho não saiu a mim, absolutamente! E' diferente! Não faz o que fazemos. Já tentamos tudo para lhe indicar o bom caminho. Já lhe apontamos, dezenas de vezes, as coisas que consideramos corretas ou erradas; porém, sem se importar com a nossa opinião, acaba sempre fazendo o que quer. E veja-o agora. Sentimo-nos envergonhados com a sua conduta. Mas ninguém poderá nos culpar disso. Fizemos tudo o que estava ao nosso alcance, mas havia nele tanta rebeldia que a nossa boa influência se tornou inútil". Isto é o que os pais pensam e dizem. Mas se se dispusessem a reviver, com lógica e honestidade, todo o passado, talvez que viessem a pensar de outra forma. E' muito provável também que tenham sentido de mais as faltas do filho; é provável, também, que se tenham considerado acima de qualquer reprovação; é muito provável, ainda, que tenham empenhado o melhor dos seus esforços na educação desse filho; isto porém não foi suficiente. Se deram ao filho, com a própria conduta, um exemplo imperfeito, mesmo que a intenção tenha sido boa, não poderá esperar senão um resultado imperfeito. Como podem os pais esperar que a criança siga o caminho certo apenas porque eles o tenham apontado e quando eles próprios não o seguem? A criança é imitadora por natureza, e uma grande observadora. Ela possui o insaciável desejo de praticar as coisas da vida tais como as vê. Os pais não poderão nunca, ensinando uma coisa à criança e fazendo outra, obter a sua obediência e nem mesmo conservar o seu respeito. A atitude vale mais do que as palavras. Dêem bons exemplos e a criança os seguirá.



Alguns detalhes de diferente na decoração de um quarto de criança, é apresentada aqui, neste quarto apropriado para meninas



Penteado de inspiração medieval. Conjunto de ouro e pedras, de feitio muito original



Luvas bordadas, novidade para os trajes "habillés"



DETALHES E NOVIDADES

Uma sandália prática e confortável, para passeio, para andar em casa ou para a praia.

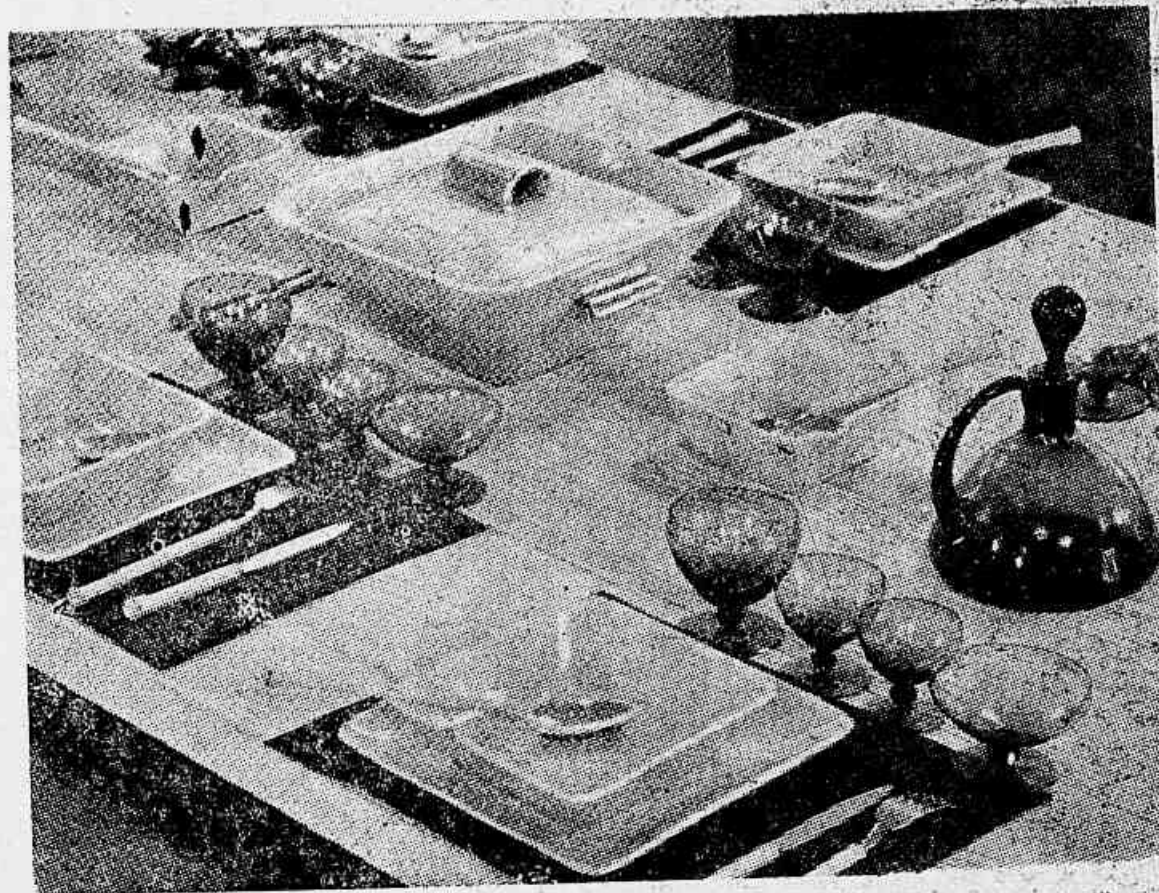


Para o seu veraneio, casaco de lã forrado de tecido quadriculado

O tecido em listras se presta para lindos trajes de praia, como este gracioso "short" que aqui vemos



Chapéu de palha, coberto com grossa rede e ainda com papoulas e véu, maravilhoso modelo indicado para a noite



Um arranjo original para a mesa. As pequenas toalhas individuais são em linho marinho, e os pratos, terrinas, etc., em cerâmica bege

PALMITO COM MÓLHO

Cozinhe em água e sal e caldo de limão, 1 palmito cortado em pedaços, ou use palmito de lata. Prepare à parte o seguinte molho: misture 2 gemas, 2 colheres de chá de manteiga, $\frac{1}{2}$ colher de chá de sal, 1 xícara de leite, 1 colher de mostarda e $\frac{1}{2}$ xícara de queijo de Minas ralado. Leve ao fogo em banho-Maria, porém não o deixe ferver.

BACALHAU DE CIBOLADA

Ponha no mólho, de véspera, $\frac{1}{2}$ quilo de bacalhau e no dia seguinte retire as peles e espinhas e deite-o em caçarola com bastante azeite; cubra-o com rodelas de 3 cebolas, tomates, coentro e pimentões. Regue novamente com azeite e cozinhe em fogo lento.

BATATINHAS COZIDAS NA MANTEIGA

Descasque batatinhas, deite-as na caçarola com 1 colher de sopa de manteiga, sal e pimenta. Coloque essa caçarola sobre uma chaleira em que esteja fervendo água e deixe cozinhar só com o vapor. Polvilhe com salsa picada e sirva.

CONSELHOS ÚTEIS — Os bolos ou tortas que levam muitos ovos ou chocolate, se queimam com mais facilidade.

Para que as frutas cristalizadas não fiquem no fundo dos bolos, é preciso lavá-las e secá-las, passando-as em seguida em farinha.

Quando um bolo afunda no meio, é porque está cru ou então por falta de farinha.

DOCE DE ARROZ NO FORNO

Tome 1 xícara de arroz e cozinhe-o com 1 litro de leite, açúcar a gosto, 1 colher de manteiga, casca ralada de 1 limão e uma pitada de sal. Depois de macio, junte 4 gemas, 2 claras batidas em neve, 200 gr de passas e 1 cálice de vinho do Porto. Misture bem, deite em forma untada e leve ao forno.

PUDIM DE AMENDOIM

Passe pela máquina 300 gr de amendoim meio torrado, misture-o com $1\frac{1}{2}$ copos bem cheios de leite e passe por um pano. Junte 8 ovos batidos ligeiramente, 8 colheres de açúcar e um pouco de essência de baunilha. Deite em forma caramelada e leve ao forno em banho-Maria.

DOCE DE LEITE QUEIMADO

Coloque numa panela grande 1 litro de leite, 3 xícaras de açúcar e a casca de um limão e deixe em fogo brando. Misture um pouco no princípio, a fim de dissolver o açúcar, continuando depois a cozinhar lentamente, sem mexer. Quando estiver corado e grosso, misture 2 colheres rasas de chocolate.





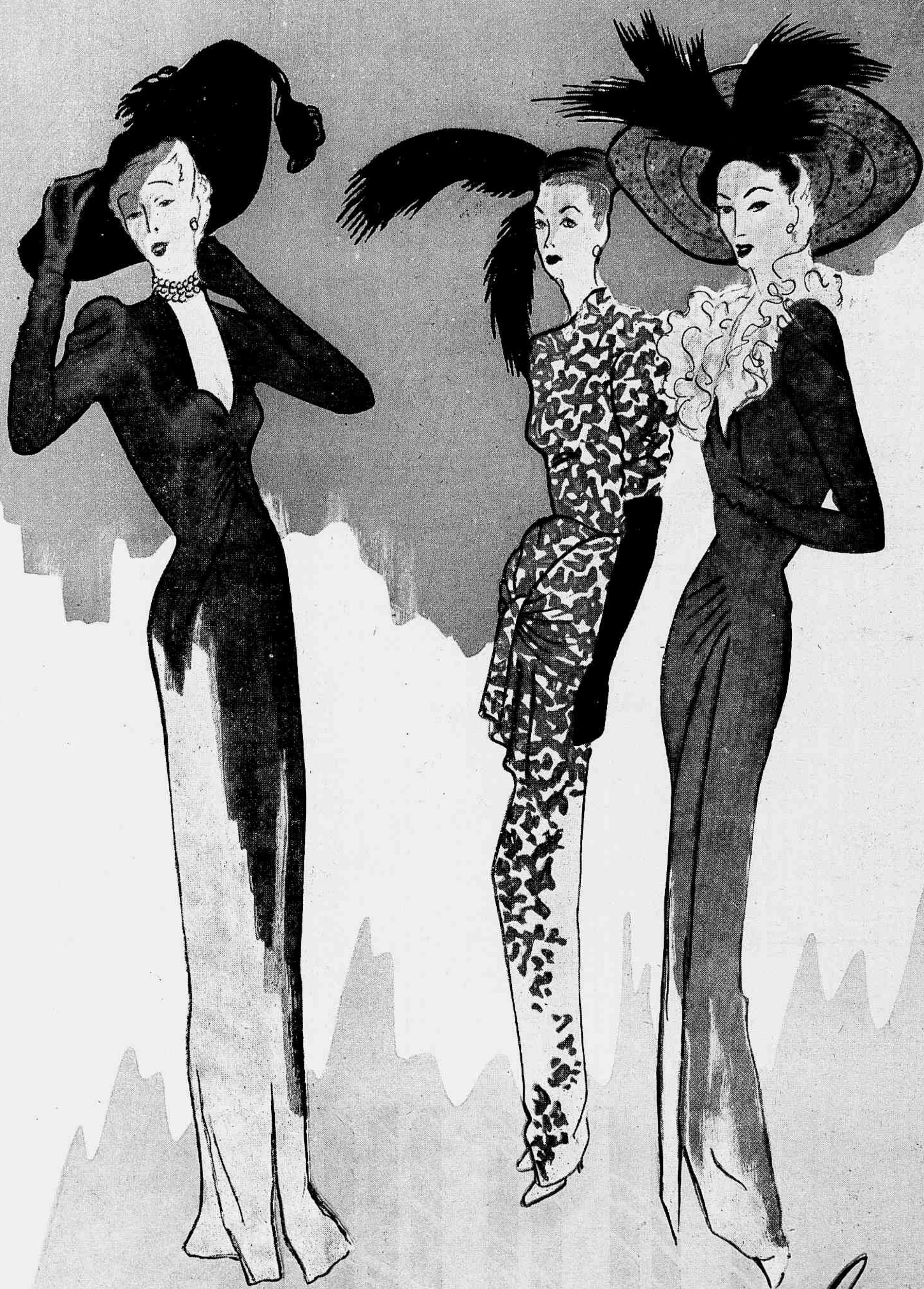
Chapéus

DE PARIS



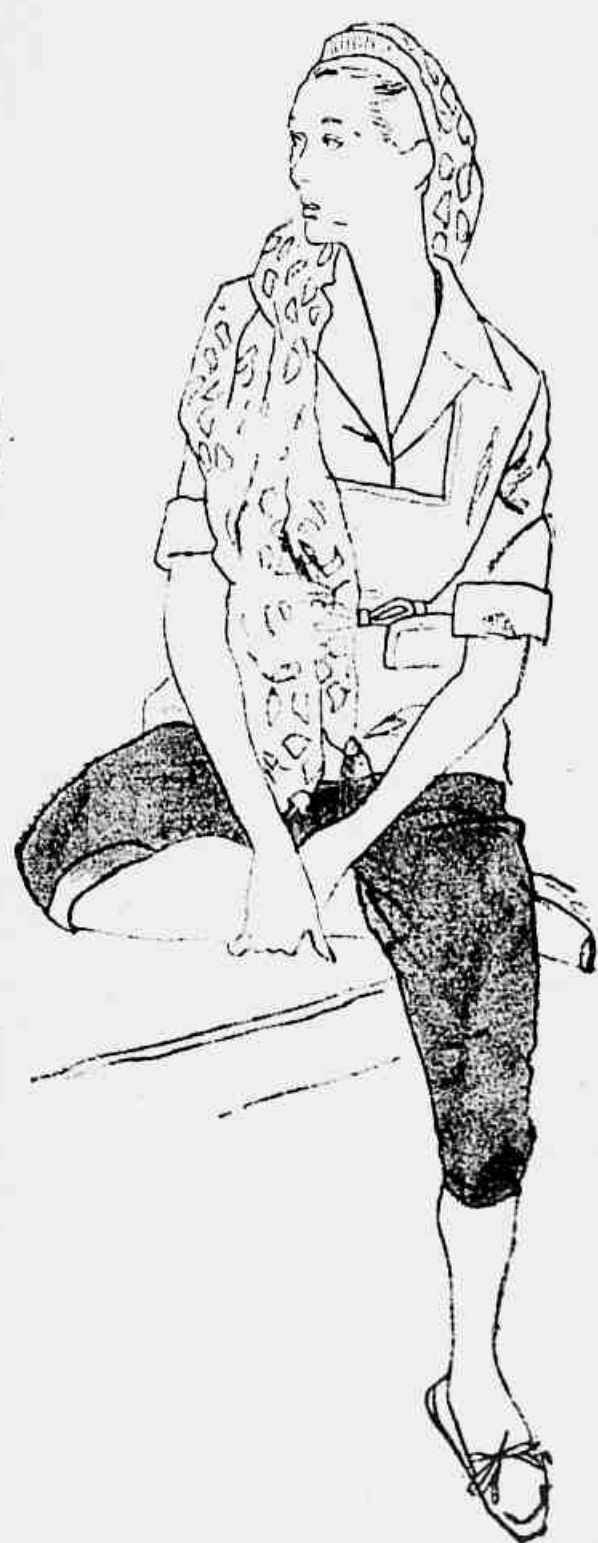
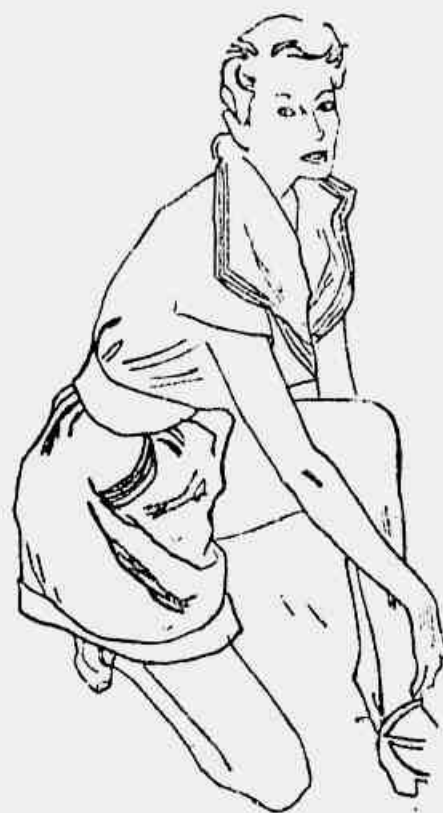
ALGUMAS encantadoras e originais sugestões de chapéus para noite estão aqui apresentadas pelos afamados chapeleiros de Paris; ao alto: — Maravilhosa criação de Paulette, em cetim bordado à "pailleteés" e pluma de avestruz. Em baixo à esquerda: — De Gilbert Orcel, "turbant" de cetim amarelo canário e plumas. Em jersey verde e plumas. Criação de Legroux soeurs.





Três elegantíssimos modelos para um casamento de maior cerimônia. São de Lucien Lelong, Jeanne Lafaure e Jacques Fath

a "Madrinha"





N ESTAS páginas, as nossas leitoras encontrarão as mais recentes sugestões em matéria de trajes de praia, criadas pelos mais famosos costureiros de Paris e de Hollywood. São modelos os mais variados possíveis, indo dos "shorts" em algodão ou linho ao audacioso "maillot" duas-peças em "lastex" ou malha.



Conto de
LILIA DE BARROS

Quininha

Ilustração de
JERONYMO RIBEIRO

A história era triste mesmo. Que é que se podia fazer? A vida da gente é como um balão colorido cheio de ar, dêsses que enlevam a vista e aquecem de alegria o coração. Um dia, a gente sem querer espeta nele um alfinetinho, e bum! O balão se fez em pedaços. Ou então é como essa florzinha branca que as crianças chamam de amor-de-homem. A gente pega nela na mão, e fica parada, contemplando. E' uma coisinha tão linda! Redonda, feito bola de neve. A gente olha bem, e dá um assôpro. Sôpro suave, devagarinho. E as petalazinhas saem por aí a fora, voando no ar. São pedacinhos da vida, que voam para o passado e ali ficam escondidos, espiando de longe. A gente quer pegar, estende a mão. Mas eles fogem, voam do nosso alcance. E a gente fica de mão estendida, vendo essa vida desfeita, sem poder construí-la novamente. As pétalas teimam em ficar separadas do cálice. Só mesmo o tempo pode um dia acabar com elas.

A vida da Quininha era assim. Florzinha mimosa, delicada. Um dia alguém chegou de mansinho e deu um assôpro. Tão leve e suave que a Quininha na hora nem percebeu. Mas foi o que bastou. Sua vida imediatamente se fez em pedacinhos.

A história era triste, dizia. Então vamos logo a ela. As coisas tristes devem passar depressa. Bem depressa, para não deixar sinal.

Foi o Salvador, o menino do carroção de capim, quem me contou, ali debaixo do barracão onde se guardam as carroças e os arreios. Era uma hora da tarde. Sol quente, de rachar. Hora da sesta para o fazendeiro, hora do café com pão para os colonos. O Salvador contou-me a história com lágrimas nos olhos.

A princípio tudo era tão feliz. Ele trabalhava ajudando o pai, a Quininha olhava os irmãos pequeninos, fazia uma polenta gostosa. De noite, quando voltava do trabalho, era bom de verdade. A casa estava

limpa e quentinha, a comida cheirava bem, as crianças brincavam na sala da frente. Ele chegava cansado, ia se lavar um pouco com a água da lata de querosene no quintal. "Prá mó de tirar aquela catinga de suor e refrescar o corpo", e quando entrava de novo na cozinha encontrava a polenta cheirosa na mesa, Quininha sorrindo a esperá-lo. Era um tempo tão bom!...

Antes tinha havido um tempo ruim e infeliz. Mas disso o Salvador não se lembrava. Era pequeno de mais. Sabia apenas pelo que a nhá Zéfa, a curandeira e benzedeira da colônia, lhe tinha contado. Mas já fazia tanto, tanto tempo, a mãe já tava morta, aquela tristeza toda tinha passado. Inda bem, pensava ele às vezes com um soluço. A lembrança da mãe louca e desgredenhada, a escorraçar os filhos e a gritar, não haveria nunca de perturbar-lhe a vida. Nem a dele, nem a dos irmãos pequeninos. E nem a da Quininha.

Esse tempo de desgraça não a alcançara. Lembrava-se apenas dos tempos felizes. Era bom de verdade. Tão bom que gostava sempre de relembrar. Como o daquele dia chuvoso, em que chegou a casa molhado, exausto do trabalho. Mas lá dentro estava quentinho, Quininha preparava a polenta, o calor do fogo o confortava. E ele se sentia feliz. Quando fôra mesmo isso? Parecia tão longe, parecia não ter nunca existido! No entanto, fôra verdade. Tinha sido numa noite fria... chuvosa... Fora, tudo frio e tristeza. Dentro, calor e alegria. Salvador gostava de lembrar. E gostava de contar o que lembrava. Menino prá contar triste e bonito uma história estava ali. Aquela noite, a última feliz da sua vida, nunca lhe saíria do pensamento.

★

— E' ocê, Salvador? — perguntou a Quininha. — A janta tá quase pronta. Deixa

a porta aberta, prá mó de o pai entrar.

A chuvinha fina, que tinha durado o dia inteiro, continuava a cair. Salvador, a roupa molhada grudada ao corpo, os pés enlameados, os dentes batendo de frio, entrou e largou o saco de estopa a um canto, tomando cuidado de não fechar a porta com a tranca, pois o pai ainda não chegara.

A Quininha estava na cozinha, acabando a janta. Salvador chegou-se junto ao fogo, estendeu as mãos para o calor gostoso, e assim se deixou ficar um tempão, quieto, sem falar, gozando aquela hora de calma e de sossego. Quininha, trepada num cai-xote velho, mexia a polenta com o colherão de pau, e a massa amarela desprendia um cheiro bom, fazendo as narinas do Salvador se dilatarem num antecipado prazer, sentindo já na boca a comida quentinha, a barriga cheia, o coração contente. Os olhos presos na mão da irmã que mexia a panela, ele agora mudara de posição. Sentara-se na beirada do fogão de tijolo, e deixava que o calor lhe passasse para os pés, secando-lhe o barro molhado, aquecendo-o, confortando-o.

A polenta ainda não engrossara, e Quininha continuava a mexer, deitando-lhe de vez em quando mais um pouco de fubá. Salvador virou-se de costas. Agora, a camisa rasgada, que o saco de estopa não conseguira proteger, era que enxugava ao fogo. Como era gostoso aquilo, pensou. Depois de um dia inteirinho debaixo da chuva, não havia nada tão confortante como aquele calorzinho nas costas da gente. Era tão bom que tinha vontade de ficar assim a vida toda. Viver num lugar quentinho, o cheiro da polenta inundando a cozinha, os irmãos pequeninos brincando sossegados na sala da frente, o Tito desenhando, Quininha mexendo a polenta. Como era bom.

A chuva engrossou novamente, caindo

pesada no telhado. Dos quartos vinha o barulho das goteiras, caindo na lata de banha com um ruído engraçado. Salvador virou de lado e encostou-se à parede. Agora o fogo lhe enxugava a frente molhada da camisa. Um pouco mais, e ele estaria sequinho.

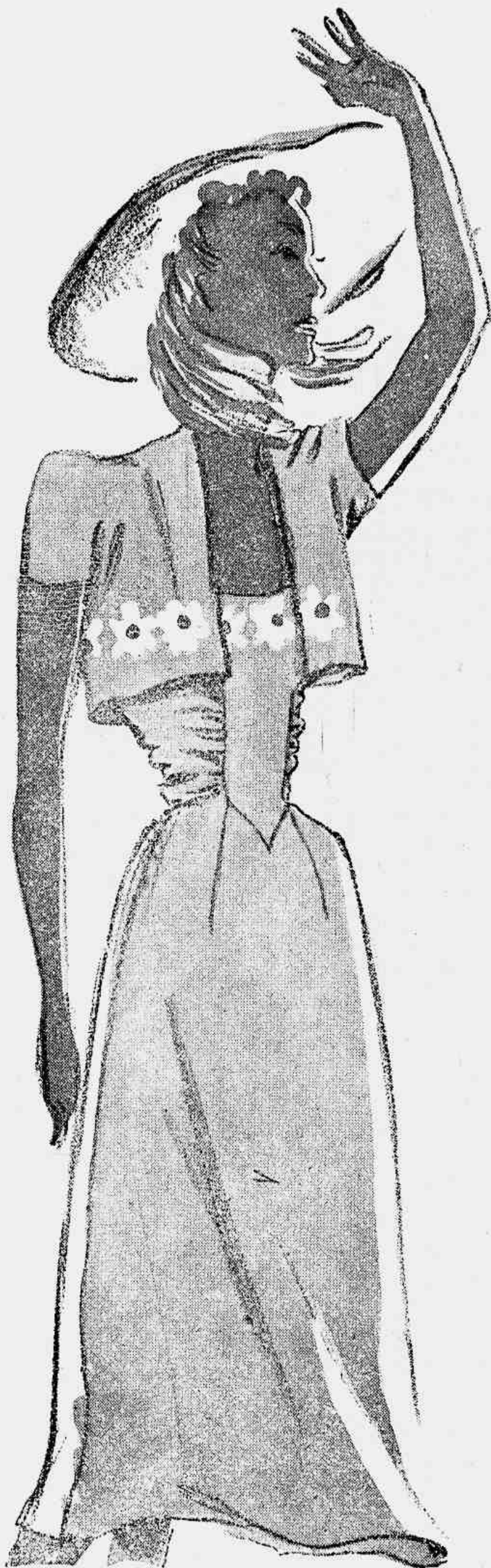
Um, dois, um, dois, a colher de pau dançava na panela ao ritmo sincopado da goteira na lata de banha. Salvador fechou os olhos. A vida era boa. O dia frio, passado na chuva, os pés descalços enterrando no barro, a roupa molhada pregada ao corpo, a Faisca zangada e rabugenta, o trabalho insano de cortar capim lá prás bandas do São Francisco, e depois de levar na carroça até o curral, a barriga vazia pedindo comida, tudo isso agora estava esquecido diante daquela hora feliz. Ali dentro estava quentinho, as crianças não brigavam nem gritavam, Quininha já sabia fazer uma polenta gostosa, o pai não demorava, estava chegando. O pai, tão bom para os filhos, tão paciente com a criança sem mãe, procurando sempre mostrar coragem. Ele também devia estar molhado e cansado. Trabalhar na roça o dia inteirinho, carpindo café debaixo da chuva não é brincadeira. Cansa até a pessoa mais forte. Mas ele ficaria contente quando chegasse a casa. A cozinha tava quente, ele podia secar-se ao fogo, a polenta cheirava bem, as crianças não choravam nem gritavam, o Tito com certeza teria feito um desenho bem bonito. Ele ia ficar contente.

Um, dois, um, dois, será que a polenta não ficava pronta? Quininha até parecia uma boneca de corda. Mexia, mexia, sem parar. Com certeza só ficaria boa quando a chuva parasse de bater no telhado, pensou ele num bocejo. Mas aquela chuva era dessas de durar dias. Que pena! Assim amanhã teria de trabalhar de novo com o corpo molhado. Não adiantava nada secar a roupa. Se a Quininha mexesse mais

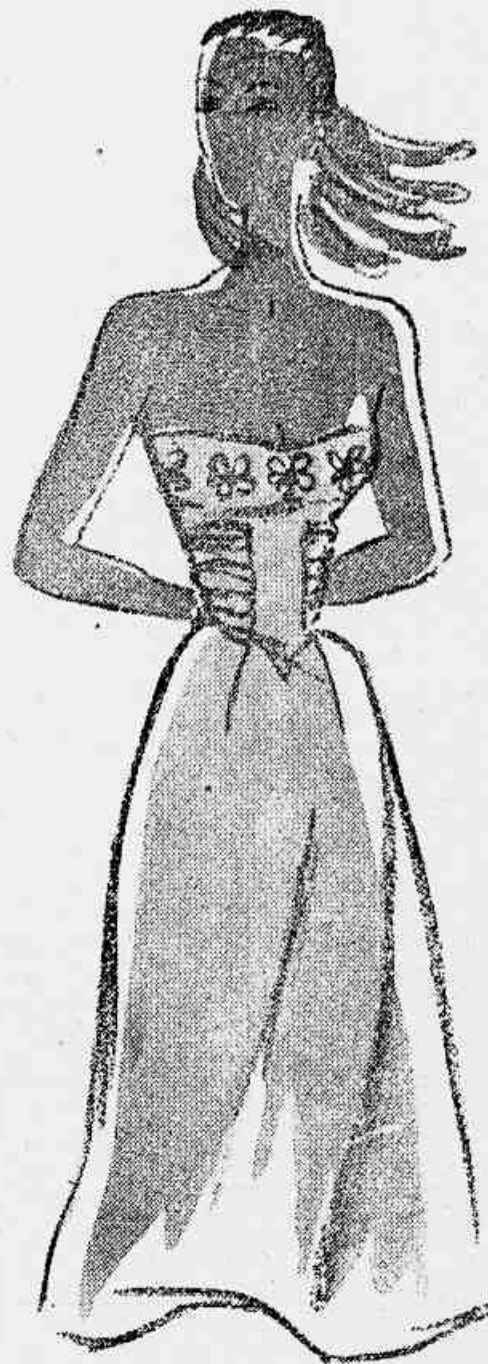
Selecionado pela **REVISTA DA SEMANA**

(Continua na pág. 44)

PRÁTICOS E ECONÔMICOS



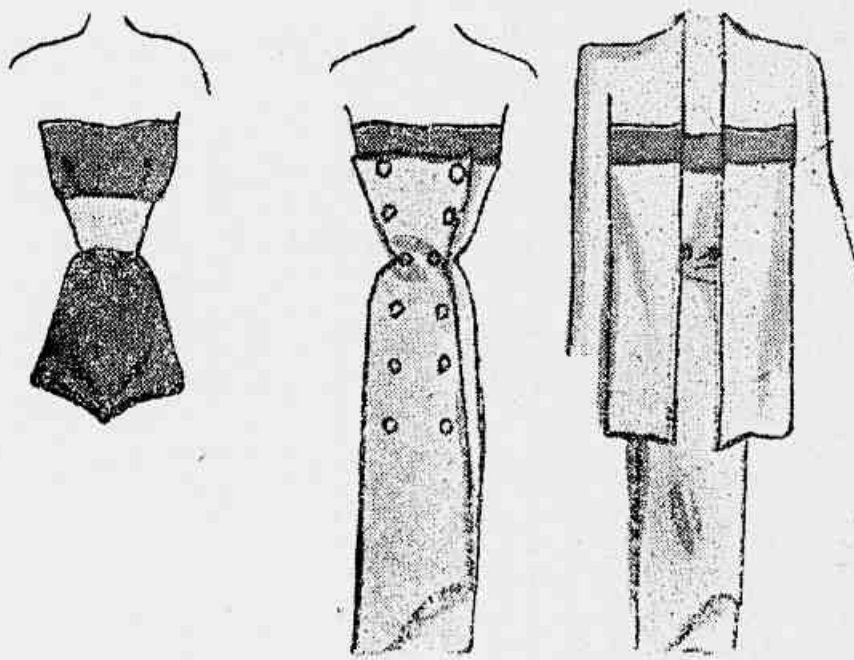
Aqui está o mesmo modelo que vemos ao lado, à direita, com um bolero que o torna mais "habillé"



Modelo em linho azul, sem alças, com margaridas aplicadas. Franzidos dos lados do corpete dão ao modelo bastante graciosidade



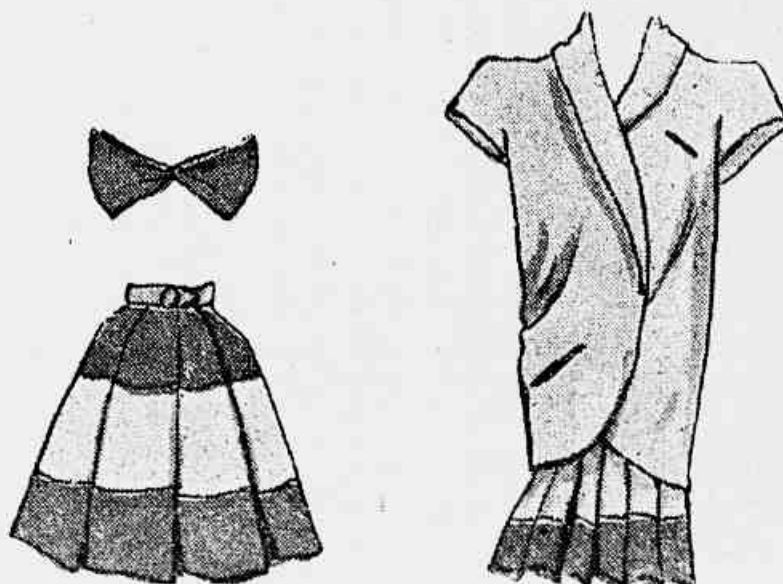
Às criações que se prestam para diversas finalidades, e essas são principalmente indicadas para aquelas que não possuem grandes recursos, mas que ainda assim não querem sacrificar a sua elegância. Neste sentido apresentamos aqui algumas sugestões.



Um "duas-pecas" para praia, que se modifica, primeiro com um vestido de fustão branco, transpassado na frente e depois com um casaco de linhas retas, com tira larga da cor do "soutien"



Um "short" que se transforma em elegante vestido de rua, quando usado com o seu casaco e com uma saia de dois babados



Um casaquinho de linho branco transforma este "short" em elegante traje para o tênis

BUSTO IDEAL

EM DOIS MÊSES COM AS
PILULES ORIENTALES
TÔNICAS E RECONSTITUINTES
Sempre bemfezas para a saúde



Escolha o frasco de origem sobre o qual devem figurar o nome e o endereço de J. RATIE, — farmacêutico — 48, rue de l'Éclairer — PARIS — À venda em todas as farmácias e drogarias. Agente geral para o Brasil: Caixa Post. 2562, RIO DE JANEIRO (Aprov. J.N.S.P. sob o N° 87 em 26-6-1917)

SENUM

Agua absolutamente Estéril

pela Ação da Prata Incorporada

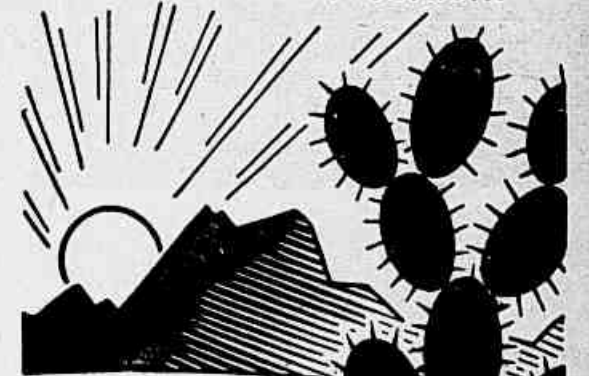
* Moringues fabricadas pelo processo esterilizante

SENUM

ESTERILISANTE

Publicidade para A CENA
MUDA em São Paulo: —
Rua Álvares Penteado, 180,
Sala 502 — Telef.: 3-2649

NOS CLIMAS TROPICAIS...



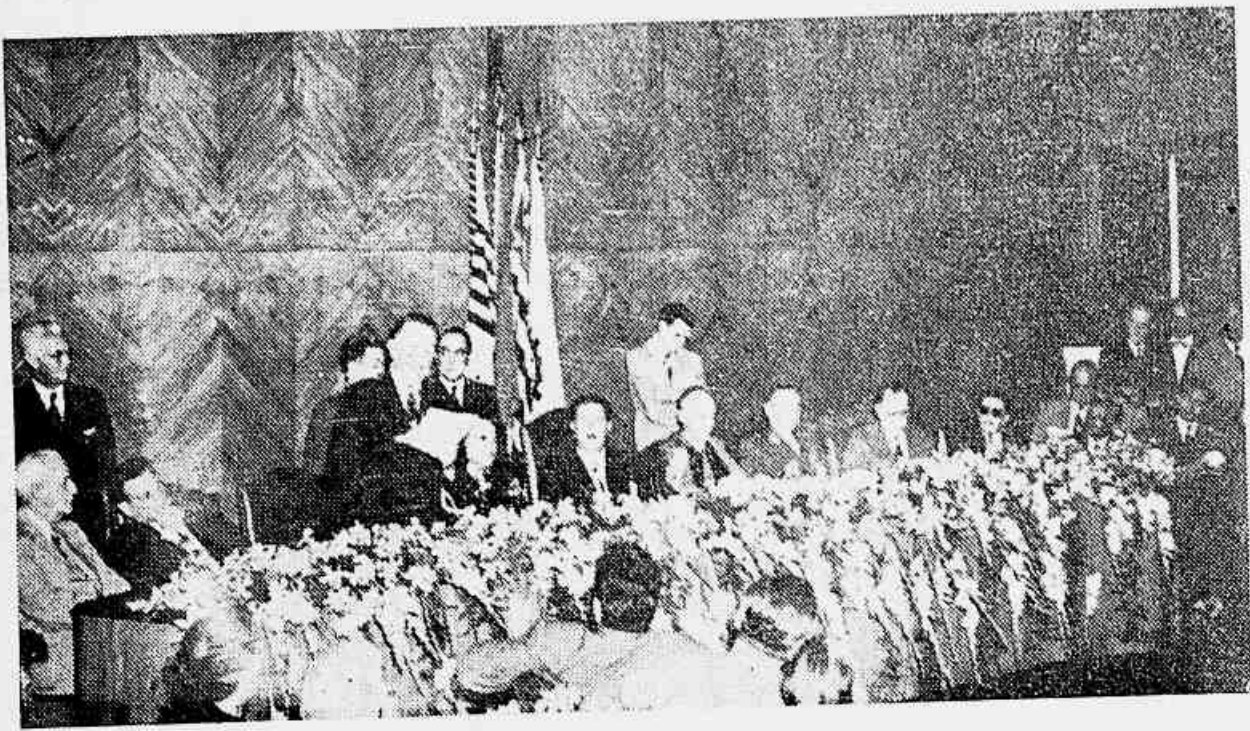
...AS PELES DELICADAS PEDEM

A Polvilho Antisséptico
GRANADO

BROTOEJAS
ASSADURAS
FRIEIRAS
SUORES FÉTIDOS



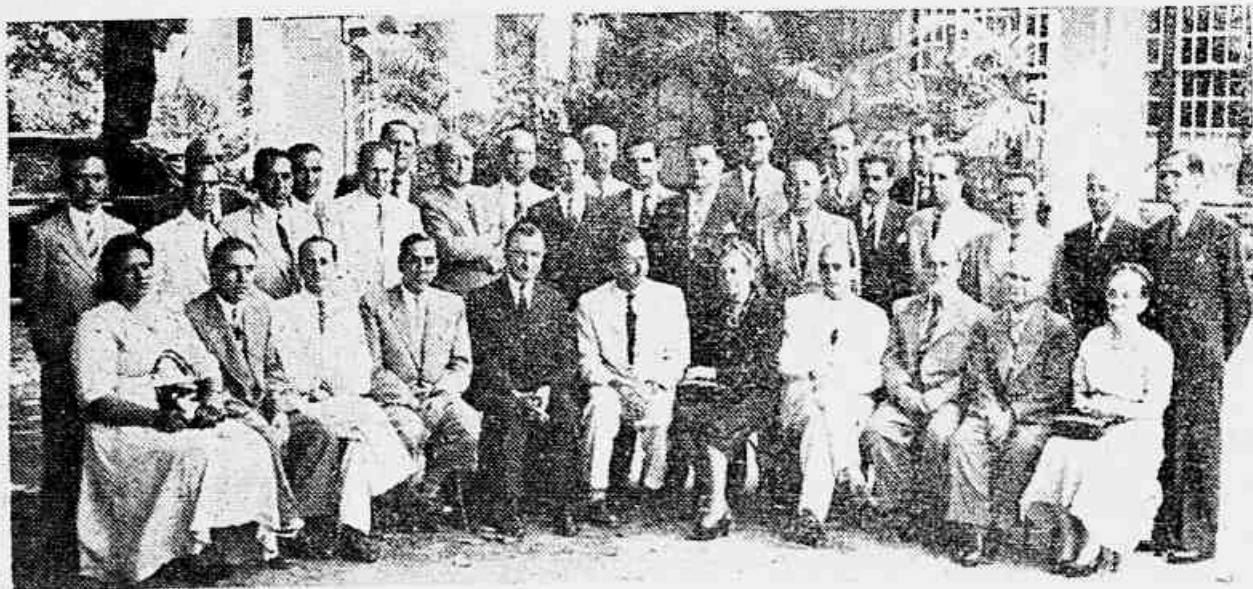
STARQUINO



A POSSE do novo presidente do Centro das Indústrias de São Paulo, recentemente realizada em solenidade presidida pelo Governador Ademar de Barros, constituiu acontecimento de relevo na vida social e política do grande Estado bandeirante. Entre os presentes ao ato, destacavam-se D. Carlos Carmelo Vasconcelos Mota, cardeal-arcebispo de São Paulo; Comandante Raul Reis, Sub-Chefe da Casa Militar do Presidente da República, representando o General Eurico Gaspar Dutra, e o Coronel Asdrubal Cunha, prefeito da capital. O aspecto fotográfico que acima estampamos foi colhido na ocasião em que o sr. Morvan Dias de Figueiredo falava agradecendo os termos do discurso com que o sr. Armando de Arruda Pereira lhe empossou na presidência do Centro das Indústrias de São Paulo



ROSEMARY, filha do professor Jerge Moacyr e sua esposa, d. Crendia Nunes da Rocha, em sua primeira comunhão, realizada em 29-10-48



POR MOTIVO de sua formatura em Farmácia, foi o sr. Carlos Granado Vieira de Castro distinguido com uma homenagem que os auxiliares e amigos do novo farmacêutico e da família Granado lhe ofereceram, constando de concorrido almoço no alto do Corcovado a 8 de janeiro pp. O novo graduado é neto do comendador José Antônio Coxito Granado, fundador daquela tradicional casa do Rio e filho do atual presidente da firma, sr. Com. Armando Vieira de Castro

QUININHA...

(Continuação da pág. 42)

depressa, acabava logo com aquilo. Ele já tava ficando com sono. Dêsse jeito dormiria sem comer. E quando acordasse, a polenta já estaria fria. Era o diabo aquilo. Comida, só mesmo quentinha. De frio chegava o dia que tinha passado.

Um, dois, um, dois, o pai era bom de verdade. Pena é que não tivessem mãe. Os filhos achavam falta. Ele já era grande, tinha doze anos, já não sentia tanto. Quininha tinha dez, também já estava se acostumando. Mas os outros pequeninos? Principalmente a Alicinha, de seis anos? Coitadinha! Criança sem mãe é tão triste!

Um, dois, um, dois, a polenta já deve estar queimando. Será que a Quininha não cansa de mexer? E a chuva, por que não parava? Desde cedinho que chovia. De madrugada, quando saíra de casa, inda escuro, já ia enfiando o pé no barro. A Faisca, coitada, é que não gostava. As vezes parava, empacava, afundava a pata na lama, e não queria andar. Só mesmo com o chicote é que saía dali. Eh, Faisca! Vamo, peste! Mas ele não gostava de bater na água. Estalava o chicote no ar, e pronto. A bicha saía do lugar. Nunca viu animal ter tanto medo de chicote como aquele. O Vicente campeiro dizia que isso era lembrança do tempo em que seu Juca a usava atrelada na charrete da fazenda. Ai, sim, é que o chicote estalava no lombo dela. A Faisca tinha medo. Agora já tava velha, só servia prá puxar o carroção de capim. Mas, mesmo assim, quando ouvia o chicote estalar, levantava o corpo cansado e andava quase de carreira. Eh, Faisca! Vamo, peste!

Um, dois, um, dois, a chuva continuava cada vez mais forte. Diabo, inda com chuvinha fina a gente vai trabalhar. Mas ninguém aguenta com uma chuva daquelas. Mas, aguentasse ou não, tinha de ir. Mãe não tinham prá trabalhar, a criança era muita, Quininha cuidava da casa, só mesmo ele podia ajudar o pai. Por que será que não lhe pagavam ordenado de gente grande? O Zeca da Cotinha, que também puxava carroção, ganhava nove cruzeiros por dia. Ele, que fazia o mesmo serviço, só porque era criança, ganhava cinquenta por mês. E, se faltava, descontavam. Diabo. E ele que queria dar bastante dinheiro pro pai, ajudar o coitado que trabalhava tanto. O dinheiro dos dois não dava nem prá matar a fome. Já de roupa não se falava. Inda por cima, casa sem mãe. Se ele ganhasse mais, já melhorava um pouco. Amanhã, se tivesse coragem, ia falar com o só Joaquim, o administrador. Assim quem sabe se lhe aumentavam o ordenado, e ele podia comprar todas as coisas que queria. Uma caixa de lápis de cor pro Tito, que tinha tanto jeito prá desenhar. A dele já tava no fim, e o coitado queria tanto outra. Uma boneca prá Alicinha, daquelas que choravam e diziam "mamãe". Um vestido novo prá Quininha. Quem sabe assim... Mas só se a Quininha parasse de mexer a polenta. Enquanto ela não parasse, e aquela chuva continuasse caindo, ele não podia fazer nada.

Um, dois, um, dois, minha perna tá pedando de calor. Amanhã, se fizesse sol, ele ia buscar água na bica, encher a tina e tomar um banho. O barro tava grudado no corpo, só mesmo esfregando bem é que saía. Era melhor encoller um pouco a perna, assim o fogo não queimava tanto. Agora tava muito melhor. Um, dois, um, dois, Quininha, ocê não pára de mexer isso? Essa polenta não tá pronta? Não tá pronta? Não tá pronta? Não tá...

Salvador deixou cair a cabeça ao peito e adormeceu profundamente. Lá fora, o vento açoitava a casa e a chuva fustigava o telhado. O fogo ardia alegremente e Quininha, com uma última mexida, largou a panela. A polenta estava pronta. Ué, acha de lenha caiu ao chão, a porta da frente se abriu devagarinho. Quininha pulou do caixote, as crianças deram um grito de alegria, e o Salvador acordou sobresaltado.

Era o pai que chegava.

Salvador se lembrava bem. Fora aquela a última noite feliz da vida deles. No dia seguinte, o tempo continuava feio, ameaçando tempestade. O céu estava escuro, e nuvens negras, carregadas de eletricidade, pareciam comunicar a sua tensão nervosa à terra. O ar estava pesado, em lugar algum havia calma. E a chuva, agora reco-

lhida, aguardava um momento bem triste para novamente castigar os colonos.

Arquejante e cansado da corrida que dera, ele despojou toda a explicação de uma só vez na casa da fazenda.

A Quininha tava mexendo a polenta, tava trepada em cima do caixote prá mó de alcançar a panela, de repente escorregou, o caixote foi prá longe, ela caiu bem em cima do fogão, a polenta revirou, ela se queimou, garrou a gritar que nem louca, os vizinhos acudiram, o pai não sabia o que fazer, ele ia lá pedir prá chamar o médico, não era por causa do queimado, não, que nem tinha machucado direito, só vermelhado um pouquinho o braço, mas era porque a Quininha não parava de gritar, depois começou a rir, um riso devagarinho, tão triste que parecia choro, e pegou no caixote e foi sentar no canto da cozinha, e não queria mais levantar de lá, e as crianças tavam com fome, não tinha mais polenta, tavam chorando, e o pai também chorava, dizendo que era igualzinho à mãe, que a mãe também tinha ficado daquele jeito, e que depois levaram ela pro asilo, e que ela morreu louca furiosa, e que agora a Quininha, será que eles não podiam chamar um médico?

Enquanto isso, o dia escurecia cada vez mais, a chuva descia outra vez inclemente sobre a fazenda, e no coração de todos havia uma angústia profunda.

★

Agora tudo tinha serenado, acabou de me contar o Salvador, os olhos secos, mas doídos e magoados. Quininha não gritava mais, nem ria mais tão triste. Tava lá longe, sozinha naquele asilo, onde há muito tempo um dia também tinham levado a mãe. As crianças brincavam quietinhas na sala da frente, o Tito desenhava na mesa da cozinha. Tudo havia passado. Tudo, menos a saudade. Saudade daquele calorzinho tão bom do fogão, depois de um dia frio debaixo da chuva, cortando capim e estalando o chicote no ar prá Faisca. Eh, Faisca! Vamo, peste! Saudade daquele cheiro gostoso da polenta, que inundava a cozinha, fazendo as suas narinas se dilatarem num antecipado prazer, sentindo já na boca a comida quentinha, a barriga cheia, o coração contente. Saudade daquele barulhinho monótono da colher de pau, que dançava na panela ao ritmo sincopado da goteira na lata de banha, adormecendo-o como se fosse uma cantiga de embalar. E, sobretudo, saudade daquele vultinho miúdo, trepada sobre o caixote, mexendo, mexendo a polenta sem cessar. Um, dois, um, dois, Quininha, ocê não cansa de mexer?

★

Um sopro na vida da Quininha fê-la em pedacinhos. Uns dizem que foi a doença da mãe, que já estava nela. Outros, que foi o susto que ela levou ao cair sobre o fogão. Há também quem diga que foi trabalho de mais para aquele corpinho tão franzino, aqueles braços tão pequeninos. Quem é que sabe?

A VIDA DE Mme. CURIE

(Continuação do número anterior)

V

Marie encarregou-se dos trabalhos caseiros, deu à luz uma menina, depois outra, estudou para o seu doutorado em física, e conquistou uma bolsa de estudos com a sua monografia sobre a magnetização do aço temperado, passando o resto do seu tempo a colaborar nas experiências do marido. Os médicos lhe advertiram que existia uma lesão tuberculosa no seu pulmão esquerdo — o defeito hereditário dos Sklodovska. Aconselharam-na a ir para um sanatório. Marie não quis saber de tal coisa. Andava muito absorvida nos trabalhos de laboratório. Ela e Pierre tinham-se interessado pelos experimentos de Henri Becquerel. Este eminente físico francês, ao examinar os sais de um "metal raro", o urânio, descobriu que emitiam um raio aparentemente capaz de penetrar os objetos opacos. Um composto de urânio, que ele pusera sobre uma chapa fotográfica envolvida em papel negro, tinha impressado a chapa através do papel. Isso, ao que nos consta, foi a primeira vez que um homem observou as estranhas propriedades penetradoras de certos raios.

(Continua na pág. 46)



DR. SABÓIA RIBEIRO

A CRIANÇA NEUROPÁTICA

A criança neuropática denuncia características, desde o nascimento, tão expressivas que para o pediatra constitui um tipo de organização especial (é, para ele, o portador da diátese neuropática).

Como para todos os nervosos, existem sempre, na sua ascendência, antecedentes de nervosismo familiar. Aqui o histerismo da genitora, ali o alcoolismo de algum ascendente (e tanto pior se nos pais), acolá doenças mentais na linha reta ou nos, colaterais.

Na própria expressão fisionômica do bebê neuropático e suas reações, muita vez, estampa-se a criança nervosa. Olhar vivo, atento a tudo, estremece ao menor ruído em torno de si. Se adormece, um nada o desperta: um objeto que cai, uma porta que range, tudo o faz estremecer. É um precoce. Reconhece depressa as pessoas de seu meio familiar, a quem sorri ou de quem exige carinhos. Tem o choro extremamente fácil. Adormece chorando, acorda chorando. Se lhe enche um tanto a bexiga, acusa dores e chora. E, sem sono, não raro, chora boa parte da noite — não fosse o seu sono sempre leve e curto. Esses pirralhos desperdiçam cerca de um terço das calorias da alimentação nesse choro quase sem trêguas.

Muito comum são as desordens que se limitam às manifestações de pura irascibilidade mórbida. É o bebê tirano, indisciplinado, que cria os mais indesejáveis quadros para a paciência materna: o bebê em quem não existe, propriamente, doenças, mas a "sua" doença; que não raro excede e desafia todas as artes do melhor instinto maternal, com seus gritos traindo antes raiva, a debater-se nos braços maternos, hirtos, têsos, torcendo-se todo, longos minutos — as mães, então, pensam em tudo: fome, cólica, sem saber que fazer. O bebê não dorme, não deixa dormir, chorando.

O que há de curioso é que, com o mesmo caráter imotivado com que despertou neles essa sintomatologia espetacular, afinal, tudo acaba cedendo ex-abrupto, num cabecear de sono e cansaço, por exemplo, imergindo o bebê no repouso, exalando ainda uns ôfegos do peitinho exausto de tanto pranto.

Tais manifestações costumam ser precoces, até em recém-nascidos, mas felizmente sujeita a atenuar-se com o tempo.

O físico dessas crianças é todo nervos e músculos, escasso panículo adiposo e depósitos de água; por um nada, seguem-se longos dias de inapetência invencível, emagrecendo mais ainda. Esse físico, ao mesmo tempo franzino e rígido, e tendo qualquer coisa da plástica de certos esportistas esguios e forçados, e sua extrema frequência de movimentos (quando mama ora toma o seio com gula, ora o repele, para logo retomá-lo outra vez), e o seu pranto irritado servem de pista ao pediatra. Há porém um traço ainda que muitas vezes se vê neles: é uma mecha de cabelo no alto da fronte, destacando-se comprida e arrebitada, o "penacho de Freud".

Durante a infecção, se adoecem, a temperatura sobe, de golpe, logo a 39° ou mais, com delírio, convulsões, um revirar de olhos que assusta a família, e com razão, fazendo-a pensar em meningite.

Há uma manifestação, no bebê neuropático, sem maior importância aliás, uma espécie de soluço espasmódico que lembra, de algum modo, o grasnido das aves, ou melhor, dos galináceos; é o **estridor laringeu**. A criança ri, ou chora, ou apenas está mamando, e de um momento para outro exterioriza o fenômeno, que logo passa.

Bem diversas pela sua real gravidade as manifestações do **espasmo da glote**, da **eclâmpsia** e da **tetania**, que podem irromper bruscamente em franco ou aparente estado de saúde da criança. Já existe o terreno propício a essas manifestações, e é assim que as provas elétricas de diagnóstico revelam uma superexcitabilidade mesmo abaixo de 5 miliampers.

As causas que, com mais frequência, levam a ditas manifestações são, de um lado, a alimentação defeituosa da criança, pobre de sais de cálcio, fósforo e vitamina D, pobre em variedade de frutas, legumes, massas (aletria, macarrão, puréias); por outro lado, uma higiene fechada, isto é, excesso de agasalhos, falta de aeração da habitação, privança da luz solar à criança — tudo são fatores a que se deve muita vez a precipitação ou agravamento desses fenômenos.

O caráter de asfixia do **espasmo da glote**, com palor da face, lábios violáceos, olhos esbugalhados, suores, afrouxamento dos membros, arroxamento da face, ao lado de leves contrações do ângulo da boca e dos olhos; as contrações clônicas e tônicas, generalizadas, da **eclâmpsia**, ou apenas localizadas nas articulações dos pés e das mãos, da **tetania**, eis em largos traços esses quadros denunciadores das mais graves formas da neuropatia.

Como são evidentes, muita vez, as infrações higiênicas, é lícito afirmar que se trata, antes, de complicações de um estado hereditário, por motivo de uma assistência defeituosa na criação desses bebês, sobrelevando a alimentação carente e hábitos impróprios (falta de sol).

As aludidas manifestações, como dissemos, surgem, muita vez, de surpresa, e, antes de pensar em vermes e coisas que tais, é preciso cogitar da possibilidade da neuropatia em suas formas graves ou complicadas.

CASA DE SAÚDE DR. BENAION

OPERAÇÕES E PARTOS

A DISPOSIÇÃO DA CLASSE MÉDICA

Sala de operações com ambiente esterilizado — Sala de partos — Serviço médico permanente — Quartos com higiene e conforto — Enfermagem — Técnica — Cozinha de primeira ordem

SERVIÇOS DE RAIOS X — FISIOTERAPIA — OXIGENOTERAPIA
INCLUSIVE INALAÇÃO DE PENICILINA — PREÇOS MÓDICOS

Direção técnica: Dr. ALBERTO MOACIR BENAION
Rua Afonso Pena nº 54 — Fone 48-4933 — Tijuca

A LÂMINA DE MAIOR VENDA MUNDIAL

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

Depositos -- Descontos -- Cauções

ALFANDEGA n.º 50 - Rio



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS

E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

Bilhetes DO MEIO DO MUNDO

D. G. COIMBRA

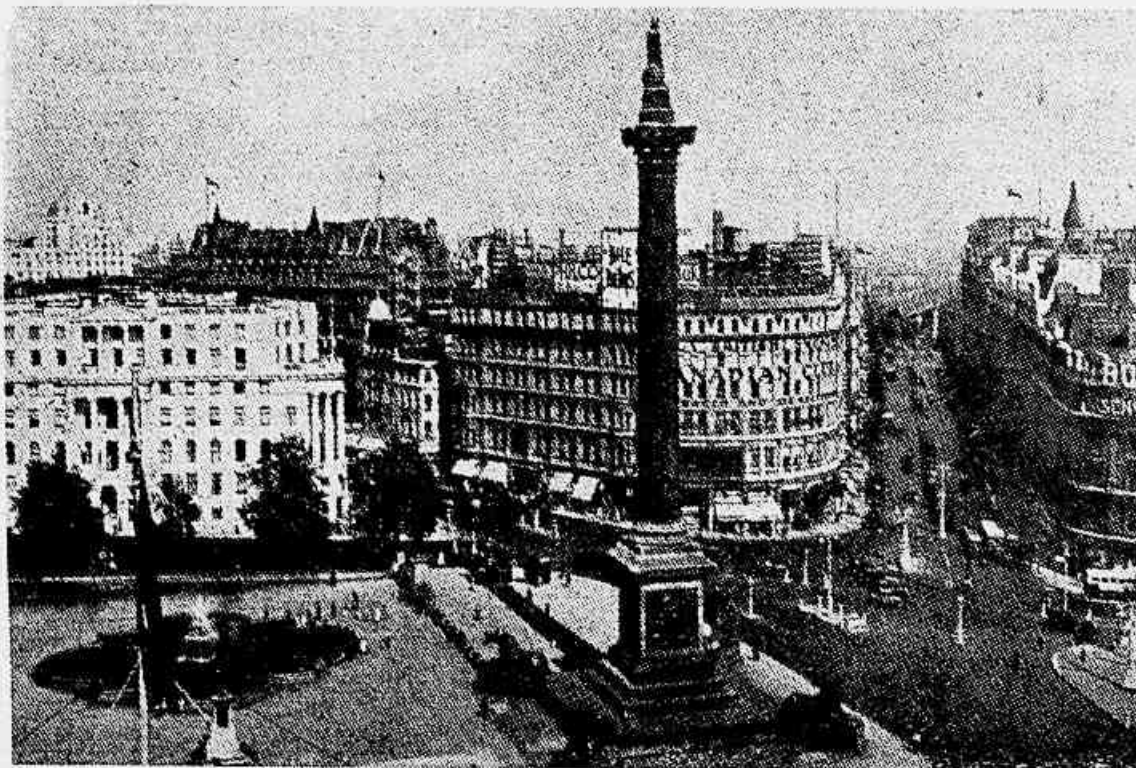
LONDRES, novembro de 1948 — Era eu um bom freguezinho do Emilio; às tardes, costumava passar por seu cafézinho no bôco sombrio em Chancery Lane, ali, tomava uma grande xícara de café com bôlo ou "sandwiches"; raramente com as duas coisas, pois o dinheiro era bem curto, necessário ainda para o cinema, para levar a namorada ao parque de diversões, remar no lago, ou ir assistir a uma partida de futebol.

Certos dias, quando o movimento era diminuído, ficávamos ali sentados os dois ao lado da xícara vazia, na mesa tosca de madeira, batendo um papo, socegados, tranquilos, longe de Londres; ele pensando em Regio-Emilia, na Itália, e eu no Brasil, distante, lá na América do Sul. Tínhamos tempos e motivos para pensar no futuro — o negóciozinho acaído do meu bom amigo lhe dava sobras para modesto viver. Maria, sua mulher, ajudava-o nos afazeres diários, bem como sua filha, Emilia, de uns 18 anos, vinda pequena da sua pátria, e falando inglês perfeito, porém no cantarolar do dialeto londrino. Às vezes, Emilia entrava na conversa e pilheriava sobre as minhas namoradas, pois, sendo eu mais moço, os nossos sentimentos eram diversos, os seus romancezinhas simples, deviam ser com rapazes de 22 ou mais anos; ao passo que os meus eram com meninas ainda na escola, de 15 ou 16 anos. A diferença da idade namorável de um rapazola de 16 e uma garota-moça de 18 são léguas à parte. Ela circulava em rodas de gente grande e comigo o assunto era de meninada.

Durante vários anos frequentei o café do Emilio e ficamos amigos, apesar da diferença da idade. Costumávamos conversar em italiano o que surpreendia sempre os meus amigos ingleses e a freguesia, toda londrina, da redondeza. Mais tarde, iniciei minhas viagens, quando já tinha deixado de frequentar as escolas. E, quando voltava do estrangeiro, era sempre para o Emilio minhas primeiras saudações.

Na guerra de 14, ainda lá continuou com seu café. Em 1916, já no meio da conflagração, vindo dos Estados Unidos e Canadá, voltei a procurá-lo e passava as noites descansando na cadeira de madeira curva de Viena; já então um freguez de mais classe, que tomava café, bolos, "sandwiches", gazozos e o que mais quisesse. As moedinhas no bolso já eram de prata e as havia mesmo de ouro bonito e luzidio, com a efígie de Eduardo VIII e do rei Jorge V. Emilio era sempre o mesmo amigo, mas já me tratava com outros modos. Eu havia crescido, estava mais forte, com melhores roupas, já conhecia Nova York, Chicago, Paris... Já era quase um adulto; havia navegado em grandes navios, frequentado bons hotéis e, mesmo em Londres, já ia aos bons restaurantes de Piccadilly. Emilia havia casado com um rapaz também italiano que trabalhava como garçon num restaurante de luxo. Às vezes, distante de Londres, ensaiava um postal ao amigo; mas, escrevendo-lhe ou não, sempre o tinha na memória como recordação agradável da minha meninice em Londres.

Volto agora a Londres. São passados tantos anos — uma nova e terrível guerra deixou sua marca em muitas ruas e bairros, mas a cidade, no seu aspecto geral, continua a mesma. Cada dia, agradáveis cenas de encontros com velhos amigos, agora mais velhos, com a marca do tempo que passa sem esperar por



Do alto da sua coluna, Nelson observa o movimento da Praça Trafalgar e ao longe, as plácidas águas do Tâmesa, que corre para o mar — 50 kms. mais abaixo

ninguém — vou caminhando como que impelido pelo passado em direção à Chancery-Lane. Encontro as mesmas casas vetustas e centenárias; as mesmas taboetas e placas dos anos que se foram. Entro na velha agência do correio, onde fui bem conhecido das velhinhas e moças que vendiam selo ao menino que era eu. Compro, agora, selos com a efígie de um novo rei. Continuo meu caminho; ali está o mesmo bôco, com as mesmas casas, os mesmos escritórios, com as placas das firmas que conheci. Ali também está, do mesmo jeito, nem mais sujo nem mais limpo, o café do Emilio.

Entrei. As mesmas quatro mesas, as mesmas doze cadeiras. O mesmo balcão e, num canto, um gato preto, grande, dorminhoco; décima geração talvez do mesmo gato preto do Emilio. Sentei, como fiz tantas vezes antes, e pedi café com "sandwiches". A senhora me atendeu com deferência.

— Por acaso se lembra de um senhor italiano que foi o dono desta casa? — perguntei-lhe respeitoso...

Ela parou de cortar as grossas fatias de pão, não muito branco, e pensou um pouco...

— Italiano?... Sim, agora me lembro. Ouvi falar dele... Sou inglesa, meu marido também. Somos os terceiros donos, depois dele e aqui estamos há 16 anos. Agora me recordo de ter ouvido falar dele. Não sei que fim levou — não sei se ainda é vivo, nem se vive em Londres e também não sei coisa alguma da moça.

Tomiei café e continuamos conversando. Entravam e saíam rapazes e meninos modestos; tomavam café, comiam bolos, mastigavam "sandwiches" — pagavam a conta com moedas de cobre e iam...

— Aqui estive há muitos anos. Era eu amigo e freguês desta casa; vinha sempre tomar café aqui — contei-lhe. Sou brasileiro, morei muitos anos em Londres, quando era pequeno, e trabalhei num escritório aqui mesmo neste bôco! E ali ficamos conversando: ora eu e o marido, ora a mulher, e às vezes um rapaz que gostou do assunto e, amavelmente, perguntou-me sobre minhas viagens e aventuras... Ele também tinha viajado. Esteve na Marinha, durante a guerra, num torpedeiro. Cruzava o Mar do Norte frequentemente, comboiando navios. E contou peripécias da vida naval durante a guerra.

A mulher contou-nos que também tinha feito alguma coisa pela pátria, durante os anos difíceis que passaram: "Não fechei a porta um só dia; aqui permaneci sempre; quando as bombas caíam por perto, uma atrás da outra, as outras casas fechavam e os donos iam embora, deixando a freguesia sem café. Eu não!... Aguentei a mão firme e permaneci sem medo. Os bombeiros, os guardas, os soldados do serviço anti-aéreo, aqui sempre encontravam agasalho e conforto modesto. Quando o encanamento de gás se espatifava, tínhamos fogareiros a petróleo e nunca faltou café quente. O senhor sabe o que é uma xícara de café quente, nos dias frios, úmidos e escuros de Londres!... Fiz o que foi possível e aqui permaneci..."

A VIDA DE MME. CURIE

(Continuação da pág. 44)

Qual era a natureza dessa misteriosa propriedade de atravessar os objetos opacos? E de onde provinha essa energia peculiar? Tais perguntas exerciam tremenda fascinação nos espíritos de Marie e Pierre Curie. Era assunto para um estudo original, uma tese que realmente fazia jus a um grau de doutor na Sorbonne!

Tal foi o entusiástico mas humilde começo das pesquisas que levaram à descoberta do rádio. Marie havia tomado o caminho de um doutorado comum. E no fim do caminho encontrou... o Prêmio Nobel de Física.

Mas a viagem por esse caminho foi longa, penosa, exaustiva. Somente um homem e uma mulher de poderosa imaginação e de suprema coragem poderiam ir até o fim sem vacilar.

Quase desde o princípio encontraram dificuldades insuperáveis — e superaram-nas. O laboratório que o diretor da Escola de Física lhes cedeu para as experiências era um velho e arruinado barracão de madeira. Nesse frio e úmido telheiro — durante o inverno, a temperatura média do laboratório era de 44° Fahrenheit (cerca de 6,7 centígrados) — a pioneirinha tísica e seu marido mergulharam resolutamente no desconhecido. Com o seu deplorável aparelhamento investigaram a natureza do urânio e descobriram que a misteriosa radiação desse metal era uma propriedade atômica. Então o lampejo de uma grande idéia iluminou a mente de Marie. Talvez o urânio não fosse o único elemento químico possuidor do poder de irradiação. Quicá houvesse outras substâncias com um poder ainda maior de "penetrar o impenetrável". Tinha de procurar...

E assim teve começo outra e mais arrojada aventura nos mares ignotos. Madame Curie tomou todos os corpos químicos conhecidos e submeteu-os, um por um, a uma prova rigorosa. E não tardou a encontrar o que procurava. O urânio não era o único elemento que possuía aquele misterioso poder de irradiação. Outro metal, o tório, tinha o mesmo poder em grau mais ou menos igual. A esse poder, Madame Curie deu agora o nome de **radioatividade** — a ativa propriedade **penetradora** de certos tipos de raios.

Mas isto foi apenas o começo da sua investigação. Ao examinar alguns compostos do urânio e do tório, encontrara uma radioatividade **muito mais forte** do que se poderia esperar da quantidade de urânio ou de tório existente nos compostos. De onde provinha esse extraordinário poder de radiação? Tal pergunta só admitia uma resposta — os corpos examinados deviam conter um elemento químico de radioatividade muito superior à do urânio ou do tório. Mas Madame Curie já estudara todos os elementos químicos conhecidos, e não encontrara uma radioatividade tão poderosa em nenhum deles. Portanto — concluiu ela — devia existir um elemento químico até então desconhecido que possuísse aquele poder radioativo. Um novo elemento!

Um dia, ela foi visitar sua irmã com o coração a bater.

— Imagine, Bronya, a radiação que eu não podia explicar vem de um novo elemento químico. O elemento está ali, e eu tenho de encontrá-lo!

Pôs-se então à procura da nova substância. Era no minério de pechblenda — um óxido de urânio — que ela observara o tremendo poder de radiação. A misteriosa fonte de poder achava-se oculta naquele minério. A parte mais radioativa da pechblenda — pensou Madame Curie — devia representar uma fração extremamente pequena do minério em estado bruto, pois nenhum cientista conseguira descobri-la antes dela. Talvez o novo elemento não chegasse a constituir mais de um por cento da pechblenda, concluía a jovem e cautelosa cientista polaca. Qual não teria sido o seu espanto se compreendesse então que o novo elemento que ela procurava isolar constituía apenas um **décimo-milésimo de um por cento**, ou seja, uma **milionésima parte**, do minério de pechblenda!

Marie e Pierre — os dois sempre trabalhavam juntos nessas investigações — tinham agora certeza de se acharem no limiar de uma nova descoberta. Mas como transpor o limiar? A pechblenda, de que esperavam poder isolar o novo elemento, era um minério de alto preço. Extraíam-se

na Boêmia, para a obtenção dos sais de urânio empregados na manufatura de vidro. Uma tonelada de pechblenda, com o urânio que continha, achava-se muito além da bolsa dos Curie. Era um problema aparentemente insolúvel.

Mas resolveram-no. Se o novo elemento — refletiam eles — existia na pechblenda e era, contudo, diferente do urânio, então poderia ser isolado dos **resíduos** da pechblenda **depois** da extração do urânio. Esse resíduo era considerado quase sem valor. Os Curie podiam obtê-lo em consideráveis quantidades por pouco mais que o custo do transporte.

E assim aqueles dois "esquisitos" cientistas, para espanto de toda a gente, começaram a encomendar toneladas e mais toneladas de "lixo" para o seu alpendre. E quando chegou o "lixo", entraram a atirá-lo às pazadas num velho fogão de ferro fundido com chaminé enferrujada. Passaram quatro anos nessa tarefa, como um casal de foguistas no porão de um navio — atirando pazadas, ofegando, tossindo por efeito dos vapores nocivos, esquecendo a sua situação desconfortável e preocupados com um único pensamento: arrancar ao metal em brasa o segredo do novo elemento.

E por fim conseguiram arrancar o segredo — os dois segredos. Pois, em vez de um, encontraram dois novos elementos — uma substância a que deram o nome de **polônio**, em homenagem à pátria de Marie, e outra substância que denominaram **rádio**.

A natureza do polônio já era assombrosa. Tinha uma radioatividade muitíssimo superior à do urânio. Mas a natureza do rádio era a oitava maravilha do mundo. Pois o seu poder de radiação excedia em um milhão e meio por cento o do urânio.

VI

Era costume dos agraciados pelo Prêmio Nobel ir recebê-lo pessoalmente em Estocolmo. Mas os Curie não podiam realizar a viagem. Estavam muito doentes. Tranquila, modesta e humildemente continuaram a trabalhar — e a sofrer privações. Gastavam em novas experiências todo o dinheiro de que dispunham, gloriosamente deslembados de seus interesses pessoais. Quando se demonstrou o valor terapêutico do rádio — entre outras coisas, tinha-se descoberto a sua eficácia no tratamento do câncer — os amigos insistiram para que o casal patenteasse o processo de extração do metal. Isso lhes teria proporcionado uma fortuna considerável, porquanto se calculava o valor do rádio em cento e cinquenta mil dólares a grama. Mas os Curie se recusaram a tirar proveito da sua descoberta. "O rádio é um instrumento de misericórdia, e pertence à humanidade".

Recusaram, não somente o lucro pessoal, mas também as honrarias. Tudo o que pediam ao mundo era que lhes desse um bom laboratório para realizar as suas experiências. Quando o decano da Sorbonne escreveu a Pierre participando-lhe que o ministro havia proposto o seu nome para a Legião de Honra, Pierre — secundado por Marie — respondeu nestes termos: "Tenha a bondade de agradecer ao ministro e informá-lo de que eu não sinto a menor necessidade de ser condecorado, mas que tenho extrema precisão de um laboratório".

Em uma oportunidade, entretanto, Pierre permitiu que propusessem o seu nome para que se candidatassem à Academia de Ciências — não tanto pela honra em si mesma como pela facilidade, que isso lhe traria, de conseguir o cargo de professor na Sorbonne. E um laboratório.

Com relutância, Pierre iniciou a sua série de visitas aos membros da Academia. Era de praxe que cada candidato fizesse tais visitas e "cantasse" as suas habilitações para o posto. Eis a descrição, feita por um jornalista parisiense, da "campanha" de Pierre para entrar na Academia: "Subir escadas, tocar campainhas, fazer-se anunciar, explicar a que vinha — toda esta sordidez enchia-o de vergonha, contra a sua vontade. Mas, o que era ainda pior, tinha de apresentar os seus títulos, expor a boa opinião que fazia de si mesmo, e alardear os seus conhecimentos e realizações — uma provação que lhe parecia superior às forças humanas. De modo que se punha a elogiar sincera e eloquentemente o seu adversário, dizendo que M. Amagat estava muito mais habilitado que ele, Curie, para entrar na Academia..."



Por ANDRÉ MAX

A Academia elegeu M. Amagat.

Pierre Curie sempre via coroados de êxito os seus esforços por fugir à notoriedade. O mesmo se dava com Marie. Seu melhor disfarce para evitar que a reconhecessem era não usar nenhum disfarce. A primeira vista, ninguém desconfiaria que a jovem camponesa de modesto vestido preto fosse a festejada cientista que recebera o Prêmio Nobel. Certo dia um repórter americano, andando na pista dos Curie, ouviu dizer que estavam passando as férias em Le Pouldu, aldeia de pescadores na Bretanha. Chegando à aldeia, informou-se do caminho que levava à cabana dos Curie. Encontrou uma mulher jovem e modesta sentada no umbral da porta.

— Você é a governanta daqui?

— Sou.

— A dona da casa está?

— Não. Saiu.

— Sabe se ela demora a voltar?

— Creio que sim.

— Podia revelar-me alguma coisa sobre a vida íntima dela? — perguntou o repórter, sentando-se a seu lado.

— Nada — respondeu Marie — a não ser uma mensagem que Madame Curie me pediu que transmitisse aos jornalistas: Sejam menos curiosos a respeito das pessoas, e mais curiosos com relação às idéias.

VII

Finalmente Pierre Curie foi admitido na sociedade dos seus colegas menos capazes — e, portanto, invejosos. "Encontro-me na Academia sem ter desejado entrar lá, e sem que a Academia tenha desejado a minha presença".

Depois de vários encontros com os colegas, Pierre escreveu a um amigo: "Ainda não descobri qual é a utilidade da Academia".

Sem embargo, ela foi de grande utilidade num ponto — habilitou Pierre a conseguir nomeação para a Sorbonne. E, juntamente com a nomeação, veio o oferecimento de um laboratório bem equipado. Ia realizar-se o grande sonho dos Curie.

E então, numa chuvosa manhã de abril de 1906, Pierre saiu de casa para visitar o seu editor. Algumas horas depois trouxeram a Marie o corpo exânime do marido. Escorregara no pavimento molhado, e um enorme carro passara-lhe por cima.

Acabara-se a felicidade de Marie. Mas não a sua tarefa. Aceitou a oferta de assumir a cadeira do marido na Sorbonne — era a primeira vez na história da França que uma mulher ocupava um posto no ensino superior. Continuou as suas experiências no novo laboratório de Pierre, de que se tornara diretora. Cuidava dos filhos. Preparava artigos sobre as suas pesquisas. E todas as noites, antes de deitar-se, escrevia ao querido morto um relato íntimo dos seus pensamentos. Era como se estivesse escrevendo uma carta a uma pessoa ainda viva.

"Ofereceram-me o posto de tua sucessora, meu Pierre; o teu curso e a direção do teu laboratório. Aceitei. Não sei se fiz bem ou mal..."

"Meu Pierre, penso em ti constantemente. Tenho a cabeça a reventar, e a razão turbada. Não posso conceber que, de ora avante, terêi de viver sem ti..."

"Meu pequeno Pierre, quero contar-te que o laburno está em flor, e a glicínia, o pilriteiro e o iris estão começando a florescer — tu ficarias encantado de vê-los..."

"Já não amo o sol e as flores. Fazem-me sofrer. Sinto-me melhor nos dias escuros, como o da tua morte, e se não aprendi a abominar os dias formosos é por serem necessários a meus filhos..."

Era por amor aos filhos que ela continuava — e por amor à humanidade. Um pouco mais de trabalho para minorar os padecimentos dos seus semelhantes. Em 1911, quando recebeu o Prêmio Nobel pela segunda vez, aceitou-o apenas por lhe proporcionar uma oportunidade de ampliar o âmbito das suas pesquisas. O poder curativo do rádio — era essa agora a suprema preocupação de sua vida. Quando rebentou a Guerra Mundial de 1914, ela organizou e superintendeu pessoalmente a instalação de aparelhos de raios X para o tratamento dos soldados feridos. Percorria o país de um extremo a outro — um anjo de misericórdia, com um belo rosto branco e dedos doloridos, queimados pelos ácidos.

Apesar da fadiga, das dores e dos desgostos, sempre estava pronta a dispensar um sorriso animador e uma palavra doce. "Vai doer?" perguntavam os soldados

aterrorizados, quando viam o formidável aparelho de raios X. "Absolutamente", era a sua resposta invariável. "E" o mesmo que tirar um retrato".

Terminou a guerra. Viagens, honrarias, entrevistas, medalhas, conferências, banquetes — e trabalhos e tristeza. E, até o fim, a mesma "inaptidão incurável" para o êxito material. "Os sonhadores", dizia. "Não merecem a riqueza, porque não a desejam".

Aproximava-se do fim do seu sonho. "Ah, como estou cansada!", murmurou um dia, ao voltar do laboratório para casa. Na manhã seguinte não pôde levantar-se da cama. Os médicos que vieram examiná-la não conseguiram diagnosticar a sua moléstia. Parecia influenza, tuberculose, anemia perniciosa — e, contudo, não era nenhuma dessas enfermidades. Só depois de sua morte puderam determinar a verdadeira natureza do mal. Era "envenenamento pelo rádio" — a destruição progressiva dos órgãos vitais por uma vida de excessiva exposição às radiações.

Madame Curie morreu mártir do seu trabalho.

(Do livro "Vidas de grandes cientistas".)

A VIDA DE EINSTEIN

(Continuação da pág. 18)

cronométrico local próprio, diferente de todos os outros sistemas cronométricos. O sistema da terra, longe de constituir uma medida absoluta do tempo para toda parte, não passa de uma tabela do movimento do nosso planeta em redor do sol. O dia é uma medida de movimento através do espaço. A nossa posição no tempo depende inteiramente da nossa situação no espaço. A luz que nos traz a imagem de uma estrela distante pode ter viajado um milhão de anos pelo espaço antes de chegar à terra. Portanto, a estrela que vemos hoje é a estrela de um milhão de anos atrás. Do mesmo modo, um acontecimento que se deu na terra há milhares de anos — como a Batalha de Maratona — só agora terá sido presenciado por um observador situado em outro planeta, que, por conseguinte, o considera como um episódio atual.

O que é hoje em nosso planeta, portanto, pode ser ontem num outro planeta, e amanhã em um terceiro. Pois o tempo é uma dimensão do espaço — e o espaço é uma dimensão do tempo. Na realidade — afirma Einstein — o universo é uma continuidade espaço-tempo; espaço e tempo dependem um do outro. Nenhum dos dois pode ser expressado independentemente. Ambos devem ser encarados como aspectos coordenados da nossa concepção matemática da realidade. O mundo não é tridimensional. Consiste nas três dimensões do espaço e numa quarta dimensão adicional — o tempo.

IV

A excitação provocada por sua sabedoria "superior" divertia Einstein. "Diante de Deus, todos somos igualmente sábios e igualmente loucos", disse. Não o impressionou a proposta de uma cátedra em Zurich. Sempre aborrecera os professores. Era um artista. Nada tinha em comum com o tipo mental do pedagogo. "Os pedagogos colecionam fatos como os cães colecionam ossos — unicamente para amontoá-los no pó". Observara que poucos dos chamados eruditos compreendiam a significação do pensamento especulativo. Escasso era o número de pensadores entre eles. Riam-se quando se lhes dizia que era possível a um cientista procurar o segredo das leis físicas com tanta paixão como o compositor procura o segredo da harmonia musical. "O grande cientista e o grande compositor se assemelham em um ponto — tanto um como o outro são grandes poetas".

Foi como poeta que Einstein saudou o nascimento de seu primeiro filho. Tinha muito mais prazer em empurrar o carrinho da criança do que em dar as suas aulas na universidade. Tremia diante dos olhos vazios e das bocas abertas do auditório que tinha vindo comprar um vintem de conhecimentos na fonte da sua ciência. Não era homem para conduzir multidões, ou ensinar multidões, ou misturar-se às multidões. Era um estudioso solitário, "um pesquisador singular, taciturno, arredio". Pouco lhe importava saber que tinha construído uma sólida reputação entre as so-

(Continua na pág. 51)

A maioria das grandes companhias construtoras de aviões em todos os Estados Unidos, bem como numerosas empresas de navegação aérea comercial, confiaram, durante todo o período da duração da guerra, nos serviços de investigação e pesquisas aeronáuticas, que lhes proporcionavam as forças armadas de Tio Sam, para onde tinha ido a elite de seus quadros de pessoal técnico.

Como consequência desse êxodo, as grandes companhias construtoras deixaram de realizar, em seus próprios laboratórios de experimentação, o programa de pesquisas que vinham observando, na suposição de que essa deficiência seria suprida pelas organizações militares e, desde então, passaram a depender quase que exclusivamente delas.

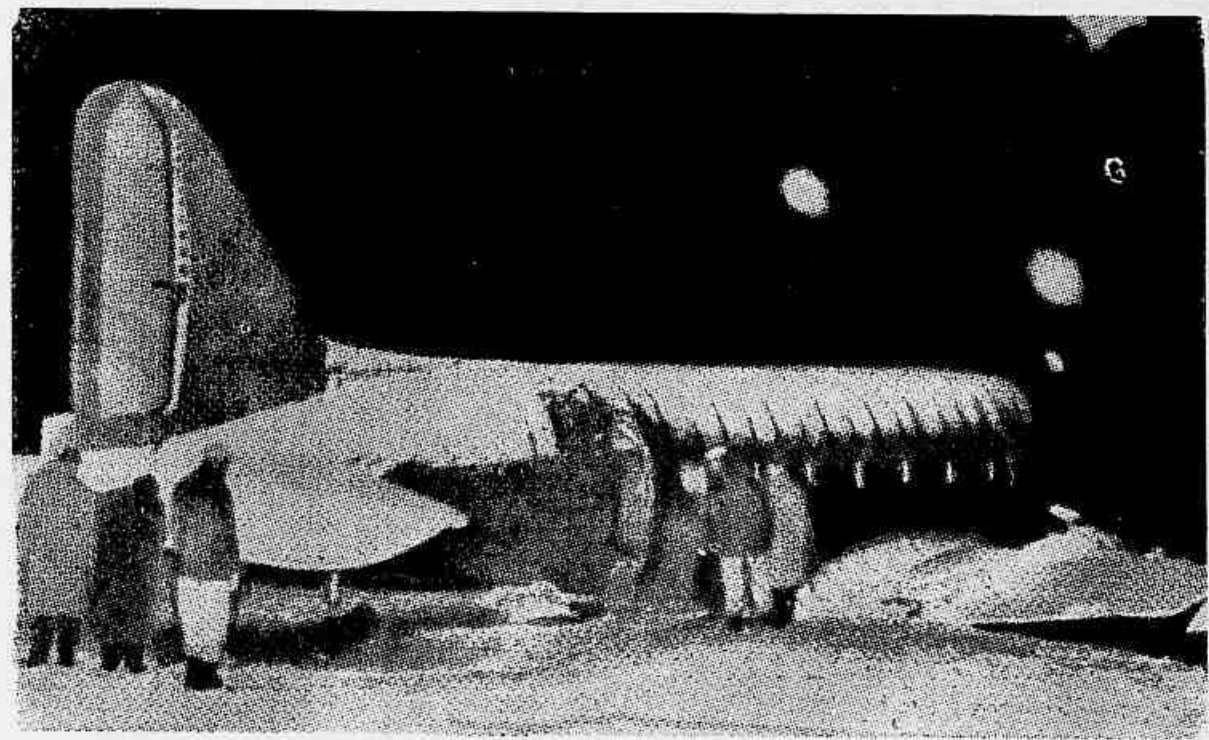
Isso não aconteceu unicamente com as companhias construtoras, mas também com as empresas de navegação aérea comercial, que se valiam de todas as informações e observações meteorológicas que lhes eram fornecidas pelos diversos postos das forças armadas espalhadas por todo o território dos Estados Unidos. Assim, sempre lhes foi garantida a desejada segurança de voo de suas aeronaves, durante o período da conflagração.

Após o término da guerra, desmobilizadas as forças, desmontados os laboratórios nos postos de observação de emergência, um rude golpe sofreram aquelas companhias. E daí para diante até hoje, as deficiências ainda não foram convenientemente supridas.

Um dos aspectos particulares da segurança da construção de aparelhos — adaptação defensiva contra os danosos efeitos produzidos pelos imprevistos fenômenos eletrostáticos — tem levado a aviação comercial a uma demora prejudicial na eliminação ou neutralização daqueles efeitos em suas aeronaves. Entre os principais, pode-se destacar, como mais frequentes e perigosos, os seguintes:

- 1 — Falhas nos instrumentos de navegação, em geral.
- 2 — Anulação total dos equipamentos de rádio.
- 3 — Explosão de motores em pleno voo.
- 4 — Acidentes misteriosos e incontroláveis.

Esses perigos se originam, via de regra, de efeitos de eletrostática desenfreada e incontrolável, provocando descargas nos instrumentos e equipamentos dos aviões, e aumentam à medida que os novos aparelhos adquirem maior velocidade.



Avião comercial forçado a efetuar uma aterragem forçada, pela presença de eletricidade estática durante uma nevasca em James Beach

Não existe, até agora, nenhum sistema prático que permita reduzir a geração de eletricidade estática nos aparelhos quando em voo; todavia, pode lograr-se estabelecer um controle sobre a descarga de alta voltagem, que permita eliminar as perturbações que afetam diretamente o rádio. Para isso são utilizados dispositivos ionizados.

Durante a guerra, o Exército e a Marinha dos Estados Unidos realizaram em Minneapolis laboriosa investigação sobre precipitação e estática, que lhes permitiu construir um dispositivo adaptado às pás da hélice, e que opera como dissipador eletrostático. Esse dispositivo foi logo incluído como equipamento **standard**, essencial, em todos os aviões das forças armadas, estendendo-se, mais tarde, o seu uso nos demais aparelhos das linhas comerciais.

A formação eletrostática, as descargas e oscilações de alta frequência que se produzem nas pás das hélices, dão origem a perturbações e interferência nos equipamentos de rádio. As hélices dos aviões comerciais têm pás de comprimento médio de 1,80 metros.

E os aparelhos, alcançando velocidade que oscila entre 640 e 1.100 quilômetros por hora, acarretam o deslocamento das pontas de pás a uma velocidade que se aproxima da velocidade do som, o que traz como consequência o aumento da densidade da carga elétrica desencadeada, que se multiplica várias vezes mais, ali, naquelas extremidades do que em qualquer outra parte do avião.

As descargas em formas de chispas se produzem com preferência nas arestas das extremidades das pás. Além de provocar interferência na antena de rádio instalada nas proximidades, essas descargas produzem oscilações nas pás das hélices, de modo que essas passam a funcionar também como antenas.

Igualmente, aquelas descargas elétricas se produzem através da película de azeite que reveste as pequenas almofadas situadas no carter do motor, ocasionando, não raro, a inflamação de vapores de gasolina que se produzem no interior do carter, e que podem resultar de consequências funestas.

Esse dispositivo, denominado "vela seca", quando adaptado convenientemente em lugares sujeitos a essas perturbações de origem eletrostática, atua como para-raios, anulando completamente seus principais efeitos, e contribuindo, assim, grandemente para a segurança do voo.



ESTAVAMOS em 1939, quando, todos os dias, as notícias que circulavam em Londres traziam as ameaças do rebentar de uma guerra na Europa.

A mãe de Lalage ainda se recordava das aflições por que passara quando da anterior conflagração, e agora eram outras suas preocupações. Sua filha, linda jovem, desabrochando numa magnificência de beleza e saúde, lhe dava sérios cuidados. Robert, seu noivo, estava decidido a desposá-la, embora a opinião da futura sogra fosse contrária àquela união algo precipitada, porquanto Lalage não o conhecia suficientemente. Viram-se e se amaram, havia apenas dois meses.

Alem disso o noivo era militar e servia em regimento fora do país. Em caso de guerra, seria ela forçada a abandonar a ilha e sua mamãe, arriscando a sorte por esse mundo desconhecido. Eis o motivo por que a genitora de Lalage não podia concordar com esse casamento assim tão precipitado.

— Sei o que estou fazendo, dizia a jovem. Posso enfrentar as consequências do meu ato.

— Não está pensando bem, menina, retorquia sua mãe. A vida é muito mais séria do que lhe parece nessa fase de amores.

Lalage contava com a adesão paterna, e isso a encorajava muito. O velho era de opinião que se não devia deter a menina em sua vontade de casar, e argumentava:

— Querida, sua filha é muito linda, mas também teimosa. Se você lhe proíbe o casamento, ela poderá unir-se com o namorado independentemente disso, o que seria uma infelicidade para todos nós. Ela é criteriosa e honesta e estou certo de que não cometerá um erro dêsses por simples capricho, mas pelo desejo que tem de unir-se a Robert, que também é digno dela.

— Sei muito bem disso, voltava a espôsa, mas o fato é que eles não se conhecem ainda muito bem e nada mais desagradável do que uma união precipitada causando mal entendidos e discussões estérteis logo após o casamento.

Como era de esperar, Lalage venceu a resistência materna e se uniu a Robert pelos sagrados laços do matrimônio.

Foi muito breve, porém, a luz de mel. Pouco mais de um mês após a união, o jovem espôso é surpreendido com uma ordem para ir ocupar seu posto militar fora da Inglaterra. A guerra estourara na Europa e a nação entrara na luta.

Lalage não pôde acompanhá-lo. Era imprudência e, ao mesmo tempo, uma crueldade para o seu estado de futura mãe. Depois de abraços e de beijos, Robert embarca e ela fica sozinha na imensa e castigada Londres sob o fogo continuado dos bombardeios alemães.

Como não podia viver isolada, foi residir com os pais. Lalage parecia viver preocupada com um filho a nascer em plena guerra, pois, segundo todas as previsões, a luta seria longa e árdua.

Para não ficar sem ocupação, a jovem espôsa voltou a trabalhar num escritório

A PROMESSA

onde já servira anteriormente. Precisava de esquecer as consequências advindas de um casamento às vésperas da conflagração e nada mais aconselhável do que o trabalho num escritório entre outras pessoas. Passa o tempo mais depressa e aumenta a receita para as despesas de uma família em formação.

Os meses se vão escoando e surge 1940. A tensão nervosa dos londrinos é insuportável. Todas as atenções estão voltadas para o canal da Mancha, por onde, segundo se boatejava, seria invadida a Inglaterra. Lalage ficava, às vezes, rememorando seus idílios com o espôso e os diálogos repassavam pelo seu espírito com a nitidez daqueles instantes inesquecíveis. Parecia ouvir-lhe a voz:

— Quando eu estiver longe, que fará você, querida?

— Esperarei que volte...

Liam ambos e ele lhe beijava a ponta do nariz.

Ele dizia então que ia ler suas cartas sentado num tanque lá nos desertos da África, enquanto ela talvez estivesse a divertir com seus amiguinhos.

— Quanto tempo estaremos separados?

— Quem pode saber? Uns cinco anos...

— Cinco anos?

— E promete que me amará sempre, mesmo que seja este o tempo de nossa separação?

— Prometo, querido.

Os meses se passavam. Chegara o inverno terrivelmente frio e sob o terror da guerra. O mês de dezembro daquele ano trazia um Natal afligido pelos constantes bombardeios da aviação germânica. Incendios, devastação, terror por todos os lados. A mãe de Lalage andava temendo a sorte da filha, cada vez mais triste com o nascimento do filho em época assim tão cruel.

De certo tempo para cá, a jovem dera para sair à noite, sozinha. Sua mãe a interpelava constantemente:

— Que vai fazer esta tarde querida? A que horas vai regressar a casa? Não posso compreender como pode você sair à cidade enquanto a cidade é vítima de bombardeios.

Lalage procurava justificar razoavelmente. Tinha que trabalhar no escritório, fazer compras, ir a uma casa de chá. Não podia ficar permanentemente presa em casa. Isso a irritava e causava nervoso. Ia sempre ao seu clube, onde todos gostavam dela. Era um meio sério, de reputação.

Sua mãe, porém, não via com tranquilidade aquele modo de proceder da filha e, de quando em quando interferia no seu modo de agir, aconselhando e, por vezes, censurando-a.

Essas intervenções, em lugar de deterem a moça ainda mais a provocavam. Sua natureza obstinada, o estado de tédio em que vivia, a espera de um filho

cujo pai estava ausente a lutar numa guerra tremenda, os bombardeios diários de Londres, a escassez de tudo, a preocupação do povo, os boatos de invasão, tudo isso causava no espírito da jovem uma ansiedade que só faltava levá-la ao desespero e à loucura.

Dera para ir mais assiduamente ao clube, já então muito frequentado por militares de todas as armas. Naquela tarde nevava excessivamente. Fôra ao seu dentista e este ficara de ir também ao clube.

Com efeito, seu dentista a conduzia em seu carro, quando ela notou que ele estava embriagado. Lalage então se recordou dos conselhos maternos, e teve que reconhecer que, muitas vezes, as mães têm inspirações quase divinatórias em relação aos filhos, prevendo certos acidentes que seriam evitados se os filhos as ouvissem em tempo.

Chegados ao clube, o dentista a convidava para o jantar. Ela aceita, mas, era tal o seu estado de perturbação pelo álcool que ambos altercam, discutindo como se fossem casados...

Após o jantar, o dentista ficou entregue às suas libações no bar, enquanto ela ia para uma festa entre amigos. Sua beleza se sobressaía entre as demais jovens daquele meio. Seu sorriso franco e encantador, aliado aos olhos de uma vivacidade muito simpática, atraía a atenção de um oficial de marinha que não a deixava de olhar lá de seu canto.

Estava ele a tomar sua cerveja e não podia tirar os olhos da moça. Era um moço alto e elegante, com cabelos negros e de aspecto distinto. Em dado momento os olhares de Lalage se cruzam com os dele e ambos se fitam demoradamente. Estranha atração os une nesse jogo de olhares. Ele, porém, não fez qualquer gesto para atraí-la. Não sorriu intencionalmente, nem a cumprimentou com o mais leve aceno de cabeça, como se a convidasse a sentar-se à sua mesa. Parecia estar extasiado, impossibilitado de falar, como se temesse assustar aquela aparição inesperada.

Lalage desejava antes de tudo que aquele oficial tirasse a vista dela; parecia que procurava reconhecê-la ou então procurava flertar. Estava decidida a não lhe dar nenhuma chance e deixá-lo assim a bobear, quando voltou a fitá-lo, quase involuntariamente. Então teve ela a idéia de brincar com ele. Pareceu ao oficial que ela o estava correspondendo. Ergueu-se e veio até ela:

— Da-me o prazer desta dança, por favor?

Lalage sentiu uma espécie de vaidade íntima. Era o primeiro homem que a convidava naquela festa. Ergueu-se e lhe deu o braço. Ambos dançaram muito bem e o par parecia muito proporcionado e feliz.

— E' este o melhor momento de minha vida aqui — disse ele.

— Ainda não havia dançado? — Indagou ela.

Ele sorriu e respondeu:

— Acabo justamente de chegar.

Conversaram muito durante os voltos e os descansos na mesa. Ela parecia mais desafogada das preocupações, e ele como que num paraíso distante dos perigos do mar nas patrulhas marítimas da guerra.

A festa se escoava rapidamente e o tempo ia passando sem que eles percebessem. Parecia que eram velhos conhecidos, tal a cordialidade da palestra, os sorrisos, as confidências aparentemente contadas naquele encontro casual.

O idílio parecia ameno e agradável ao espírito da jovem, quando ela se lembrou do dentista a quem havia abandonado após o jantar e se assustou com a tempestade de neve que caía.

— Sinto muito interromper nossa palestra, mas tenho que correr para apagar meu ônibus que deve passar dentro de cinco minutos.

— Ora! Não seja isto a causa de sua retirada. Eu a levarei em meu carro até a sua casa — interveio o oficial com delicadeza.

— Não... muito obrigada pela gentileza.

— Não senhora. Vou levá-la no meu carro. Não vê que não poderia chegar até o ponto do ônibus com esse sapato? A neve está muito densa e a senhora não poderia dar cinco passos.

Lalage parecia confusa. Ali estava uma amizade surgida tão inesperadamente e se manifestava tão sincera e agradável que ela não sabia como prosseguir. Se devia dar tudo por findo ali mesmo, ou manter as relações como haviam aparecido.

O mais interessante era que nem seu nome o oficial desejara saber ainda. Isso parecia à moça uma circunstância curiosa e inédita em toda a sua vida de jovem cortejada pelos rapazes. Por fim ela decidiu deixar as cousas como estavam até ali e despedir-se do rapaz, sem dar-lhe mais nenhuma oportunidade.

— O senhor compreende... eu penso que não devo permitir nesse incômodo do senhor, quero dizer...

— Não seja tola, menina. Com esse tempo não lhe será possível chegar ao seu ônibus. — E pegou-lhe na mão delicada e bem feita.

— Está bem... — concordou ela diante das circunstâncias imprevistas.

Lalage, que já vinha pensando num meio de escapar daquele amigo inesperado, vendo que não tinha outro jeito se não o de aceitar seu oferecimento, encheu-se de confiança em si mesma e resolveu enfrentar o destino. Começou a mirá-lo com mais cuidado e atenção. O oficial de marinha era mais jovem do que parecia à primeira vista. Conversaram sobre isso e ele informou:

— Quando um homem é julgado muito velho para submarinos, eles, os chefes, os aproveitam para outros serviços. Assim,

eu fui requisitado para serviços de policiamento aqui mesmo por perto.

— Por onde? — Indagou ela ingenuamente.

— Já lhe disse muito... — respondeu a rir o oficial.

Quando ambos deixaram o clube no carro do jovem, Lalage pilheriou:

— Pode dizer-me aonde me leva, ou estarei sendo raptada?

— Não sei ainda. A vossa excelência é quem vai escolher. Poderíamos ir aí pelo campo e escolher uma colina, e dali admirarmos o cair da neve sob o luar. Gostaria?

A moça olhou-o de perfil.

— Deve estar horrivelmente frio num lugar desses — E repentinamente: — E' casado?

— Não.

— Eu sou.

— Já o havia percebido durante toda a nossa tarde no clube. E também notei que a senhora dedica um imenso amor ao seu esposo.

— E' verdade.

— Então sabemos o suficiente sobre nós ambos.

Naquele instante a estrada se bifurcava. Ele tornou:

— Do lado direito fica a colina de onde poderemos admirar o plenilúnio iluminando a neve; deste outro, está a estrada que leva à sua casa. Que caminho deseja seguir?

A moça meditou um instante. Ir para casa era desprezar uns momentos de boa e agradável companhia, além de ouvir as advertências maternas: "onde esteve este tempo todo?" "Que fez?" e por essa teada a fora. Ali estava um jovem de aparência distinta e de elevada educação. Então respondeu:

— A direita...

Ao pronunciar essa palavra parecia-lhe que havia cometido uma imprudência. Assustou-se consigo mesma. Porém, não recuou. Também não o olhou para ver como recebera sua decisão. O carro prosseguiu e ela arriscou uma frase banal olhando a paisagem pelo vidro do seu lado:

— Como é belo! Não acha?

Meia hora depois o auto estava parado ao cimo de uma colina. Ele então cihou o panorama e repetiu:

— E' belo, não é? — E fez um gesto de enlaçá-la.

— Acho muito bonito, mas ainda digo também: não.

— Está bem, minha lindeza. Sou um cidadão atrevido, mas não engano nunca.

— Oh! querido, espero que compreenda...

Nesse momento ele lhe toma das mãos e beija a ponta dos dedos. Em seguida ela pede que a leve até sua casa. O carro volta à estrada e ele pergunta:

— Qual o seu nome, queridinha?

— Lalage.

— Só isso?

— Não. E qual é o seu?

— Stephen Trey. Tem telefone?

— Sim, mas não me telefone lá para casa. Mamãe...

— Eu sei. E' a velha história das jovens sob a vigilância dos pais. — E mudou de conversa: — A festinha lá no clube esteve boa, não foi mesmo?

Lalage apertou-lhe suavemente o braço.

— Julgo que é você o mais encantador dos homens a quem encontrei até agora...

— Mas será mesmo que você ainda não me havia visto antes?

— Se o visse com certeza teria procurado estabelecer conhecimento... Seria atraída por você, em qualquer tempo.

— Bem... e seremos ambos lançados à neve se você continuar a acariciar-me o braço com que vou guiando este carro.

— respondeu ele pilheriando.

— Ingrato...

Durante os três dias que se seguiram àquele idílio, Lalage esteve muito temerosa de que Stephen lhe telefonasse. Também poderia encontrá-la no clube, ou mesmo vir fazer-lhe uma visita em casa. O silêncio do oficial começou a parecer ao julgamento da moça que ele desejara apenas passar uma tarde alegre em sua companhia, e não pretender prosseguir alimentando uma amizade que poderia acabar em amor apaixonado. Além disso seria desagradável que a mãe de Lalage suspeitasse de alguma coisa.

Ela havia ido na quinzena que precedeu ao encontro com ele, apenas qua-

tro vêzes ao clube, e de lá voltava para casa em companhia de amigos. Agora, porém, não achava mais graça no clube. Contudo, estava meio contente com essa interrupção de amizade perante Stephen. Muito pensara nêlo a ponto de até sonhar com o novo amigo; mas, intimamente parecia preferir o esquecimento, embora se sentisse paradoxalmente desapontada.

Mas ambos estavam inclinados um para o outro e novamente se avistaram. Trocaram pensamentos e ela disse:

— Eu não devo ser visto com você, Stephen, embora possamos encontrar-nos. Mas onde?

— Tratarei disso — respondeu ele. Deixo meu carro em ótimo recanto de rua deserta, às seis horas... de que dia, querida?

Foram dançar e, muito ligados, não paravam de trocar confidências.

— Você, Stephen, parece muito hábil em organizar conspiratas.

— Mas isto não é nenhuma conspiração. E' um sonho de fadas! Em nada alterará seus afazeres diários.

Ambos estavam seriamente apaixonados. Lalage pensava mesmo em contar ao esposo o que se estava passando entre ela e Stephen e promover o divórcio no momento preciso. Mas era preciso guardar as conveniências e não deixar que os acontecimentos se precipitassem. Ela pediu a Stephen que lhe promettesse respeitá-la e continuaram assim nesse idílio até o momento definitivo. E ele prometeu. Não a importunaria nem provocaria qualquer escândalo junto à sua família ou conhecidos. Não passaria aos olhos da sociedade se não como um dos muitos admiradores e amigos de Lalage, podendo mesmo ser apresentado por ela a Robert sem despertar suspeitas. O trabalho no escritório ajudava os encontros de ambos sem maiores explicações dela em casa. Sentia-se muito feliz quando saíam juntos para refeições ou passeios. Não havia problemas sérios a resolver. Não se falava em dinheiro, nem de família, nem de guerra, nem de maiores responsabilidades. Lalage estava contentíssima e, intimamente, também decidida a não interromper sua amizade com ele, mesmo quando o esposo chegasse.

— Mas isso é impossível, querida — dizia-lhe Stephen. — Nenhum marido concordaria com um caso desses. Certamente sentiria ciúmes e o seu coração se despedaçaria.

Já fazia meses que esse doce enlêvo durava, até que Stephen teve que ir-se tão subitamente como aparecera. Ela recebeu a notícia de que ele tinha necessidade de voltar ao mar.

Na última noite em que estiveram juntos, ele lhe dissera, entregando-lhe um endereço:

— Qualquer carta para esta indicação me chegará às mãos, cedo ou tarde. Se algum dia precisar de mim, ou julgar que lhe posso ser útil, ou ajudá-la em alguma coisa, escreva-me.

— Espero não precisar escrever-lhe nunca — disse ela. — Passei todo este tempo num céu. Agora vou recolocar esse "livro" de contos de fadas na prateleira. Tudo não passou de um sonho.

Epararam-se. Lalage não podia conformar-se com a ausência do amigo e um dia lhe escreveu poucas linhas. "Não quero nada, meu amigo, mas apenas um conselho leal".

Onde estaria Stephen? Tê-la-ia esquecido já? Teria morrido em ação na guerra?

Pouco tempo depois veio a resposta: um convite de Stephen para almoçarem juntos. Ele voltava a Londres.

Novas confidências, novos embaraços no caminho. Os desejos recíprocos eram desfeitos pelo temor em que estavam de causar a Robert um desgosto profundo. Stephen era livre, não havendo nenhuma dificuldade ou sacrifício em unir-se legalmente a Lalage; mas... e ela? E seu esposo? E o filho?

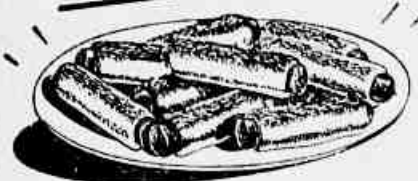
Escolheram o caminho mais aconselhável. Manteriam uma amizade fraternal e ela continuaria a ser mulher de Robert.

Quando seu esposo regressou ao lar, já era pai. A guerra continuava fragorosa, mas, pelos serviços prestados, foi Robert beneficiado com uma licença muito longa. Voltou para os braços de sua esposa, que o recebeu com muita alegria.

(Continua na pág. 51)



ROLINHOS com SALCHICHAS



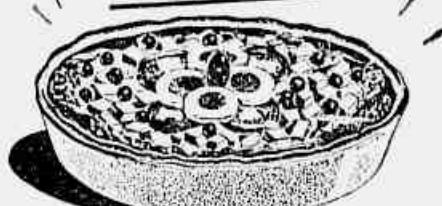
Peneire juntos farinha, fermento e sal. Abra uma cova na farinha para deitar a gema, manteiga e água. Misture e ligue tudo à farinha. Não trabalhe muito a massa. Estenda-a com o rôlo, corte em quadrinhos de 7 x 7, coloque no meio um pedaço de salchicha e enrole, apertando as pontas. Pincele com gema desmanchada numa colher de sopa de leite e leve ao forno.

FRITURA de CARNE e PRESUNTO



Prepare a mesma massa, estenda-a com o rôlo, corte-a em quadrados de 10 x 10, espalhe por cima um guizado de carne, presunto e azeitonas sem caroço. Note bem: deixe na massa uma pontinha sem recheio, para quando enrolar a mesma este não sair. Enrole em seguida, apertando bem as pontas. Frite em gordura quente, porém não quente demais para que os rolinhos não se queimem.

TORTA de PRESUNTO e LEGUMES



Forre a fôrma de torta com a mesma massa, fure-a bem com um garfo e leve ao forno. À parte doure ½ colher de manteiga, 1 de farinha e uma pitada de sal. Adicione aos poucos 1 copo de leite e faça um creme adicionando ao mesmo 2 gemas. Fora do fogo, junte presunto picado, legumes cozidos e 2 colheres de queijo ralado. Enfeite a torta com rodela de ovo cozido.

1 xíc. farinha — 1 colh. (chá) Royal — ½ colh. (chá) sal — 1 gema
— 1 colh. (sopa) rasa manteiga — 2 colhs. (sopa) água fria.

RECEITA BÁSICA

"Veja o que eu fiz
com a
MESMA MASSA..."

É ECONÔMICO e FÁCIL de variar com ROYAL!

FUJA AO TRIVIAL!

A senhora não é obrigada a fazer sempre a mesma coisa, porque não encontra ou não pode comprar mantimentos variados. Com os ingredientes de sempre e a ajuda preciosa do Fermento em pó Royal, poderá melhorar muito sua mesa... torná-la mais apetitosa e tentadora, de maior valor nutritivo... e sem aumentar a despesa!

A senhora não faz idéia do número infindável de maravilhosos pratos e bolos que poderá fazer com o auxílio do Fermento em pó Royal!



Escreva para a Caixa Postal 3215 pedindo o Livro de Receitas Royal. Ele lhe ensinará como fazer centenas de pratos deliciosos com os ingredientes de todos os dias... e sem aumento de despesa!

FAÇA UM SEGURO CONTRA A PERDA DE SUAS RECEITAS!

O ingrediente mais econômico em qualquer receita é o Fermento em pó Royal. No entanto é uma garantia contra fracassos, salvando assim todos os ingredientes mais caros!

Produto da Standard Brands of Brazil, Inc.
Rio de Janeiro

AVENTURAS DE DON JUAN

(Continuação da pag. 17)

Foi para uma Madrid triste e melancólica que D. Juan e Leporello voltaram. Um ambiente pesado de tirania e opressão dominava a cidade. Quando, por fim, desmontaram seus cavalos em frente a uma estalagem, nos arredores da capital, o hoteleiro que os recebeu sorridente, informou-lhes que acabavam de chegar à melhor estalagem de toda Espanha! "Deve ser mesmo — ajuntou — pois as poucas que ainda existem estão quase a fechar as portas — não podem aguentar os tremendos impostos que aumentam dia a dia..."

Os dois recém-chegados tinham apenas iniciado a refeição que lhes estava sendo servida pela mulher do hoteleiro, auxiliado pelo filho mais velho, Estevam, quando irrompe na sala um grupo de seis soldados comandados por um sargento del Rey.

— Uma proclamação! — trovejou à guisa de saudação; em seguida, desenrolando um papel: — "De ordem do Primeiro Ministro, o Duque de Lorka, estão convocados todos os homens válidos dessa região para serem incorporados, como voluntários, às fileiras da Marinha espanhola. O estalajadeiro e seu filho Estevam ficaram estarelecidos. "Qualquer voluntário..." ia começando a perguntar. Mas o sargento o interrompeu:

— Vocês são ambos voluntários. — e ordenou a seus comandados: — "Levem-nos!"

— Mas... nós somos homens livres... não podem fazer isso... protestou o pobre homem. Como resposta, o sargento vibrou-lhe violenta bofetada.

Aí então, D. Juan e Leporello erguem-se rapidamente da mesa, desembainham suas espadas e o embate tem início. Em poucos segundos, o sargento, deixando cair a espada — num golpe magistral de D. Juan — é obrigado a pôr fim à luta, ordenando a retirada de seus soldados. Depois de sua saída, o hoteleiro, gritando de alegria, corre em busca de sua mulher que se refugiara nos fundos: "Aqueles bandidos nos queriam levar — a mim e a Estevam. Devemos nossa vida a esses dois cavalheiros". Ao conhecerem a identidade de D. Juan, a excitação domina a todos: "Conte-nos suas aventuras! Que novidades traz?"

— Eu é que desejo saber das novidades daqui — respondeu-lhes D. Juan. — o que se passa na Corte? Conte-me tudo a respeito do novo Rei e da Rainha.

Um pesado silêncio desceu sobre a sala. O estalajadeiro falava cautelosamente: "A Rainha trabalha pelo bem-estar de Espanha; o Rei, entretanto, não se preocupa tanto com isso..."

posando — num dos luxuosos salões de seu Palácio — para um jovem pintor. O rosto que Velasquez estava immortalizando na tela, era delicado, de traços harmoniosos e extremamente simpático; talvez o mais simpático dentre todos os jovens monarcas da época.

Mas, nenhuma tela poderia jamais reproduzir a pusilanimidade que avassalava seu espírito e o fazia um joguete nas mãos inescrupulosas de seu Primeiro Ministro. Sentado junto ao monarca, estava Sebastian — um anãozinho — que era o hóbo do Rei.

Um laçao estava anunciando:

— O Duque de Lorka deseja uma audiência privativa com Sua Majestade.

Precedido de Rodrigo, seu braço direito, homem cruel e vingativo, o Duque de Lorka deu entrada no salão e se dirigiu diretamente ao Rei. Lorka era alto, homem maduro, de longa experiência, porte altivo e elegante e ágil como sóem ser os espadachins de fibra. Era ele quem puchava os cordões e manobrava a seu bel prazer o Rei Felipe III. Quando Felipe dispensou Velasquez e fez um sinal para Estevam, este, antes de sair, curvou-se um pouco sobre os ombros de Sua Magestade, e segredou-lhe bastante alto para que os demais pudessem ouvi-lo: "Señor, convém pedir a Velasquez para mostrar-lhe o quadro depois de pronto; pois o Duque de Lorka, não tendo posado juntamente com Vossa Magestade é bem possível que procure um jeito de retificar essa lamentável falha sua..."

A mão de Rodrigo baixou incontinenti à altura da espada. O olhar de Lorka era perigoso, no entanto, Sebastian fez rápida medida e se retirou todo lépido.

A voz do Duque de Lorka, quando começou a falar, tinha uma estranha cadência. Falava, como se calculando o efeito de cada palavra, no espírito vacilante de Felipe.

Informações confidenciais e de fonte fidedignas — dizia — tinham chegado ao seu conhecimento de que a Inglaterra havia recusado assinar o compromisso de paz, oferecido pela Espanha, sob fundamento de que a entender ao Rei, o caráter insultuoso dessa recusa. De carecia de provas para se certificar da boa intensão dos que dirigiam os destinos de Espanha. O Duque dava tal ordem era esse insulto, que merecia apenas uma resposta: — acelerar os preparativos para a guerra!

Naquele momento, entretanto, não havia no Tesouro espanhol fundos suficientes para custear um empreendimento de tal vulto. Mas — lembrou o Duque — o que havia era uma maneira de obtê-lo! Bastava que o Rei assinasse uma ordem destituindo das funções de Embaixador junto à Inglaterra — D. José de Polan. Sim, porque D. José — autorizado por um documento que Felipe assinara há tempos, por sugestão da Rainha — era o Governador Geral de todos os negócios da Espanha com suas colônias do Novo Mundo; cuja renda fabulosa era empregada, exclusivamente, no incremento de seu comércio exterior. Com a destituição do Conde de Polan, toda aquela fortuna reverteria em favor da Coroa — o que daria, de sobra, para fazer da Marinha Espanhola a maior do Mundo! A Rainha era amiga leal e devotada de D. José. Lorka sabia disso. E assim, apresentava uma solução para contornar essa dificuldade. A Rainha Margarida só viria a saber do caso, quando tudo estivesse concluído. Ai, então, quando todos os preparativos estivessem terminados, a Rainha muito pouco poderia influir — porque a Espanha já estaria em condições de conquistar o mundo! Felipe seria proclamado Imperador — de um Império ainda maior que o de Carlomagno!

★

Como o Duque de Lorka havia previsto, Felipe III não opôs nenhum obstáculo aos seus planos, e docilmente assinava a ordem que iria destituir das funções de Embaixador na Inglaterra o Conde de Polan. Quase que a seguir, um pagem anuncia a chegada da Rainha Margarida. Felipe enrolou, nervosamente, o documento que acabava de assinar, procurando escondê-lo dos olhos da Rainha.

— Inúmeras são as audiências para hoje, Majestade. Os convidados aí estão esperando.

— Você ainda não fez nenhum comentário sobre o quadro de Velasquez — disse-lhe Felipe, queixoso. Ao que a Rainha respondeu que não estava mal.

— Mandarei fazer um cópia para você. E Margarida, relanceando sobre o documento que estava em mãos de Felipe: "O que você deveria era tirar cópia de alguns segredos que esconde de mim, querido..."

E Felipe, imediatamente: — "Nós não temos segredos... Temos Lorka?"

— Nossa política — e a sua voz era suave — é um grande livro aberto... — respondeu o Duque.

...escrito pelo Primeiro Ministro — terminou a Rainha — cuja antipatia pelo Duque vinha se acentuando dia a dia — e dedicado exclusivamente à guerra...

Os convidados estão esperando — ajuntou Felipe apressadamente. Nós nos encontraremos no salão de Recepções.

Procurando mostrar toda afabilidade possível, o Duque de Lorka, numa reverência exagerada foi abrir a porta para a Rainha.

Do outro lado da porta estava D. Juan que acabava de chegar.

Um murmúrio de excitação passou pelos que se encontravam presentes, principalmente entre as jovens

Naquele mesmo momento o Rei Felipe III estava

(Continua na pag. 52)

A PROMESSA

(Continuação da pág. 49)

No ano seguinte a guerra terminava. Stephen se afastara definitivamente da vida de Lalage e, por sua vez, ela nunca dissera ao marido ou à sua mãe, a amizade surgida entre os dois.

Encarava o fato como um episódio em sua vida. Por vezes Stephen sugerira uma fuga para longe, onde pudessem viver tranquilos, sem maiores explicações ao mundo; mas a jovem não concordara com essa solução. O real, o aceitável seria uma exposição ao esposo e organizarem a vida legalmente; mas... sentia Lalage que amava apaixonadamente a Robert, do qual não podia separar-se assim!

Certa tarde ia o casal pelas ruas da capital, quando Robert a convidou:

— Vamos almoçar?

— Ótimo. Estou com muito apetite.

Ao entrarem no restaurante, a primeira pessoa que ela viu foi Stephen. Lalage não pôde evitar um ligeiro estremecimento o qual foi percebido pelo esposo.

— Que tem?

— Nada... ia escorregando e me firmei.

Ao passarem pelo oficial de marinha, ela não se conteve e, parando, o apresentou ao marido:

— Robert... apresento-lhe Stephen Trey, uma de minhas amigas durante sua ausência.

Os dois se cumprimentaram. Nesse momento vê Lalage que Stephen estava acompanhado de uma elegante e bela senhorita que exibía uma aliança de noivado.

Não sabe por que motivo, mas a esposa de Robert sentiu uma espécie de alívio íntimo. Só assim estaria tudo acabado entre eles e ela completamente liberta daquela persistente idéia de separar-se do esposo. Stephen era noivo. Lalage olhou-a e lhe foi apresentada:

— Miss Nikolides, e Lalage Foster, minha querida — disse Stephen com um pouco de perturbação.

Robert também parecia meio confuso. Para acabar com os embargos recíprocos, indissimulados, Stephen convidou:

— Aceitam um aperitivo conosco?

Foi Robert quem respondeu, antes de dar tempo a que a esposa falasse:

— Muito grato, mas já temos mesa reservada e estamos atrasados.

Quando o casal se afastou, a jovem que ia pelo braço de Stephen o interrogou intrigada:

— Que história é essa de me apresentar com o nome de grega? Sua amiguinha não me olhou amavelmente, e vi em seus olhos qualquer coisa íntima entre vocês, meu caro irmão.

— Não procure saber de nada, meu bem. Trata-se de um história que precisa acabar em paz e muito feliz, sem esmagar o coração de ninguém.

E foram tomar seus "drinks".

A VIDA DE EINSTEIN

(Continuação da pág. 47)

ciências científicas da Europa, ou que o notável matemático Poincaré o saudara como o "vencedor de Newton", ou que o eminente físico Lorentz reconheceria nele um dos maiores cientistas da história. Era-lhe indiferente que as famosas universidades de Utrecht e Leyden lhe tivessem oferecido cadeiras de professor. Einstein evocava com saudade os velhos dias em que trabalhara sob as ordens do dr. Halle — um pósto em que pudera encontrar tempo e sossego para realizar as suas pesquisas sem alarde, sem ostentação, sem banquetes.

Aceitou finalmente o pósto de professor ordinário na Universidade de Berlim. Pois era preciso manter sua família. Durante as caminhadas pelas ruas da capital prussiana, continuava a edificar a teoria da relatividade. Suas primeiras especulações tinham levado a grande número de conclusões interessantes. Mas haviam levantado um número igualmente grande de novos problemas. Apoderara-se dele uma "curiosidade demoníaca" de procurar o último esconderijo da verdade — a cadência íntima do movimento das estrelas na sinfonia do tempo e do espaço. Cada vez mais, nos seus momentos de repouso, recorria ao violino e improvisava novos temas que

lhe davam asas ao pensamento especulativo.

Mas esses pensamentos sofreram uma interrupção repentina. A Europa entrara em guerra (1914). A alma sensível de Einstein se confrangeu. "Esta guerra é um crime selvagem e perverso. Eu preferia ser cortado em pedaços a tomar parte em tão abominável ação".

Mas poucas pessoas lhe deram ouvidos. O pensamento criador de nada valia num mundo entregue à tarefa da destruição. Era tudo uma questão de valores relativos...

Durante o conflito, Einstein viveu num cosmos à parte, um universo de sua própria criação. Encerrando-se numa mesquinha água-furtada, longe dos outros quartos de uma casa de apartamentos de Berlim, dedicava-se a verificar e desenvolver a sua teoria da relatividade. O mais insignificante episódio doméstico bastava para imprimir-lhe às meditações um rumo portentoso. Certa vez subiu uma escada para mudar a posição de um quadro na parede. Mas, distraído, esqueceu a ocupação a que se entregava no momento, pisou em falso e despencou-se no chão. Quando se pôs em pé, entrou a inquirir as causas do acidente. A queda da escada no sótão da casa de Einstein desempenhou na história da ciência papel não menos importante que a queda da maçã no jardim de Newton. Pois levou Einstein a empreender a análise crítica da teoria da gravitação.

Mas uma vez, como na análise do movimento, do espaço e do tempo, chegou a conclusões surpreendentes. Os físicos — declarou — andavam fundamentalmente errados na sua crença de que os objetos caíam, no sentido de serem puxados para baixo na direção de um centro de gravitação. Cientificamente falando, nenhum objeto é puxado para baixo. Na realidade, não existe "embaixo" — nem "em cima" — no universo. "O movimento de um corpo se deve unicamente à tendência da matéria para seguir o caminho de menor resistência". Os corpos, nas suas perambulações pelo espaço, escolhem os caminhos mais fáceis e evitam os mais difíceis. Não há mais motivo para admitir a existência de uma força de gravitação absoluta, do que para admitir a existência de um tempo absoluto. Assim como existem sistemas locais de tempo, do mesmo modo existem campos de gravitação locais. Mas esses campos não são dotados de nenhuma força ou atração misteriosa. Toda massa — como o sol, por exemplo — cria em seu centro uma curvatura ou "deformação" do espaço vizinho, formando uma "colina". E as massas que se encontram nas proximidades da colina — como a terra e os outros planetas do sistema solar — movem-se em torno das suas ladeiras pela simples razão de ser esse o modo mais fácil de se moverem. Einstein provou essa teoria da "curvatura" do espaço por meio de uma série de fórmulas matemáticas. O ponto principal da teoria é este: a distância mais curta entre dois pontos não é uma linha reta, mas uma linha curva, pois que o universo consiste em uma série de colinas curvas, e todos os corpos do universo caminham em redor das ladeiras curvas dessas colinas. Na verdade, não existe movimento em linha reta em nosso universo. Um raio de luz, que viaja de uma estrela remota em direção à terra, é desviado ao passar pela ladeira do espaço que rodeia o sol. Einstein calculou matematicamente o ângulo exato desse desvio.

E o seu cálculo se revelou correto. No eclipse de 1919, os observatórios de Cambridge e Greenwich, cada um trabalhando independentemente, organizaram expedições de astrônomos para fotografar a direção da luz das estrelas durante o eclipse. Ambos os grupos averiguaram que as fotografias tomadas confirmavam a predição de Einstein, quase até a fração decimal que ele determinara por meio de suas fórmulas matemáticas. O raio de luz realmente se curvava pela maneira e segundo o ângulo descritos nos cálculos de Einstein. Nascera no espírito do homem uma nova concepção do universo.

Quando Einstein recebeu as fotografias tiradas pelos astrônomos, examinou-as com uma cintilação irônica nos olhos. "Agora que se demonstrou a exatidão da minha teoria da relatividade", comentou, com uma risadinha, "a Alemanha vai proclamar que eu sou alemão, e a França vai dizer que sou um cidadão do mundo. Se se provasse a falsidade da minha teoria, a Fran-

(Continua na pág. 58)



EXPOSIÇÃO DE MÚSICA BRASILEIRA

UMA INICIATIVA DA SRA. JOANÍDIA SODRÉ ★ MÚSICA ERUDITA E FOLCLÓRICA ★ CONCERTOS SINFÔNICOS EM 1949 ★ LAMBERTO BALDI E UMA OPINIÃO DE VILLA LOBOS ★ OS NOVOS COMPOSITORES URUGUAIOS E ARGENTINOS

De ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

A sra. Joanidia Sodré vem dirigindo com dedicação, operosidade e eficiência a Escola Nacional de Música. Essa ilustre professora tem procurado criar oportunidades para a divulgação da música, especialmente a brasileira, oferecendo ao público uma série de magníficos concertos.

Registramos, agora, mais uma louvável iniciativa dessa eminente professora. A Escola Nacional de Música promoverá, por sugestão dela, aprovada pelo Conselho Departamental do estabelecimento, uma exposição de música erudita e folclórica de compositores brasileiros.

Assim, até 28 de fevereiro serão aceitas obras para figurarem na exposição que será inaugurada a 2 de abril e encerrada a 30 do mesmo mês.

Pretendem os organizadores determinar a audição de discos ou a execução das obras expostas, em colaboração com os autores, que escolherão os intérpretes e se responsabilizarão pelos concertos, assim oferecidos aos visitantes.

A exposição funcionará das 12 às 19 horas, nos dias úteis, com entrada franca.

A comissão organizadora ficou assim constituída: sras. Joanidia Sodré, Henriqueta Rosa Fernandes Braga, Virginia Salgado Fluzza, Elza Barroso Murinho e os srs. Orlando Frederico, Alberto Lazzoli, Antônio A. Silva, J. Otaviano, Domingos Raimundo, Djalma Lopes Guimarães, Carlos de Almeida, além do estudante Hélio Benevides Soares, presidente do Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Música.

ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA

A parte sinfônica da temporada de 1949 promete ser bastante movimentada. Não somente a Orquestra do Teatro Municipal será reorganizada para uma série de concertos sob a regência de Arthur Rodzinski, segundo se anuncia, como também teremos uma nova sociedade, dirigida pelo maestro Siqueira, cujos planos incluem recitais de inúmeros solistas de valor, divulgação de páginas sinfônicas nacionais, além de dois conjuntos, um com sede no Rio, outro em S. Paulo.

A Orquestra Sinfônica Brasileira, por sua vez, não abandonou a luta pela sobrevivência, depois da crise que a abalou, o ano passado, chegando, quase, a determinar o seu fechamento e dissolução.

LAMBERTO BALDI

A O. S. B., aliás, já informou aos seus sócios que, em março próximo, iniciará suas atividades, apresentando o maestro Lamberto Baldi, especialmente contratado. Esse regente, que nasceu na Itália, estudando em Florença, dirigiu várias orquestras na Itália, na Espanha e em Portugal.

Atualmente divide seu tempo, viajando, frequentemente, de Montevideu para Buenos Aires, pois é diretor da Orquestra Municipal de Buenos Aires e principal regente da Orquestra Sinfônica "Sodré" de Montevideu.

Além disso, Lamberto Baldi é, também, compositor, tendo experimentado todos os gêneros: ópera, sinfonia, música de câmara.

Como palavras de recomendação, que justificam uma expectativa favorável, a Orquestra Sinfônica Brasileira tem divulgado uma impressão de Vila Lobos sobre a competência e a sensibilidade artística de Lamberto Baldi.

Disse Vila Lobos: "Considero Lamberto Baldi um dos regentes de orquestra mais eficientes e esclarecidos, não só pela sua incontestável competência técnica, como pelo gosto apurado na escolha dos programas."

Assim, temos o direito de esperar uma série de concertos valiosos, não somente pela segurança de Lamberto Baldi, na direção da orquestra, como pela composição dos programas. Esperamos que eles nos tragam algumas das mais recentes produções dos modernos compositores uruguaio e argentinos, quase desconhecidos entre nós. Dessa forma, a passagem pelo Brasil do maestro Baldi ficaria caracterizada tanto pela provável qualidade de suas interpretações, como pela obra de divulgação da música de países vizinhos, num trabalho espontâneo e inspirado de aproximação entre os povos do continente. O seu conhecimento da obra de uruguaio e argentinos permitirá, ainda, que faça uma escolha acertada de algumas das páginas mais representativas, que os cariocas certamente acolherão com a maior simpatia.

"BRASIL MUSICAL"

Assinalamos, com satisfação, o aparecimento de mais um número de "Brasil Musical", que nos foi remetido pelo seu diretor, sr. João Batista. Ele vem prestando relevantes e desinteressados serviços à arte, com a sua publicação, sempre de aspecto atraente e encerrando matéria variada, com ilustrações cuidadosamente selecionadas.



VILA LOBOS

Pasta Dentifrícia S.S. WHITE

O DENTIFRÍCIO INDICADO
PARA HIGIENE E
CONSERVAÇÃO DOS DENTES

As aventuras de D. Juan

(Continuação da pag. 50)

damas da Corte. D. Juan adiantou-se e se pôs de joelhos frente à sua Rainha. Margarida fez um sinal mandando que se fizesse silêncio, ao mesmo tempo que se dirigia a D. Juan ordenando-lhe que se erguesse.

Provavelmente em toda sua vida de aventuras aquela era a primeira vez que uma mulher lhe dirigia um olhar tão frio, e que uma voz feminina lhe falasse com tamanha despreocupação e nenhum interesse em sua pessoa. "Señor — começou a Rainha — voltaste para completa desgraça nossa; desgraça para vós mesmo e para vosso país. Não mereceis crédito da Coroa espanhola nem de nossa bandeira. Porém, nosso Embaixador me pediu que intercedesse por vós. E ele, em sua carta, fala de sua fé em vós regenerado".

D. Juan, com toda a polidez, interrompeu, para dizer: — Devotarei toda minha existência, daqui por diante, para justificar a fé que o Conde de Polan deposita na minha regeneração e para ganhar a confiança de Vossa Majestade!

A atitude da Rainha, todavia, não mudou.

— A confiança se adquire pelos atos que se pratica e nunca por palavras que se profere.

Nesse instante, entra o Rei seguido do Duque de Lorka. A Rainha faz as apresentações.

— Sua Majestade; este é D. Juan!

Felipe III olhou-o por algum tempo com interesse. Mas Lorka gracejou:

— Diga-me, D. Juan, quantos homens pagou para espalhar esses boatos a respeito de suas conquistas?

— Nenhum, Señor — disse D. Juan, com urbanidade. — As mulheres fizeram isso para mim... de graça, absolutamente de graça. — E juntou mordaz: — Alguns homens preferem conquistar mulheres a conquistar Nações... senhor Duque.

Os olhos do Duque de Lorka se apertaram. Mas a Rainha não demonstrou nenhuma surpresa.

— D. José pediu-me para conseguir uma ocupação útil para vós; para que espécie de trabalho tendes qualidades, D. Juan?

— Sou um bom espadachim... talvez pudesse chefear

alguns desses bandos de celerados que andam pela Espanha arregimentando gente para a guerra...

A Rainha olhou-o pasma de assombro. E Lorka gritou furioso:

— Isso é uma vil traição!

Não havia nenhuma traição nisso, apenas verdades...

— corrigiu D. Juan. E descreveu, com abundância de detalhes, a cena que teve oportunidade de assistir na estalagem. O Duque de Lorka riu-se contra-feito e alegando importante trabalho a executar, deixou o salão. O Rei, pretextando um encontro com Velasquez, acompanhou-o.

D. Juan dirigiu-se à Rainha, falando-lhe com toda sinceridade. Contou-lhe pormenores do incidente.

— Sinto-me profundamente chocada com tudo isso que acaba de me contar... Mandarei fazer uma investigação a respeito.

Logo depois, entretanto, a Rainha voltou a mostrar-se reservada, verberando o procedimento de D. Juan, quando de sua estadia em Londres.

D. Juan mostrava-se contrito.

— Minha espada está inteiramente ao vosso inteiro dispor, Majestade!

— A espada! Sempre a espada! Nunca experimentastes praticar boas ações sem ser preciso usá-las, para isso?

Ficou por longo tempo pensativo e em seguida acrescentou: — "Muito bem. Pode conservar sua espada. Sereis nomeado instrutor da Academia Real. Essa é a minha primeira ordem".

★

D. Juan não pode saber em que momento exatamente havia ficado apaixonado por Margarida. O certo é que assim se sentia. Talvez tudo tivesse acontecido instantaneamente — pensou. Mas que a coisa havia acontecido — era uma verdade.

Durante toda sua atribulada existência ele havia brincado com o Amor. Jurando eterno amor, nas noites de lua, a centenas de mulheres, para no dia seguinte, à luz do sol esquecê-las por completo. E agora, ironicamente, ele sentia necessidade de repetir o juramento — mas desta vez, era mesmo um juramento — de verdade!

Mas os dias se sucederam, e D. Juan mantinha sempre uma conduta digna na Academia, e nenhum escândalo ou murmúrio malicioso circulou mais a respeito, desde a época de sua chegada a Madrid.

— E' de meu dever e obrigação escrever a D. José e informar-lhe de como você está mudado, realmente — disse-lhe um dia a Rainha. — e acredito que ele ficará satisfeito com isso, assim como eu também estou.

— Tem recebido notícias de D. José?

Quando a Rainha lhe contou que há muito tempo o Conde de Polan deixara de escrever, uma sombra de apreensão passou pela face de D. Juan.

"Nem eu tão pouco sei notícias dele. E é estranho que isso esteja acontecendo".

★

D. Juan ansiava pelo momento de poder dizer a Margarida tudo o que lhe ia na alma. Pelo momento em que pudesse fazê-la sentir a chama ardente de seu coração agora apaixonado loucamente. Dia chegou, em que se ofereceu oportunidade para declarar seu amor. E foi quando o Duque de Lorka, despeitado com o sucesso e prestígio que D. Juan vinha obtendo na Academia, comunicou-lhe a intenção de transferi-lo para instrutor de recrutas da Marinha espanhola. Era uma missão que D. Juan recusou, formalmente. E com isso fez um perigoso inimigo na Corte.

No mesmo dia, Sebastian — o anãozinho — informou-lhe que Sua Majestade a Rainha desejava falar-lhe, urgentemente.

D. Juan, quando foi levado à presença de Margarida, contou-lhe a recusa que fizera, naquela manhã.

— Já sabia dos planos do Duque. Sebastian contou-me, ontem à noite. Detesto essas intrigas, mas Lorka tem também seus próprios espíões, que são numerosos aqui na Corte... por isso, vejo-me forçada a recorrer aos métodos por ele usados.

A Rainha mostrou-se apreensiva, recomendando-lhe a máxima precaução para o Duque.

— Você deve abandonar de vez essa vida de incerteza e inconstância que é o seu apanágio.

A que ele protestou veementemente.

De alguns dias para cá — acrescentou — havia uma imagem de mulher que o perseguia em sonhos, sua imaginação vivia febrilmente impressionada com semelhante criatura, a qual ele se recusava a crê-la como verdadeira. Teria sido talvez um delírio estranho. Contudo, naquele momento ele tinha certeza de sua existência. A mulher de seus sonhos ali estava.

Por breve momento, D. Juan, pôde sentir que o coração de Margarida pulsou forte. Todavia, sua voz era normal, quando o interrompeu

— E' muito provável que tenha encontrado um exemplar extraordinário entre as mulheres...

— Quem sabe se foi entre Rainhas...

Por um momento seu coração quase parou de bater. Margarida voltou-se surpresa, e encarou-o com seriedade. Seus olhos se apertaram firmemente, sua voz era repassada de cólera reprimida, quando o advertiu:

— Talvez tenha se esquecido, Señor, de que está se dirigindo a uma Rainha. Equivoquei-me, evidentemente, ao pensar que lealdade e amizade, comuns aos demais mortais — não passasse de simples pretexto quando desfrutadas por criaturas como o Senhor; para serem utilizadas em suas conquistas.

A Rainha despachou-o, com visível impaciência.

— Pode se retirar, Señor.

— Sim, Majestade.

A dignidade de D. Juan foi cruelmente atingida. Voltou para sua função na Academia Real, e quando Elena, jovem atraente, irmã de um de seus alunos, convidou-o para um passeio ao luar, seu ressentimento estava aparentemente esquecido.

"Por que não?"

★

Elena que se encontrava em seus braços, num banco do jardim informou-lhe, num queixume desesperado,

— Casar-me-ei amanhã. Não desejo de modo algum casar com o Conde D'Orsini. Mas, foi a Rainha Margarida, quem arranhou esse casamento...

D. Juan despreendeu-se abruptamente de seus braços.

— O que? A Rainha arranhou...

— Um momento, Señor.

O Conde D'Orsini ali estava à luz do luar.

— En guarda!

O Conde era um bom espadachim, mas isso não preocupava, absolutamente D. Juan, e sim o que D'Orsini estava dizendo, naquele sotaque particular. "A Rainha irá saber desse escândalo"...

Aquela frase ele já a tinha ouvido uma vez...

★

Sebastian, de fato, relatara, com detalhes o incidente. O Duque de Lorka e o Rei, aproveitaram o episódio para justificar o banimento de D. Juan. A sua única esperança de salvação era fugir, rapidamente.

Entretanto, Margarida havia mudado muito desde o dia em que D. Juan havia se declarado. Seu coração pulsou forte e sua voz traía sua emoção ao se despedir de D. Juan, num encontro fortuito.

— Já mais estarei tranqüila sabendo-o perseguido, afirmou-lhe.

— Até à vista! — despediu-se D. Juan.

★

Conseguindo burlar a vigilância dos homens de Lorka, D. Juan encontrou Leporello na mesma estalagem onde estiveram no dia de sua chegada a Madrid. Todas as estradas estavam vigiadas e as fronteiras severamente guardadas. O hoteleiro, enquanto lhe servia a vinho, sussurrou-lhe, apontando com o beijo para um soldado, sentado à mesa, completamente embriagado. "Cuidado! Um dos homens de Lorka". Com grande dificuldade, este se levantou, indo de mesa em mesa oferecer uma joia que trazia escondido. Só então D. Juan prestou atenção ao anel que o embriagado exibia:

Uma magnífica Cruz de Malta num engaste de pedras preciosas.

Examinando-a entre as mãos, D. Juan gritou, instintivamente:

— Essa joia foi um presente da Rainha Margarida para D. José!

O soldado embriagado tentou tirar-lhe a joia das mãos. Entretanto, D. Juan, levantou-se apressadamente, montou seu animal e se dirigiu a todo o galope para o Palácio. Ali, exibiu a joia perante o Rei e Rainha. A sua voz tremia de emoção quando anunciou:

— O Conde de Polan está prisioneiro na Fortaleza, sob as ordens do Duque de Lorka!

Notando a indecisão em que permanecia o Rei Felipe, Margarida ordenou a imediata soltura de D. José.

Todavia, o Duque de Lorka tinha ideia diferente a respeito de destino do Conde.

Incontinenti ele ordenou a seus homens a prisão de D. Juan.

A sua consequente fuga da prisão foi coisa muito fácil, não tão fácil porém como assistir a tortura a que estavam submetendo o Conde de Polan, cuja recusa obstinada em não mencionar o lugar onde escondera parte dos proventos do Tesouro, valeu-lhe a morte pela tortura.

Dois padres penetraram em sua cela. Um deles porém era Leporello que havia subornado um dos guardas. Fugiram apressadamente, vindo a encontrar Sebastian, que lhes informou que a vida da Rainha, com o novo regime instituído por Lorka, estava em perigo.

(Continua na pag. 58)

Metrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.



DRAGO

Nº 37

Por
Hogart

ENQUANTO OS GAÚCHOS
CORREM EM AUXÍLIO DE
DRAGO, O CARRO DO BARÃO
ZODIACO APROXIMA-SE DO
FALSO OBSERVATÓRIO —

EXCELENTE, TOSCA,
EXCELENTE! PARA
A MINHA EXPERIÊNCIA
PRECISAVA MESMO DE
UM OBSERVATÓRIO ASSIM!
O ENGENHEIRO
SOUBE TRABALHAR!

A COISA NÃO FOI FACIL,
BARÃO. ELE SE RECUSOU
A INSTALAR O APARELHO
DE LANÇAR A BOMBA-FOQUETE
QUANDO SOUBE A QUE SE
DESTINAVA. TIVEMOS DE
CONVENCER O ASSISTENTE
DELE, MC KENNA - COM UM
POUCO DE FORÇA E
DINHEIRO - A TER-
MINAR A OBRA.

E' DAQUI QUE
O BARÃO VAI LANÇAR
A BOMBA ATÔMICA
CONTRA
B(KINI)

TUDO
ESTA'
EM ORDEM?

TUDO! TOMAMOS TODAS AS
PRECAUÇÕES POSSÍVEIS!
O PLATÔ FOI VIGIADO
DIA E NOITE! AGUARDAMOS
APENAS AS SUAS ORDENS

SE OS GUARDAS ME VIREM, ESTOU
PERDIDO! TENHO DE ESCONDER-ME
E AQUELA CHOÇA VEIO MESMO
A GALHAR!

ÊLES ENTRARAM NO OBSER-
VATÓRIO. VOU ESPERAR MAIS
UM POUCO E DEPOIS... AH,
JÁ SABIA! HA UM GUARDA
AQUI!

NÃO ADIANTA ESPERNEAR,
MEU FILHO. ESTA' BEM
SEGURO.

VAMOS PARA
DENTRO DA
CHOÇA

ISTO E' O MELHOR
REMEDIO CONTRA
INSÔNIA.

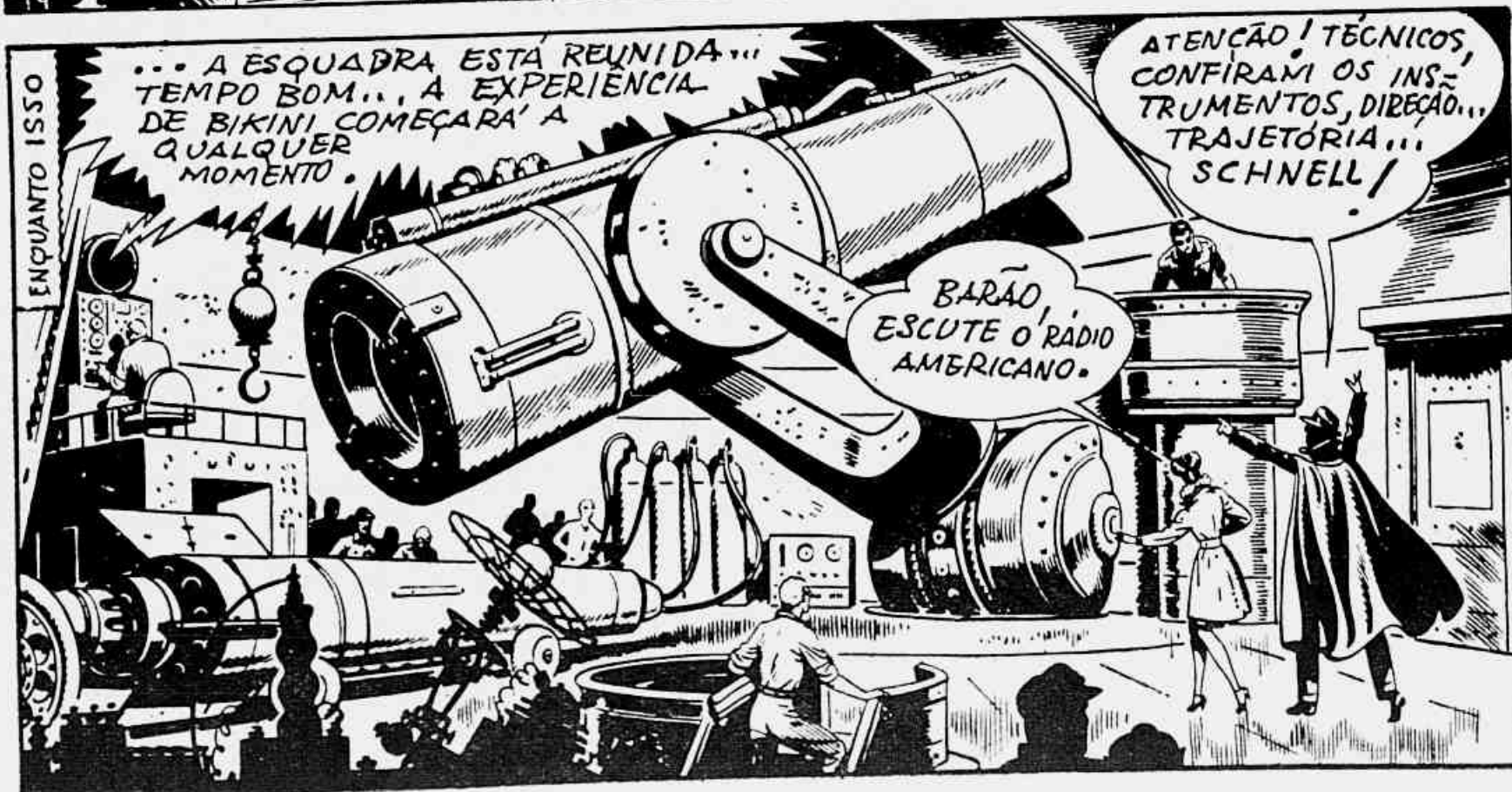
TENHO DE AMARRA-LO E
AMORÇA-LO BEM SENÃO
COMEÇARÁ A GRITAR QUANDO
VOLTAR A SI. ONDE E' QUE HA
UMA CORDA?

NEM MAIS
UM PASSO!
FIQUE ONDE
ESTA'!

DRAGO

Nº 38

Por Hogart



CINE REVISTA

Por FRANK STEIN

O falso cinema nacional

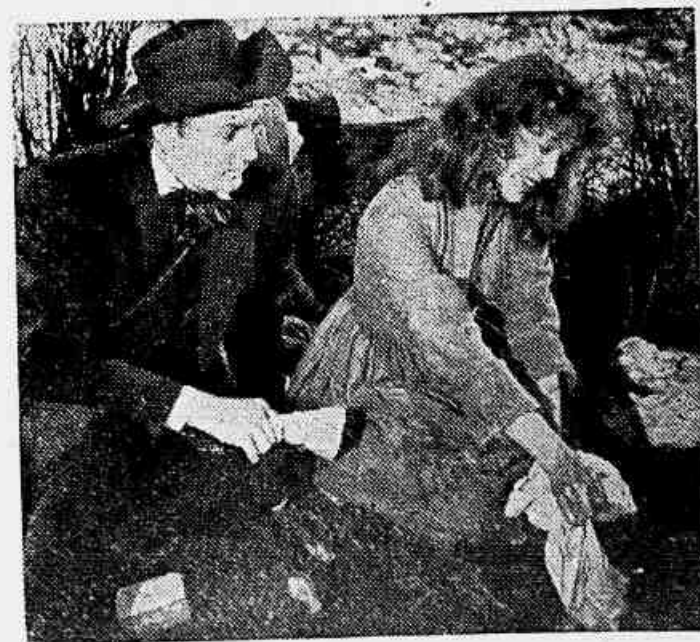
Não há jeito mesmo. Enquanto persistirem no mercado cinematográfico brasileiro certos elementos que, de há muito, deveriam estar aposentados, o nosso cinema ficará sempre mergulhado no mais completo e justo descrédito. Porque, evidentemente, nada adianta um Fenelon tornar-se independente, empregando seu esforço e sua boa vontade na confecção de películas tecnicamente mais bem feitas; nada adianta à Atlântida firmar contratos com elementos de valor, mantendo um ritmo normal de produções dirigidas por Burle e Macêdo; nada adianta fazerem importações de elementos estrangeiros, especialmente diretores, cujas obras demonstraram que nós mesmos, aqui dentro, acostumados aos sacrifícios da deficiência técnica, fazemos muito mais; nada adianta o amadorismo de um Silveira Sampaio, elogiado pela crítica e atacado pelos seus supostos rivais. Em verdade, há um certo grupo que elimina totalmente as boas intenções, fazendo cinema às pressas, pois, enquanto rodam as câmeras, produtores, diretores e exibidores — que já estão entrando na marmita — sentam-se em volta de uma mesa para discutir os lucros certos e já previsíveis. Só depois de feita a fita é que esses pseudo-diretores vão ver o resultado de suas obras. Gastam dinheiro em publicidade, têm como certas as casas onde exibí-las, apregoam aos quatro cantos um falso sentimento de patriotismo, aproveitam-se do esforço alheio, e lançam suas "Folias" e seus "Prá Lá de Boas", que o público, desconhecedor das suas verdadeiras intenções, expostas por trás dos bastidores, sobre os livros de sua contabilidade infalível, vai assistir ingenuamente. E o resultado é que os homens bem intencionados, os idealistas, que ainda existem inegavelmente, ficam consideravelmente prejudicados, criando esse ambiente de antipatia por um cinema que deseja desenvolver-se, deseja firmar-se, deseja impôr-se, e que vê os seus esforços inutilizados por esses realizadores ambiciosos e alheios aos mais elementares princípios da arte, que fazem o seu falso cinema nacional para iludir o público brasileiro.



O "CASO" MITCHUM

POUCAS vezes na história do cinema, encontramos um caso semelhante ao de Robert Mitchum. Depois de aparecer em alguns filmezinhos de "far-west", passados despercebidos, Robert surge num filme de linha e, da noite para o dia, todos queriam saber seu nome. Alhares de cartas eram endereçadas ao estúdio, e o "astro" conquistava, de imediato, a simpatia de meio mundo. Até hoje, pouca gente sabe a que atribuir o sucesso desse simpático galã de Hollywood. De gestos simples, de uma expressão personalíssima, seus olhos pareciam cansados, dominados por uma sonolência estranha. E as mocinhas apaixonaram-se. Bob veio em outro filme, mais outro e, em pouco tempo, contava com grande número de películas de sucesso. As "fans" reclamavam a sua presença e os estúdios atendiam às suas exigências. Até que um dia, o mistério estranho de seus olhos foi desvendado por um fotógrafo audacioso, e a notícia foi espalhada pela imprensa aos quatro cantos do globo: Bob Mitchum era um viciado da "marajona", uma erva interpecente semelhante à maconha do Brasil, e fôra apanhado em flagrante, com um grupo de pessoas, quando se entregava ao nocivo prazer de embriagar-se. Robert Mitchum declarou então que sua carreira estava arruinada, que jamais sua esposa o aceitaria de volta, pois estavam separados e tentavam reconciliar-se. Tudo passou. Em frações de segundos, os fatos foram desmentidos. Bob foi pôsto em liberdade e fez as pazes com sua esposa. Seus trabalhos nos estúdios continuam mais intensos do que nunca. E a sua popularidade, ao invés de apagar-se lentamente, cresceu ainda mais. Porque os "fans" de Bob jamais perdoariam a sua ausência das telas. E mais uma vez, da noite para o dia, Robert Mitchum sentiu a alegria de viver.

Ele já havia lutado muito pela glória; agora foi a glória quem lutou por ele...



Robert Mitchum reaparece em "Rachel and the Stranger", da R.K.O., ao lado de Loretta Young.



Cenas do filme "Mulher Perversa", que La Dietrich fez em França, ao lado do grande Jean Gabin. (Fotos França-Filmes)

MARLENE E GABIN JUNTOS PELA PRIMEIRA VEZ

NUMA VIOLENTA E FASCINANTE HISTÓRIA DE AMOR VIVIDA NO SUL DA FRANÇA

DURANTE o período da segunda guerra mundial, Marlene Dietrich, naturalizada cidadã americana, partiu para a Europa a fim de aparecer em "shows" e festividades recreativas oferecidas aos soldados aliados. Teve, portanto, a oportunidade de visitar a Alemanha, sua terra de origem, Inglaterra, Espanha e diversos outros países, inclusive a França, que a atraiu particularmente. A cinematografia francesa sempre foi uma atração especial para ela, por isso, talvez, não resistiu à tentação de aceitar um importante papel que lhe foi oferecido para figurar ao lado de um ator de qualidades apreciáveis e de fama mundial: Jean Gabin. Se bem que a sua beleza supere, por alguns instantes, a atriz nada lhe resta daquela pequena cuja missão no cinema era mostrar, simplesmente, um par de pernas bonitas que lhe deram fama internacional. Evidentemente, a atração de suas pernas tirava ao mundo inteiro a atenção que ela sempre desejara chamar para o seu talento, pois La Dietrich deseja ser algo mais que uma linda mulher, e o conseguiu, a custa de esforço e perseverança, imprimindo aos seus papéis um toque especial e uma personalidade jamais igualada na história do cinema. Em "Mulher Perversa" (Martin Roumagnac), Marlene consegue superar todos os obstáculos, inclusive o do idioma. Expressiva, intensa, dramática ou irívolá mostra todas as facetas do seu temperamento. Compenetra-se de seu desempenho e adquire uma nova personalidade. Surgindo, pela primeira vez, ao lado de Gabin, reparte com ele as responsabilidades, e constitui uma das melhores "partenaires" que até o momento tiveram a honra de contracenar com o grande ator de "Cais das Sombras".

"Mulher Perversa" é um filme de paixão e violência, destinado, especialmente, a apresentar por meio de uma história característica, esses dois grandes artistas reunidos num só filme. Uma obra excelente, feita com tato e delicadeza, que a crítica parisiense aclamou entusiasmamente. Dirigida por Georges Lacombe, seu argumento é típica-

mente francês, violento, sem concessões, mostrando-nos um casal estranhamente constituído e que acaba por sucumbir, vítima de um sentimento incontrolável e perigoso. O tema foi tratado com profundidade e inteligência. Realizado em ambientes luxuosos, não deixa também de apresentar aspectos e costumes que encerram a vida de uma povoação no Sul de França, com seus típicos cafés, captando em toda sua humana sinceridade até a intriga que cerca a torturada vida de Martin Roumagnac (Jean Gabin), arquiteto construtor, homem áspero e bom, que em sua maturidade chega a sentir uma intensa e desafortunada paixão por uma cativante mulher. Duas almas que, inevitavelmente, hão de se chocar. Um homem sensível, que só compreende a generosidade no amor. Uma mulher caprichosa e intolerante que, em sua desmedida ambição, não só destrói a única possibilidade de refazer sua vida, como arrasta em sua queda o homem que a amou e a quem ela, ainda que inconsciente, também amava.

Vivendo com tanta intensidade os seus papéis, jamais poderemos acreditar que a Marlene Dietrich da vida real, seja uma senhora respeitável possuindo uma filha casada e um netinho, pois sua personalidade e sua beleza não se apagam facilmente. Por outro lado, o enigmático e intrigante temperamento de Gabin, está longe de ser o que de fato é, na vida privada: um sentimental, vivendo tranquila e sossegadamente. Não lhe agradam as multidões e os ruídos da civilização, e sente especial horror a quem se intromete em seus negócios. Jamais vai ver seus filmes e detesta que os comentem com ele. E' retraído às confidências, pouco loquaz, quase sempre silencioso, lábios apertados, o olhar perdido no espaço como que procurando uma recordação distante. Quando consegue afastar-se dos estúdios, refugia-se em sua granja de Saint-Gemme, com seu garoto, realizando grandes caminhadas caça e natação, dando livre curso ao seu amor pela natureza, o seu gosto pelos esportes e a vida sadia ao ar livre.

VIDA LITERÁRIA

O CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE JOÃO AUGUSTO STRINDBERG

MUITAS das mais adiantadas nações do mundo celebraram com solenidades a passagem, a 22 de janeiro, do primeiro centenário do nascimento de uma das maiores personagens intelectuais do mundo: João Augusto Strindberg.

Sueco, nascido em Estocolmo a 22 de janeiro de 1849, sua infância foi pobre e agitada. O ambiente de exiguidades em que foi criado, as lutas que presenciava no desenrolar de sua juventude, parece que lhe imprimiram no espírito ávido de saber, de cultura, de luzes espirituais, o signo de um revoltado contra tudo e contra todos.

Strindberg começou a escrever seus dramas quando muito moço. Ainda não tinha vinte anos e já se lançara na produção literária, aproveitando umas férias na Universidade de Uppsala, onde estudava.

Ali compôs seus primeiros dramas, sendo levados à cena no ano seguinte, em sua cidade natal, Estocolmo: "O livre-pensador", "Hermione" e "Em Roma". Sua inteligência criadora e revolucionária produziu depois a obra "Mestre Olof", drama de muita originalidade, que ele lutou exaustivamente para levá-lo ao palco.

Até ao fim de sua vida fecunda e atribulada, escreveu nada menos de cinquenta e oito dramas, muitos deles inspirados nos anais de história de sua pátria, destacando-se, além do já citado, "Gustavo Vasa", e o mais impressionante de todos, sobre a vida de Carlos XII, a quem o escritor cognomina de "O Rei Criminoso".

Não se limita à literatura teatral e invade com absoluto êxito a seara do jornalismo, das ciências, da filologia, da filosofia, da medicina, da teologia, etc.

Tendo sido nomeado funcionário da Biblioteca Real da Suécia, dedica-se demoradamente ao estudo das literaturas do Extremo Oriente e escreve importante obra intitulada "As Relações da Suécia com a China e Países Tártaros".

Entretanto, apesar de serem suas incursões por vários ramos do saber humano todas elas admiráveis, a obra que maior fama e notoriedade lhe deu foi aquele romance que chegou até nós através de uma edição francesa, "Le Chamber Rouge", onde o autor fotografa com o mais estonteante realismo a vida boêmia de Estocolmo, provocando ondas de escândalo e protestos contra ele. Data daí a introdução no país da literatura naturalista até então ainda não explorada.

Não satisfeito com todos os seus triunfos intelectuais, Strindberg sempre produzindo dramas destinados ao palco, escreve incansavelmente romances, novelas, estudos e assuntos científicos, poemas em prosa e verso, história, magia e alquimia.

Seu cérebro prodigioso acumula cultura multiforme e ele conhece geografia, química, zoologia, botânica, geologia, física, matemática, astronomia, arqueologia, sociologia, filologia, filosofia, medicina, teologia, pedagogia, etc.

Muito apegado às coisas de seu país e dos povos nórdicos, escreve em 1881 uma obra memorável: "Estudos de História da Civilização Escandinava", seguindo-se: "Povo Sueco" e outras do mesmo gênero em 1882.

Como não podia deixar de suceder, Strindberg nunca perdoou os ataques e as censuras que lhe faziam em virtude de seus romances e dramas realistas. Para vingar-se da hipocrisia do mundo e de uma sociedade fingida, escreveu em 1882 "O Novo Reino", sátira contundente contra os seus detratores.

Casou-se por várias vezes, requerendo e obtendo divórcio de todas essas ligações matrimoniais. Era um eterno insatisfeito. Voluntarioso e impulsivo, gostava de viver em permanente contraste. Passava férias no estrangeiro, tendo visitado e vivido na Suíça, na França, na Alemanha, Áustria, Itália e Dinamarca, em cujos países residiu também.

Seu espírito vivia em eterna ebulição. No começo era deísta. Acreditava na existência de um Deus, de um Ser

Supremo, de um Criador. Depois, achou que esse Ser não existia, e passou à teoria dos ateus.

A natureza íntima de Strindberg é um dedalo de paradoxos, de contradições a formar um estuário cheio de ilhas, igarapés e igapós. Sua vida pode ser representada como um Amazonas dos Andes ao Atlântico. De início é torturada, atormentada, a descer dos degelos das altiplanuras do Lauri, recebendo os gelos andinos. Depois se vai engrossando com os mil afluentes de ambas as margens até desembocar no oceano por entre mil bocas e canais, numa rede de labirintos que ninguém pode entender...

Assim o espírito desse gênio da literatura mundial. Sofreu durante sua infância os embates de uma vida atribulada e difícil. Logo que começou a raciocinar, seu talento prodigioso estava como um rio a transbordar. E ele se lançou à produção e ao estudo, acumulando uma cultura invulgar na história dos grandes intelectuais de todo o mundo.

Foi professor e isso ainda mais o estimulava a estudar tudo. Dono de grande memória e de incontida curiosidade mental, esse prodígio de conhecimentos universais, literato e jornalista, assombrou o mundo de então e seu nome passou a figurar em todos os dicionários biográficos contemporâneos como uma personagem original e caracterizada pelas facetas de seu inquieto espírito.

Mas não fica apenas nisso, que já é tanto. João Augusto Strindberg também foi músico, pintor e escultor!

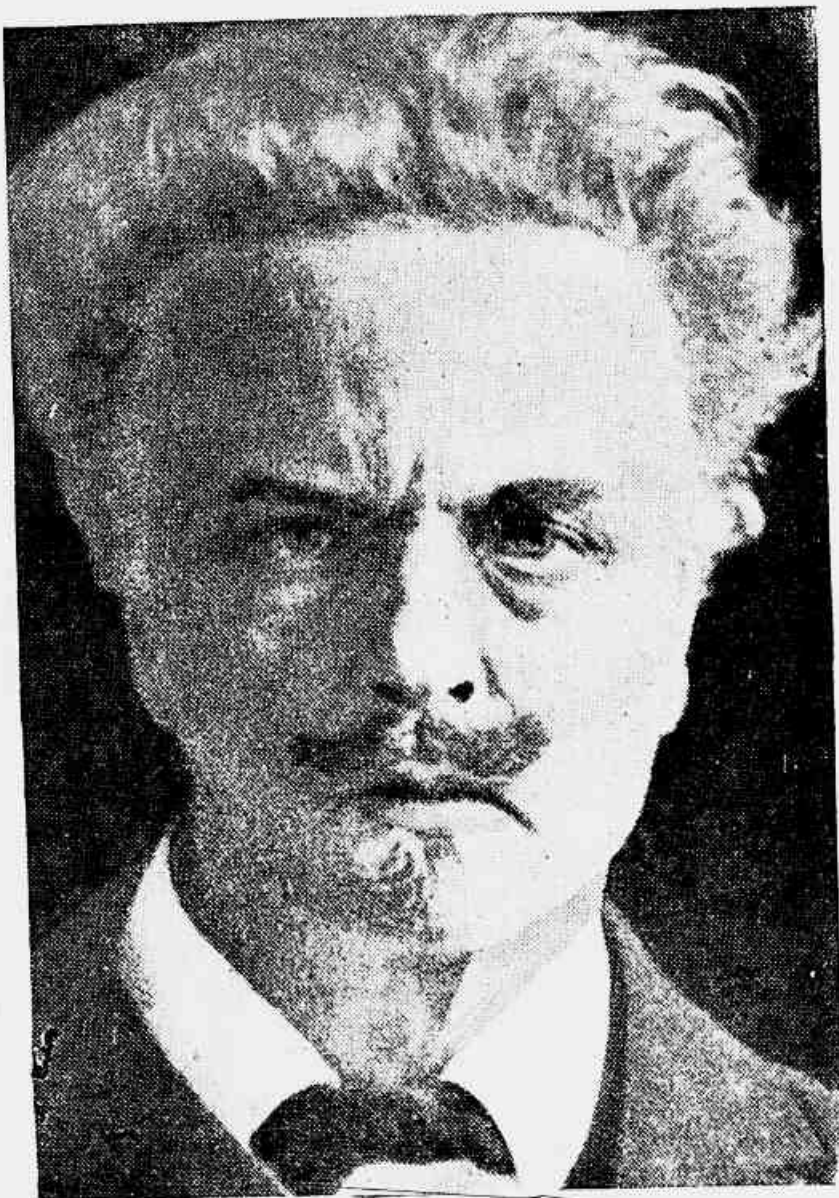
Uma das mais curiosas particularidades de suas telas era aquela em que sempre pintava marinhas com o mar proceloso. O mar, na concepção artística de Strindberg, tinha que ser tempestuoso, as ondas em revolta, a espuma contra os escolhos, sob o látego das tempestades. Um reflexo de sua vida sempre em agitação.

Em uma exposição organizada agora por ocasião da passagem do primeiro centenário de seu nascimento foi apresentada ao povo, no Museu de Belas Artes de Estocolmo, abundante coleção de produções suas nesse terreno, ao lado de retratos do imortal sueco executados por outros pintores e escultores.

A Suécia lançou também, na data de 22 de janeiro, três novos selos postais de diversos valores, para comemorar a grande data de caráter nacional.

Quando seus primeiros dramas realistas foram levados à cena na França, críticos do porte de Sarcy ficaram atordoados. Paris inteira aplaudiu o autor, mas não puderam os seus analistas, admiradores ou censores chegar a conclusões definitivas sobre a obra movimentada e cheia de situações psicológicas do genial escritor e dramaturgo sueco. Somente depois de mais convivência com os frutos do seu cérebro em erupção permanente, puderam os observadores compreender o sentido de suas concepções. A obra de Strindberg não tem preconceitos e respeitos de hipocrisia social. É realista e, muitas vezes, chocante, perturbando o sentimento clássico de quantos estão habituados a ver cenas de amor, de romance entre dissensões domésticas sem maiores tragédias ou procedimentos surpreendentes. E isto não há em seus dramas violentos como aquele impressionante "Fadren" (O Pai), com a cena do Capitão a lançar no rosto da esposa uma lâmpada de petróleo acesa...

A inspiração de suas obras literárias destinadas ao palco é uma série de conflitos, de paixões violentas, sob o látego de um cérebro torturado e permanentemente insatisfeito. Segundo os seus melhores biógrafos, dentro dele havia todas as nuances da natureza humana: era generoso e cruel; democrata e ditatorial; afável e ríspido; obstinado e condescendente; rei e mendigo; santo e demônio... Um homem de complexa personalidade, mistura de grande talento, imensa inteligência e inesgotável capacidade cultural e científica num mundo que não podia compreendê-lo ainda.



Augusto Strindberg, um dos maiores vultos das letras européias, cujo centenário de nascimento foi largamente comemorado em toda a Europa e especialmente em Estocolmo, Suécia, sua terra natal

Crédito literário

O Uruguai acaba de dar ao mundo uma grande e edificante lição. Instituiu no Banco do Estado, grande estabelecimento de crédito oficial, uma carteira de Crédito Literário, destinada a facilitar aos escritores nacionais a edição de suas obras. O escritor uruguaio poderá, de agora por diante, publicar suas produções literárias, artísticas e científicas, mesmo que não tenha, de seu, um centavo. O Banco Nacional lhe emprestará o suficiente para custear a publicação a juros módicos e a prazos razoáveis. É possível que essa espécie de empréstimos seja a única em todo o mundo, cabendo, pois, ao pequeno país sul-americano, que contém uma das grandes populações do mundo no sentido da cultura e da civilização, uma inovação digna de ser imitada, especialmente pelo Brasil, onde o escritor raramente dispõe de meios ou de editores. O crédito literário pode parecer uma utopia; mas, se verificarmos o quanto de lucros auferem os editores que exploram o ramo, chegamos à conclusão de que essa modalidade de crédito não faria correr nenhum risco aos financiadores, além de dar emancipação aos escritores. Nosso comércio de livros é muito maior na área da importação, porquanto o escritor brasileiro teme lançar suas obras a público, diante do encarecimento das edições e das dificuldades na apuração de seu trabalho. Se possuíssemos um Banco que facultasse ao homem de letras do Brasil a publicação de seus inéditos, muito teria que lucrar a nação, cujos núcleos dados à leitura se situam irregularmente à beira do Atlântico e dispersos pelas melhores cidades do interior. Com financiamentos as edições seriam maiores, tornando possível baratear o preço dos livros, atualmente muito elevado em face das pequeninas tiragens que saem das oficinas das editoras.

Centro de Letras do Paraná

Festejando a data de sua fundação em Curitiba, o "Centro de Letras do Paraná" levou a efeito, a 19 de dezembro do ano findo, solene comemoração inaugurando a Galeria dos Patronos, seguindo-se a posse da nova diretoria, composta de nomes do maior valor intelectual do Estado.

Seu novo presidente é o festejado intelectual dr. Gláucio Bandeira, cujo discurso de posse foi bela peça oratória sobre a vida literária paranaense e os esforços do Centro a fim de manter esse alto nível mental e científico para o maior renome do Estado.

Produziu, a seguir, aplaudida oração o professor Raul Gomez, conhecido beletrista e pedagogo brasileiro, eleito primeiro orador daquele Cenáculo de Letras. O professor Raul Gomez se demorou na análise serena de todos os grandes vultos das letras paranaenses, homenageando-lhes os nomes e estudando-lhes os perfis na seara da inteligência através das produções que deixaram, sendo seu estudo excelente página literária que o meio intelectual do Paraná jamais esquecerá.

A nova diretoria está assim constituída: presidente, dr. Gláucio Bandeira; vice-presidente, Leonor Castelano; 1º secretário, professora Pompília Lopes dos Santos; 2º secretário, dr. Arion Niepce da Silva; 1º tesoureiro, professora Maria Nicolas; 2º tesoureiro, dr. Saul Lupion de Quadros; 1º orador, professor dr. Raul Gomez; 2º orador, dr. David Carneiro; bibliotecário, professor Dario Nogueira dos Santos; comissão de imprensa, dr. José Muggiatti Sobrinho e professor Nelson Saldanha de Oliveira; Conselho Social e Literário, dr. Rodrigo Junior, dr. Lacerda Pinto, dr. Vasco Taborda e dr. Wilson Martins.

O melhor livro brasileiro de 1948

A "International Publications", com sede em S. Paulo, instituiu em fins do ano passado um prêmio literário anual para o melhor livro escrito por brasileiro, no triênio de 1948 a 1950. Dentre os itens que regulamentaram a instituição, há o 5º que reza o seguinte: "Para entrega do prêmio "O Melhor Livro do Brasil", fica estabelecida a última semana de dezembro".

Já estamos em fevereiro de 1949 e ainda não sabemos se foi realizada a seleção de obras literárias de brasileiros, quando se efetuou a entrega do prêmio e qual o beletrista vitorioso.

Para registro do fato nesta página, pedimos à "International Publications" o favor de nos enviar noticiário a esse respeito, uma vez que se trata de assunto do mais vivo interesse entre as rodas literárias do país.



O sr. Renato de Alencar, jornalista e romancista, deixou definitivamente Belo Horizonte para fixar residência no Rio. E vai lançar um novo romance sob o título "Minha jangada de bambu", de costumes regionais do Nordeste com ação em Alagoas. Os originais já se acham entregues à oficina da editora.



Aurélia Camargo (Bibi Ferreira) "Pela primeira vez a dúvida entra no coração de Aurélia e ela percebe que errara. Fernando era antes de tudo, um homem e não poderia nunca conformar-se com aquela situação de ridícula dependência"



Aurélia, D. Firmina, Eduardo (Jardel Jercolis Filho) e Fernando. "No terceiro ato, a chegada de Eduardo não foi bem vista por Amélia — pior seria ainda se ela soubesse que aquela visita significava a libertação final de Fernando"



O dr. Lemos (Delorges Caminha). "Era um velhinho curioso o dr. Lemos — um tanto "embrulhão", fazendo suas "chicanas", mas dono de um grande coração. Suas confidências fazia-as ao "Bispo", seu gatinho de estimação"

"SENHORA"

Peça em 3 atos de Hélio Ribeiro da Silva,
baseada no romance de José de Alencar

Aurélia	BIBI FERREIRA
D. Firmina	ANTÔNIA MARZULLO
Lemos	DELORGES
Fernando	RODOLFO ARENAS
Mariquinhas	NAIR REGINA
Eduardo	JARDEL JERCOLIS FILHO
D. Emília	BELMIRA DE ALMEIDA
Dr. Viana	JOSÉ SILVA

N A sala de visitas de sua casa mobilada ao gosto do século XIX, Aurélia descansa numa poltrona, apreciando a pitoresca paisagem da cidade do Rio de Janeiro. Pouco depois entra d. Firmina, sua dama de companhia, que, voltando da missa, traz as últimas novidades e mexericos aos quais Aurélia presta pouca atenção, porém surpreende-se ao ouvir:

— Você sabe, Fernando Seixas vai casar-se com a filha de um rico negociante que lhe dará 30 contos como dote.

Aurélia levanta-se e passeia nervosamente pela sala, até que, parando na janela, avista o dr. Lemos, seu amigo e advogado. Dá ordens a d. Firmina que o vá receber. O dr. Lemos, homem bastante vivo, com cacoetes e ditos engraçados, entra com suas maneiras espalhafatosas. Enquanto a dama de companhia vai preparar um café, Aurélia revela ao seu advogado o desejo de se casar e, para isso, já escolhera o "príncipe encantado". Mas seria necessária a interferência do amigo, pois o eleito de seu coração já era noivo. "Trata-se de Fernando Seixas, mas o senhor não lhe deve revelar meu nome. Ofereça cem, duzentos contos, ou mais, se necessário for, pois não meço despesas para a minha felicidade. Acrescente que sou jovem, rica... e bela".

O dr. Lemos, ciente de sua tarefa, despede-se reverenciosamente e vai procurar o noivo a fim de comprá-lo.

Aurélia, então sozinha, pensa: — "Como os tempos mudaram... da pobreza à fortuna". E relembra que há mais ou menos um ano morava pobremente em Santa Teresa com sua mãe, d. Emília. Namorava, nessa época, Fernando, a quem muito amava. Mas um dia este confessou-lhe estar endividado e necessitava um casamento rico a fim de saldar seus compromissos; como Aurélia era pobre, não restava outra solução que o término do namoro. Após o rompimento, d. Emília, que se encontrava muito enferma, recebe a visita de um advogado que vinha notificar-lhe o recebimento de uma herança de mil contos de réis. Vinha de parte do seu sogro, que só perdoara o casamento do filho com d. Emília na hora de morrer. Esta boa surpresa juntou-se imediatamente à morte da mãe de Aurélia.

— Como os tempos mudam... da pobreza à fortuna..."

★

Na casa de Fernando, este conversa com a mana Mariquinhas e com Eduardo, antigo companheiro de farras e aventuras. Quando o dr. Lemos chega, pede licença para que os outros se retirem por força do assunto que lhe tem a tratar. Mariquinhas sai, ficando Eduardo, por ordem de Fernando. O dr. Lemos expõe a proposta e Fernando a recusa peremptoriamente. Por via das dúvidas, deixa seu cartão, caso mudasse de idéia.

Eduardo, que tudo ouvira, não compreendia a recusa de tão cativante oferta. — "Suas dívidas chegam a vinte contos, e o dote da misteriosa noiva é de cem contos. Segundo o advogado a moça é rica e bela. Você pede um adiantamento, salda seus compromissos e viverá faustosamente. Que mais espera?" — instigava Eduardo que era um "bon vivant".

MUITO nos surpreendeu a escolha de "Senhora" para a estréia da temporada de Bibi Ferreira. Parecia-nos que o tema de José de Alencar não se adaptaria com facilidade ao palco. Imaginamos os obstáculos que a jovem atriz teria para apresentar "Senhora" em bom teatro. Vários cenários e quadros seriam precisos para que a peça não caísse na monotonia, absorvendo quase todo o movimento do original; uma rica "mise-en-scène" e figurinos seriam necessários para nos transportar ao século em que viveu "Aurélia". Mas Bibi não mediu esforços nem despesas, e o espetáculo, realmente, agradou.

A adaptação de Hélio Ribeiro da Silva (diretor comercial e esposo de Bibi) esteve um tanto modernizada, mas não fez perder o interesse do original que, apesar dos anos decorridos, ainda é uma das obras primas de nossa literatura. Um ponto que nos pareceu assás fraco, sem coloração, foi o diálogo entre D. Emília (Belmira de Almeida) e Aurélia (Bibi), no primeiro ato. Faltou emotividade, surpresa, pois o relato de D. Emília era completamente ignorado por Auré-

nando atira-se feliz aos braços de Aurélia. Esta o repele asperamente e, diante da estupefação do esposo, relembra o antigo rompimento fundamentado em torpes questões monetárias. Depois de desabafar tudo o que estava recalado em seu cérebro, termina:

— Eu tenho nojo de você! nojo, nojo, entende?"

★

Alguns meses após a boda, o casal ainda era o mais feliz do mundo, aparentemente; no entanto, eram como dois desconhecidos.

Fernando tinha o seu quarto separado e mobilado com o que trouxera de sua casa de solteiro. Não usava o carro da esposa e nem aceita a mesada que Aurélia teimava em lhe dar. Verificou, depois, que até a lavadeira dele era separada. Isso a enfurecia. O marido trabalhava arduamente e a incompreensão de Aurélia aumentava. Embora nunca tivessem trocado um simples beijo, Fernando deveria ter vida compatível com a fortuna de ambos. Afinal de contas eram casado legalmente. Por que economizava e trabalhava como se fosse um miserável? Fernando escutava as queixas da esposa com passividade.

Um dia, porém, Fernando procura-a, dizendo: — "Senhora, já possuo os vinte contos de réis para resgatar minha consciência. De posse da promessa que assinei, anularei nosso casamento. Faça o obséquio de me devolver..."

Aurélia, perplexa, mal acredita nas palavras do marido. Examina o envelope que este lhe entregara e verifica a quantia com os respectivos juros, exatamente. Compreende, então, o porque de sua vida alheia ao conforto que lhe oferecia.

— Trabalhei com afincos esses meses todos, esperando adquirir o dinheiro para conquistar a minha liberdade", concluiu Fernando triunfante.

Aurélia, de volta com o papel assinado, profundamente comovida, confessa que sempre o amara e que nos meses que viveram juntos, embora separados, estreitara ainda mais sua paixão.

Fernando, que também a amava muito, ouvindo aquela confissão, toma-a nos braços, beija-a longamente. E fazem juras recíprocas de amor eterno.

Aquela felicidade outrora fictícia, tornava-se agora uma deliciosa realidade.

lia e a reação desta deveria ser muito nítida, o que não se deu por relaxamento no "script".

O cenário de Paulo Elkins é um prazer para os olhos, e bem aproveitado o palco giratório. Os figurinos de Sophia Magno de Carvalho, além de ricamente confeccionados, são de um bom gosto, assim como a "mise-en-scène" de Bibi, que nos transportou ao Rio de Janeiro do XIX século.

Quanto à interpretação, é digna de elogios, pois o conjunto é homogêneo. Bibi viveu magistralmente "Aurélia"; Rodolpho Arena muito discreto no "Fernando"; Delorges interpretou um dr. Lemos muito caricato e abusando nas inflexões de voz, dando uma figura de chanchada ao seu papel. Jardel Jercolis Filho e Antônia Marzullo estiveram convincentes em Eduardo e D. Firmina, respectivamente. Belmira de Almeida, Nair Rodrigues e José Silva, bem nos pequenos papéis.

Resumindo, "Senhora" venceu no teatro, e Bibi, Elkins e Sophia Magno de Carvalho são os principais responsáveis pelo êxito.

TEATRO

José Fomm

AS MEDALHAS DE OURO

Realizou-se dia 28 de janeiro último o julgamento dos "Melhores de 1948".

Conquistou a medalha de melhor autor, Genolino Amado, com "Dona do Mundo", que Dulcina apresentou ao Regina. Genolino Amado é um grande comediógrafo, incontestavelmente, porém, "Dona do Mundo" é um de seus originais mais fracos. Faria melhor jus a esse prêmio Lúcia Benedetti com "O Casaco Encantado", ou Silveira Sampaio com "A inconveniência de Ser Espôsa".

Oscarito foi votado o melhor ator. Realmente é um grande cômico, mas deveria haver uma distinção entre o teatro de revista e o de comédia.

O título de melhor atriz foi conquistado por Heloísa Helena, que interpretou com brilho Carlota Joaquina; porém, não devemos esquecer que Dulcina, Olga Navarro e Morineau interpretaram grandes papéis no ano de 48.

Dulcina foi aclamada a melhor diretora pelo trabalho de direção em "Mulheres". Com efeito, a grande atriz dirigiu com maestria trinta e cinco mulheres no palco.

Geysa Bôscoli foi o melhor produtor de espetáculos musicados pela atuação no Teatrinho Jardel.

Berta Rosanova foi votada a melhor bailarina. O prêmio de cenógrafo coube a Armando Iglésias pelos belíssimos cenários da Companhia de Jhianca de Garcia. "Madalena", de Vila Lobos, lhe conferiu a medalha de melhor músico.

Nas revelações, Lúcia Benedetti conquistou o diploma de autor. Sérgio Cardoso, sem concorrência, o de ator-revelação. Bilinha e Johnny Franklin, do Corpo de Baile do Teatro Municipal de São Paulo, os diplomas de bailarina e bailarino, respectivamente. Nilson Pena merecidamente obteve a distinção como cenógrafo pelos cenários de "O Casaco Encantado" e Bebe Itiberê o compositor-revelação de 48.

Deixou de ser dado o prêmio de melhor bailarina assim como o diploma de atriz-revelação.

A eleição surpreendeu de tal maneira alguns críticos que quase abandonaram o recinto, tal a divergência de opiniões. A assembleia teve lugar na A.B.I. e foi dirigida pelo sr. Lopes Gonçalves, presidente da A.B.C.T.

★

DO TEATRO ESTRANGEIRO

No teatro Belasco de Nova York está sendo apresentada "The Madwoman of Chailot", com John Cardine, Martita Hunt e Estelle Winwood, entre outros. A propósito dessa peça, conta-nos Louis Jouvét, que Jean Giraudoux a escreveu no ano de 1943, recusando-se a encená-la enquanto a França estivesse nas garras dos invasores, e nessa mesma ocasião, determinou o dia 17 de outubro de 1945 para que a peça estreasse, data essa que o autor profetizava estar seu país livre. É curioso notar-se que no terrível ano de 1943 muito pouca gente acreditava na queda do governo alemão. Giraudoux faleceu em fevereiro de 1944 e Jouvét tomou a si a tarefa de levar à cena "The Madwoman of Chailot", que só o fez em 19 de dezembro de 1945, por motivos alheios à sua vontade.

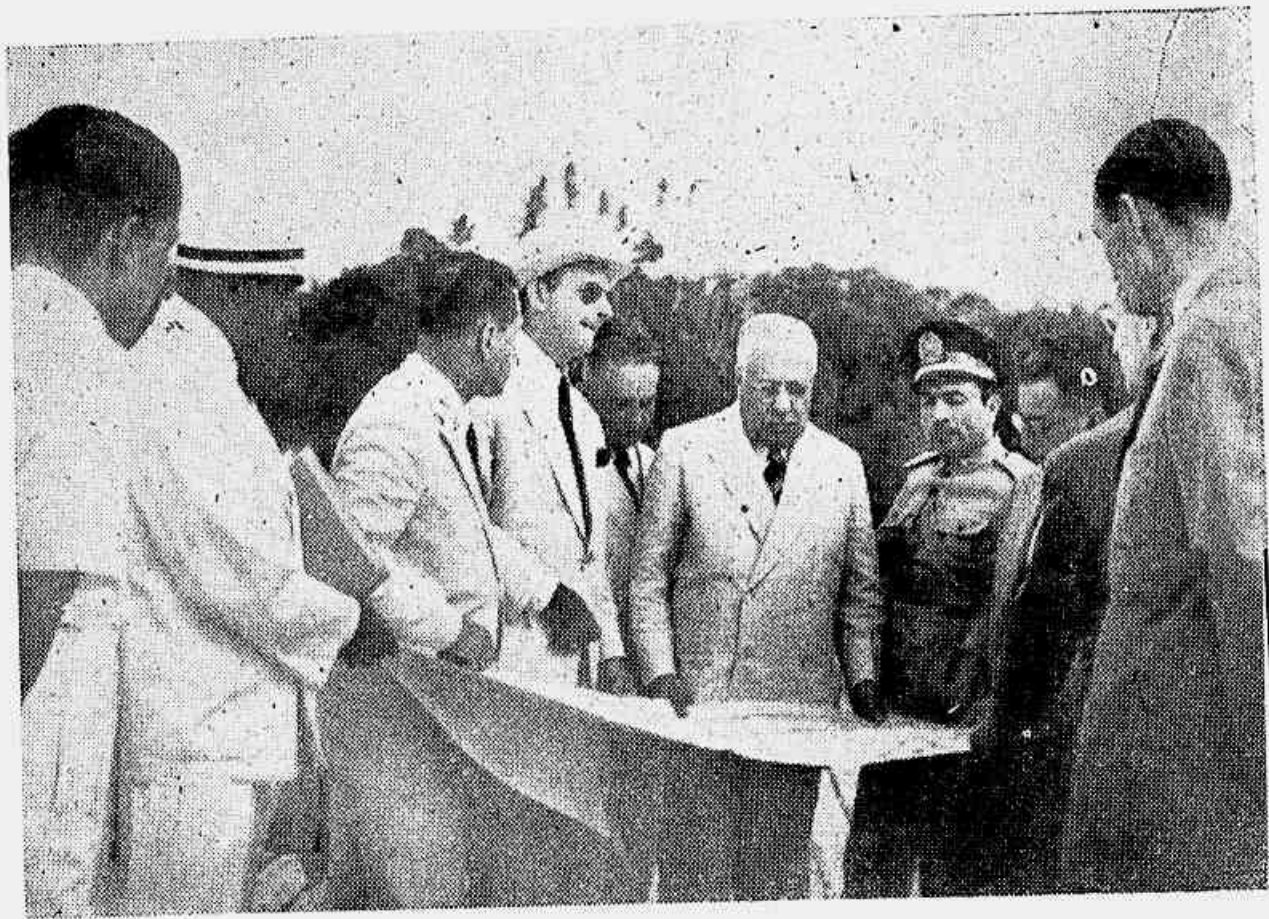
★

Um dos interessantes acontecimentos em Nova York é a representação de "The Rape of Lucretia", no teatro Ziegfeld. Thornton Wilder a adaptou do sucesso francês "Le Viol de Lucrece", de André Obey. O drama versa sobre uma casta mulher na sociedade dissoluta da Roma antiga e seu suicídio em 509 A.C. Segundo os entendidos, esta nova produção focaliza a reafirmação da fé religiosa.

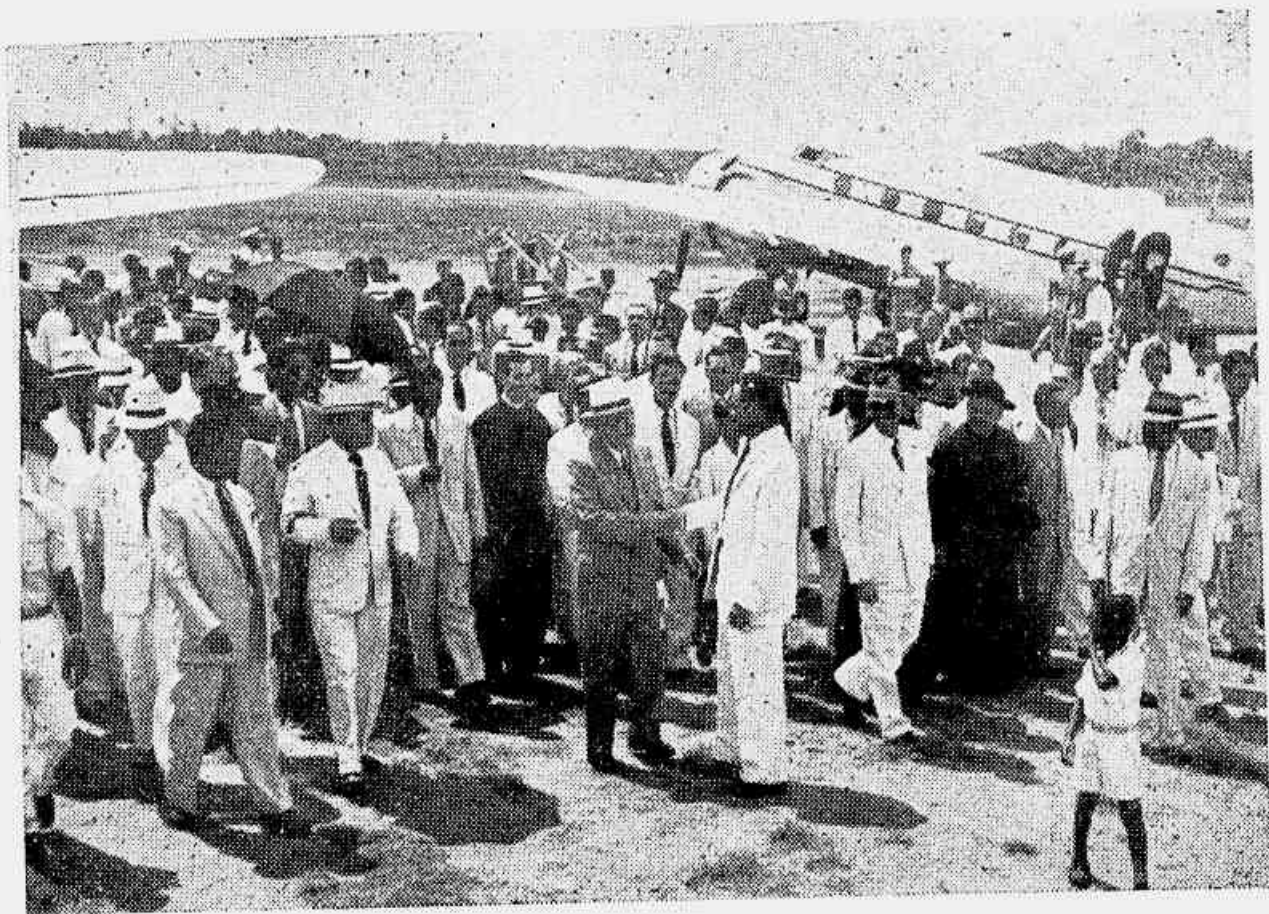
★

"A Streetcar Named Desire", que nos foi oferecida pelos "Artista Unidos" no ano passado, está no teatro Barrymore de Nova York, com Jessica Tandy, que vimos no filme "Vingança Périda", interpretando a incompreendida Blanche Dubois. A famosa peça de Tennessee William foi vista em 48 em Cuba, Bélgica, Holanda, México, Itália e Portugal. Segundo a opinião de John Chapman, notável crítico americano, "A Streetcar Named Desire" foi a melhor peça da temporada novalorquina.

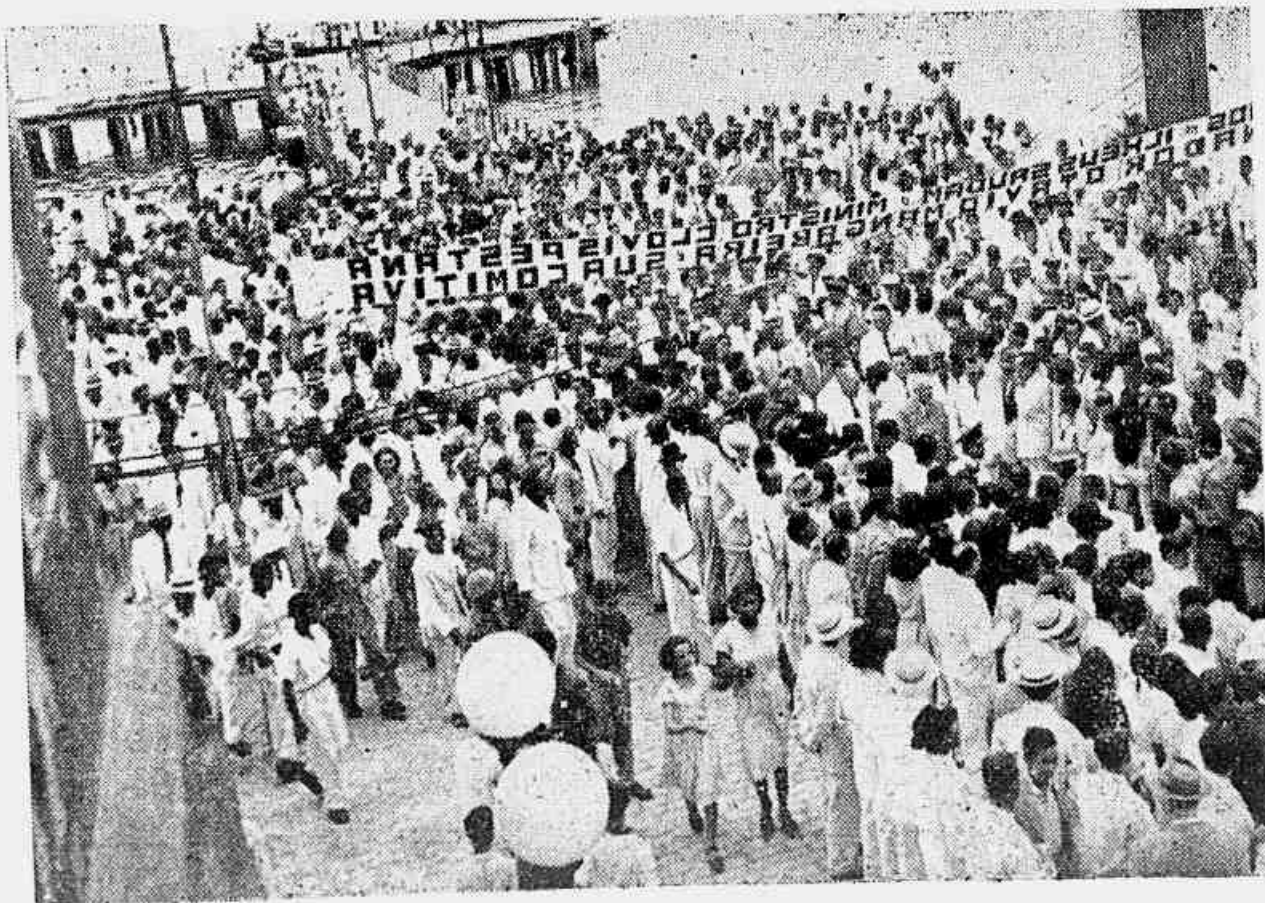
Para a solução dos grandes problemas baianos



Teve grande repercussão nos meios econômicos e financeiros da Bahia e do resto do País, a visita que acabam de fazer àquele Estado os ministros da Agricultura e da Viação, que ali foram a convite do governador Octávio Mangabeira estudar in-loco a solução de grandes problemas balanos ligados à zona cacaueteira. Empenhado vivamente nessa solução, o chefe do Governo da Bahia promoveu essa excursão ministerial, quando foram examinados problemas de gritante urgência, tais como o do



pôrto de Ilhéus e diversos outros dos quais depende a produção cacaueteira da extensa e fértil região. Na foto de cima vemos o sr. Octávio Mangabeira e os ministros Daniel de Carvalho e Clóvis Pestana, cercados de técnicos, examinando plantas das obras do pôrto de Ilhéus; na foto do centro, a chegada a essa importante cidade, quando o governador da Bahia era cumprimentado pelo prefeito local, e na de baixo, um aspecto da recepção popular.



AVENTURAS DE D. JUAN

(Continuação da pág. 52)

Alguns de seus alunos na Academia eram pais a D. Juan, por isso ele os reúne para o assalto ao Palácio.

Na mente de D. Juan, porém, uma preocupação o domina: a vida de Margarida. Penetra no Palácio e vai encontrar Margarida, num dos corredores, frente a frente com o Duque de Lorka e Rodrigo. Rodrigo é o primeiro a desembainhar a espada. Seque-se um duelo violento, conseguindo D. Juan desarmar seu adversário. O Duque, pronto para o embate, desabafa:

— Esperei muito tempo por isso!

— Não tanto quanto eu! — replica D. Juan.

O duelo de morte tem início, percorrendo os contendores várias dependências do Palácio, ficando D. Juan, por vezes, em situação desvantajosa. Por fim, quando Lorka fulga-se em condições de superioridade sobre D. Juan, este, numa ágil e bem urdida manobra, domina-o inteiramente, afundando a sua lâmina no coração do Duque.

Naquele momento o Rei Felipe voltou a ser um monarca.

★

Na noite em que D. Juan se preparava para deixar Madrid, a Rainha o vai procurar na Academia.

— Você... vai partir? — inquiriu ansiosa. — Aqui é que é sua casa. Você agora não é mais um aventureiro — e sim um herói!

— Se ficar — diz-lhe D. Juan, gravemente — seremos ambos infelizes.

Margarida, esquecendo-se de que era uma Rainha para apenas se lembrar de que era mulher — e uma mulher apaixonada, exclama:

— Leve-me com você!

Nunca D. Juan se vira assim tentado. Jamais uma paixão tão ardente o induzira a praticar um ato pelo qual talvez mais tarde viesse a lhe trazer sério arrependimento. Sabendo que uma palavra sua poderia acarretar uma avalanche, D. Juan, lembrou a Margarida que sem a presença dela na Corte o Rei poderia vir a ser vítima de influência nefasta de outro traidor do tipo de Lorka; que ela, vigilante, garantiria a serenidade e justiça dos atos de Felipe, pelo bem-estar de Espanha.

Com extrema gentileza, D. Juan lembra-lhe:

— Prometi solenemente à Rainha que iria levar a minha vida pelo bem de Espanha. De que maneira posso eu concorrer para esse bem-estar do que pedindo a Margarida para continuar a ser Rainha de Espanha?

Arrebatadamente D. Juan toma-a em seus braços e beija-a longamente.

Seus olhos, quando ele tornou a falar, tinham um estranho brilho.

— Sou o único homem em todo o país que sabe disso: por um instante sublime dei-lhe a Espanha de ter Rainha...

VIDA DE EINSTEIN

(Continuação da pág. 51)

na diria que sou alemão, e a Alemanha declararia que sou judeu".

V

Ninguém ficou mais surpreendido que o próprio Einstein com o repentino dilúvio de fama que desceu sobre ele. Como Byron, ele despertou um dia para encontrar seu nome em todas as bocas. Não apenas os cientistas, mas milhões de homens comuns do mundo inteiro tinham-no transformado em um ídolo familiar. Os resultados das expedições astronômicas haviam sido telegrafados para todos os jornais. Einstein era constantemente obrigado a tirar fotografias, dar entrevistas, recusar ofertas de Hollywood — inclusive um convite para filmar uma película a quarenta mil dólares semanais. "Isto não há de durar. Não pode durar. O povo enlouqueceu temporariamente, e amanhã há de esquecer tudo". A fama era última coisa que ele desejaria. Quando viu a sua notoriedade crescer de mês para mês, começou a ficar francamente exasperado. Esperara passar a vida inteira em tranquilas investigações científicas. E agora o ruído dos aplausos não o deixava meditar em paz. Que queria dele aquela gente? Por que não lhe permitiam viver como todo mundo? Que insânia era aquela? "Todos falam em mim, e ninguém me entende".

(Continua no próximo número)

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO, que conservará o seu porte elegante. A perda de peso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE, USE ESTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquiagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

E LEMBRE-SE QUE O SEGREDO DE UMA LINDA CABELEIRA SEM CASPAS E

CABELOS BRANCOS ESTÁ EM

EUTRICHOL ESPECIAL

EXPERIMENTE-O E VERÁ

MULTIFARMA

PRAÇA PATRIARCA, 26-2.

S. PAULO

Remessa pelo Reembolso Postal



MARIA DO CARMO FERREIRA (Campina Grande, Paraíba) — Só poderemos dizer algo se a senhora citar o número em que saiu a notícia.

LILIA DE BARROS (São Paulo) — Seu conto "Quininha" será publicado num dos próximos números.

MARIA DA CONCEIÇÃO S. COIMBRA (Joinville) e THERESA DE ALMEIDA (Livramento, Rio Grande do Sul) — Seus contos "Inocência" e "Corvos no Corredor" foram aproveitados.

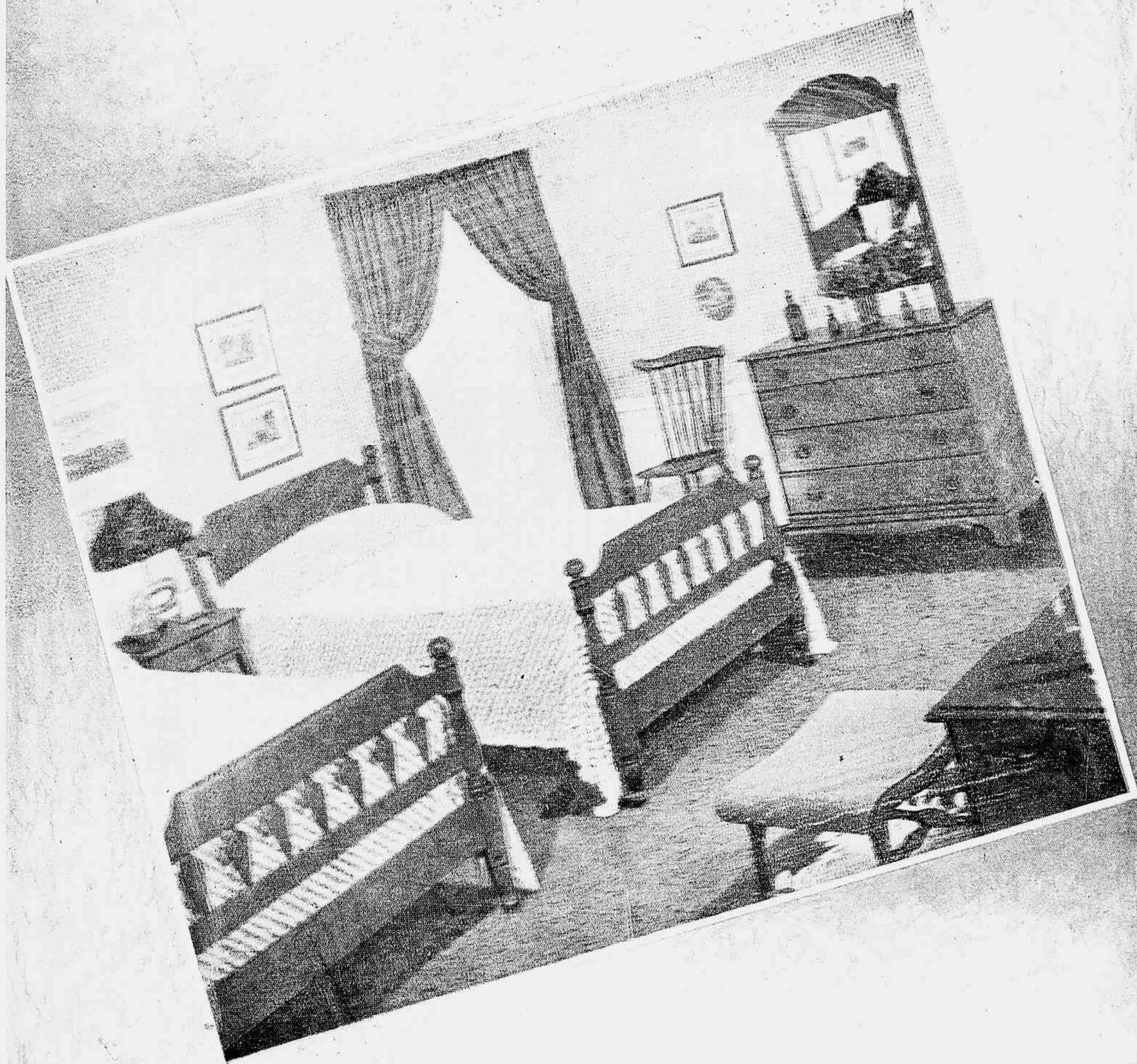
I. C. S. — (Itajaí, Santa Catarina) — Evite histórias de horror. Seu "Engano Fatal" está bem escrito; mas o tema não se presta para esta revista. Mande-nos outros.

N. D. — Seu conto "Mergulho na Flôr do Tempo" está muito bonito e fraco. Mande-nos outros, melhor e com um título compreensível.

R. Q. P. (Rio) — Não é possível publicar seu "Conto Póstumo". O amigo tem imaginação. Mande-nos uma história menos fantástica.

C. R. (Território Federal do Rio Branco) — Você abusa da linguagem matuta e isso desvirtua sua produção. Tente outro estilo, de acordo com a nossa simpatia.

F. J. da S. (São Paulo) — "Vingança do Coronel" está muito fraco. Procure um assunto mais expressivo.



"COLONIAL AMERICANO"

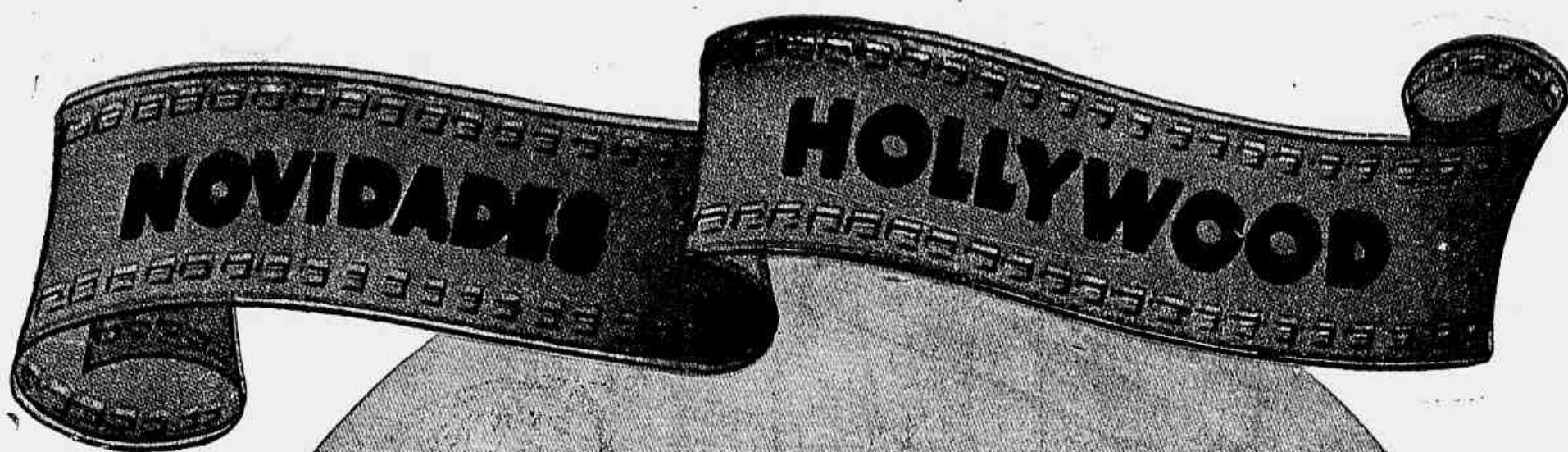
Rusticidade e solidez, que se harmonizam com os nossos hábitos simples. Neste conjunto, todo em azul, os móveis de pau marfim sobressaem no tapêto aveludado de lã; pouff matelassé; cortinas em sanderlin sôbre voile branco

MÓVEIS E DECORAÇÕES

orçamentos e sugestões executados por técnicos-decoradores



65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO



Hollywood - Calif. — Está despertando o maior interesse em Hollywood o novo filme da Metro Goldwyn Mayer — "Sua Espôsa e o Mundo", com Katherine Hepburn, Spencer Tracy, Van Johnson, Angela Lansbury, Adolphe Menjou e Lewis Stone. O filme é dirigido por Frank Capra e será brevemente lançado no Brasil.

Quando artistas como Katherine Hepburn, Spencer Tracy, Van Johnson ou Angela Lansbury escolhem um cigarro, não é o preço que os atrai, mas a *qualidade*! E é por isso que preferem cigarros onde entra a mesma alta qualidade de tabaco que você encontra nos cigarros Hollywood. Você está certo escolhendo Hollywood!

CIGARROS
Hollywood

Cada cigarro Souza Cruz é sempre
o melhor em sua classe.



CIA. DE CIGARROS
Souza Cruz